

“Ciência e Sociedade”, Sr. A. H. Nimtz & Bakunin

René Berthier

“A análise marxista de Bakunin é, ao que parece, predeterminada pela análise pouco lisonjeira do mestre (...). De fato, os argumentos marxistas contra Bakunin são claramente identificáveis como argumentos de autoridade (todo trocadilho possível). Assim, Bakunin emerge como um ‘voluntarista’ sem nenhuma compreensão da economia política ou do funcionamento do capital, ou seja, como um ‘bandido’ impaciente e ‘apolítico’ e um ‘ignorante’ teórico – pela simples razão de que ele ousa discordar da doutrina historicamente contestada e, como argumentarei, filosoficamente tênue, já que ele ousou cruzar com Marx em sua atividade revolucionária. Essa acusação condenatória de Bakunin é feita apesar do fato de que nenhum marxista tenha realmente realizado uma análise aprofundada dos escritos teóricos de Bakunin. Por isso, pode-se acusar os estudiosos marxistas de serem, no mínimo, desinformados.”

Paul McLaughlin. *Mikhail Bakunin:
a base filosófica de seu anarquismo.*
Algora Publishing

A tradução e a publicação de *Social-democracy and Anarchism*¹ me colocaram diante de uma situação com a qual eu não estava mais acostumado. Em várias ocasiões, fui confrontado com o antiquado argumento comunista sobre as relações entre Marx e Bakunin. Havia, por exemplo, essa crítica sulfurosa, que qualifiquei como “brezhneviana”, no site do Partido Comunista da Grã-Bretanha². Fazia anos que eu não enfrentava esse tipo de discussão. Na França, os debates entre marxistas e anarquistas tomaram um rumo diferente, exceto em alguns grupos de extrema esquerda particularmente dogmáticos. Os comunistas franceses estão começando a considerar a possibilidade de que, afinal de contas, pensando bem, e considerando todas as coisas, o esmagamento da insurreição de Kronstadt pode ter sido um erro. Há uma evolução tímida semelhante em relação a Marx e à Internacional: talvez, afinal de contas, ele tenha agido de forma um pouco burocrática... Então, durante uma visita a Londres para apresentar meu livro, Tony Zurbrugg, editor e tradutor de *Social Democracy & Anarchism*, me deu a edição da *Science & Society*, na qual o Sr. A.H. Nimitz escreveu um artigo intitulado “Another ‘Side’ to the ‘Story’” (Outro lado da história)³. Encontrei nesse artigo o mesmo tipo de argumento que os anarquistas enfrentavam nas décadas de 70 e 80 quando debatiam com comunistas “ortodoxos” (“brezhnevianos”) ou com trotskistas.

A leitura do Sr. Nimitz me fez lembrar de Jacques Duclos, conhecido líder do partido comunista francês. Duclos publicou um livro em 1974, *Bakounine et Marx. Ombre et lumière* (“Bakunin e Marx, Sombra e Luz”)⁴, sobre o qual Marianne Enckell, uma historiadora suíça, disse que “em quinhentas páginas ele contém

¹ *Social-democracy and Anarchism in the International Workers' Association, 1864-1877*, por Rene Berthier, Merlin Press. <http://www.merlinpress.co.uk/acatalog/Social-Democracy-and-Anarchism.html>

² “Trabalho de machado de guerra bakuninista”, http://monde-nouveau.net/ecrire/?exec=article&id_article=605 e minha resposta: “Sobre Mike Macnair e machadinhas” <http://monde-nouveau.net/spip.php?article607>

³ “Another ‘Side’ to the ‘Story’” (Outro lado da história), *Science & Society*, julho de 2016, Vol. 80, N° 3.

⁴ http://www.monde-nouveau.net/IMG/pdf/Soli_38_-_juin_1974_Le_bon_la_brute.pdf

apenas uma ideia e mil falsidades”⁵. A única ideia – uma das obsessões de Marx – é que Bakunin era um agente do czar. Enckell acrescenta que esse livro lança uma luz sobre os limites do espírito da ortodoxia. Para dar uma ideia da abordagem “científica” a que esse líder stalinista recorreu, Duclos resumiu o trabalho construtivo da socialização da economia na Espanha, durante a guerra civil, dizendo que os anarquistas haviam coletivizado os salões de cabeleireiro. Não sei o que o Sr. Nimtz pensa sobre esse tópico em particular, e não tenho certeza se quero saber, mas o fato é que ele consegue concentrar em três páginas todos os argumentos estereotipados do marxismo contra Bakunin.

Embora muito mais curto (3 páginas) do que o livro de Duclos (336 páginas), o artigo do Sr. Nimtz segue o mesmo método, ele “está de acordo com a verdade unilateral proposta pelo corpo diretivo da IWA. Como se em cem anos os historiadores nunca tivessem feito pesquisas, nada tivesse sido concluído, reavaliado, refutado.”⁶ O que o Sr. Nimtz escreve está até bem abaixo do que escreveu um historiador marxista perfeitamente ortodoxo (mas ainda assim honesto), contemporâneo de Marx: Franz Mehring. O problema é que Mehring, que ousou fazer algumas críticas a Marx e concedeu a Ferdinand Lassalle um papel na fundação do socialismo alemão [*o que é o mínimo que um historiador poderia fazer*], não recebeu o elogio de um mandarim marxista anglo-saxão, Hal Draper. Proclamado intérprete da doutrina marxista, Draper é autor de uma obra volumosa, *A Teoria da Revolução de Karl Marx* em cinco volumes, que se tornou uma espécie de Bíblia marxista anglo-saxônica. Não é preciso dizer que o método de Draper ao lidar com a relação Marx/Bakunin é estritamente consistente com a ortodoxia marxista e não se desvia do caminho estabelecido pelo mestre.

Senti a necessidade de escrever algumas páginas para completar de alguma forma minha *Social-democracia e Anarquismo*, libertando-me das exigências que um autor é obrigado a cumprir em um livro publicado. Portanto, não se deve, de forma alguma, considerar o que se segue como uma resposta ao Sr. Nimtz, porque

⁵ “L’emploi du temps (Marx, Bakounine et... Duclos)”, *Interrogations* n°1, dezembro de 1974. – <http://archivesautonomies.org/spip.php?article2202>

⁶ Marianne Enckell, *loc. cit.*

seu artigo, na verdade, não exige uma resposta. Além disso, sei que há algo injusto e desproporcional em responder a 80 páginas de um artigo de três páginas. Mas, como já disse, não pretendo responder ao Sr. Nimitz, mas sim comentar seu argumento que, em minha opinião, é bastante paradigmático dos pré-conceitos e equívocos nos círculos acadêmicos e marxistas.

A argumentação do Sr. Nimitz é sintomática da atitude marxista dominante e do discurso marxista, ignorante dos fatos, arcaico, dogmático, arrogante e desprovido de qualquer espírito crítico. Achei necessário divulgar o ponto de vista libertário sobre as questões levantadas pelo Sr. Nimitz para que o leitor possa ter acesso a outra abordagem.

Há uma espécie de monopólio 1) acadêmico e 2) marxista sobre essas questões que considero um pouco irritante. É por isso que não me sinto compelido a proceder com a polidez e a reserva habituais que os acadêmicos usam em seus escritos – além do fato de eu não ser um “acadêmico”⁷. E além do fato de que ele foi particularmente arrogante com Anthony Zurbrugg, a quem ele responde em seu artigo. Não há melhor maneira de situar a lacuna entre a visão marxista e a visão anarquista da história do que citar Marianne Enckell:

“Uma de minhas esperanças e uma das razões pelas quais me tornei historiador é que o diálogo de surdos entre Marx e Bakunin, entre marxistas dogmáticos e bakuninistas frenéticos, deve ser interrompido e que as questões políticas levantadas há mais de um século na IWA devem ser melhoradas. Com muita frequência, os discípulos olham para trás, martelando frases de seus mentores que não passam de representações fixas.”⁸

⁷ René Berthier é um militante anarco-sindicalista francês (aposentado), membro da Federação de Gráficos da CGT desde 1972. Ele exerceu mandatos por muitos anos como delegado sindical, como presidente de seu sindicato e em nível nacional. Ele também é membro da Federação Anarquista desde 1984.

⁸ Marianne Enckell, *Interrogations* n° 1, dezembro de 1974.

1. – Registros

Há um provérbio francês sobre o homem que vê a palha no olho do vizinho, mas não a viga que está em seu próprio olho⁹. Esse provérbio combina muito bem com o Sr. Nimitz. Ele parece concentrado na ideia da excepcional profusão da edição e exegese dos textos de Marx (prova da seriedade e dedicação de seus seguidores) – em contraste com a pobreza de publicação dos textos de Bakunin (prova, ao contrário, da pouca seriedade dos partidários do revolucionário russo): “Bakunin e seus partidários não deixaram o tipo de registro que seus rivais deixaram – *o que por si só é revelador*” [*grifo meu*], podemos ler logo na primeira frase de seu artigo.

De acordo com o Sr. Nimitz, “muitos dos documentos [*escritos por Bakunin*] que poderiam ser relevantes para as questões substantivas e organizacionais (...) nunca foram concluídos ou publicados durante sua vida”. August H. Nimitz também escreve que “a maior parte do que se sabe sobre Bakunin e outros com relação à discussão [*com Marx na Internacional*] vem dos documentos, cartas, etc. que Marx e outros deixaram”. No final de seu artigo, ele reitera sua “confiança nos documentos do partido de Marx para contar a história da disputa entre Marx e Bakunin”. O Sr. Nimitz simplesmente retoma os argumentos falaciosos de Hal Drapers, dos quais eu já disse o que penso.¹⁰

Embora seja verdade que os escritos de Bakunin não tenham se beneficiado do mesmo trabalho exegetico e editorial maciço de Marx, eles não têm nada de confidencial. O Sr. Nimitz não é muito curioso. Para falar apenas do período “anarquista” de Bakunin (1868-1876¹¹), a maioria de suas obras – artigos ou livros – foi publicada durante sua vida: elas eram totalmente acessíveis a qualquer pessoa que se desse ao trabalho de entrar em uma biblioteca. Dos 152 escritos de Bakunin registrados entre 1838 e 1876, 104 foram publicados durante sua vida e 48 postumamente. A

⁹ “As pessoas que vivem em casas de vidro não devem atirar pedras”?

¹⁰ René Berthier, “Social-democracy & Anarchism. – Sobre Mike Macnair e machadinhas” (<http://monde-nouveau.net/spip.php?article607>)

¹¹ Na verdade, entre 1868 e 1874, porque sua saúde o obrigou a interromper praticamente todas as atividades intelectuais nos últimos dois anos de sua vida.

isso se somam 1.076 cartas, 519 delas em russo, 402 em francês e 62 em alemão.¹²

O Sr. Nimitz “presumiu” que uma coleção dos escritos de Bakunin estava disponível, mas “não conseguiu localizá-la”; prova, mais uma vez, da pouca seriedade da edição dos textos de Bakunin. O Sr. Nimitz certamente deve estar brincando. Não sei a quantidade de escritos de Bakunin disponíveis em inglês, mas já faz muito tempo que a maioria de seus escritos está disponível em francês – o idioma em que a maioria de seus livros foi escrita, exceto *Statism and Anarchy*, que foi escrito em russo.

A correspondência de Bakunin é algo diferente. Hal Draper sugere que “uma boa parte de sua correspondência” foi destruída pelos seguidores de Bakunin com a intenção de ocultar a verdade [*que verdade?*] para o público. Isso é típico da mentalidade de Draper. O próprio Bakunin destruiu regularmente sua correspondência, por motivos de segurança. Ele também costumava pedir a seus correspondentes que destruíssem as cartas que lhes enviava e, felizmente, alguns deles não o fizeram, pois temos acesso a elas hoje.

Em 1898, a filha mais nova de James Guillaume morreu, causando uma profunda crise de desespero. Guillaume queimou parte de seus arquivos, incluindo alguns dos documentos de Bakunin. Além disso, a correspondência particular e íntima de Bakunin foi entregue à sua esposa e parcialmente destruída. Parte dos arquivos de Bakunin estava no Museu Kropotkin, em Moscou, e desapareceu em 1938. Outra parte de seus arquivos estava na Universidade de Nápoles e foi destruída em setembro de 1943 pelos alemães.

Os arquivos de Bakunin estavam dispersos entre um grande número de pessoas (Sra. Bakunin, James Guillaume, Reclus, Marie Goldsmith, Bellerio, Charles Perron, Gambuzzi, Jules Perrier, etc.). Max Nettlau conseguiu a proeza de reunir a maior parte deles. Os arquivos de Bakunin foram confiados ao Instituto Internacional de História Social em Amsterdã em 1935, editados por Arthur Lehning entre 1961 e 1981. Tudo isso explica por que a correspondência de Bakunin não foi confiada aos cuidados exegeticos dos acadêmicos:

¹² Veja: Pierre Péchoux, “Diffusion d'une œuvre: Bakounine. Publications dans la langue originale et en traduction”. *Revue d'Études slaves*, 1984, vol. 56, pp. 629-633.

ele passou seu tempo fugindo da polícia e participou de quatro insurreições, enquanto Marx estava estudando no Museu Britânico – algo pelo qual ele não deve ser culpado, no entanto.

Vemos que a dificuldade com a correspondência de Bakunin não vem da incompetência ou da indiferença de seus seguidores, como sugere o Sr. Nimitz, mas da extrema dificuldade dos pesquisadores em centralizá-la. Se a maior parte de seus arquivos está hoje em em Amsterdã, ainda assim mais de 40 outras instituições de arquivo possuem de uma a muitos milhares de páginas de seus manuscritos

A arrogância daqueles que questionam os arquivos de Bakunin e, em particular, sua correspondência, será mais modesta quando os lembrarmos de que Laura, a filha de Marx, destruiu a correspondência entre seus pais. Além disso, muitas das cartas pessoais de Marx foram removidas ou modificadas e censuradas. Bernstein e Mehring não hesitaram em mutilar a correspondência de Marx-Engels. Ryazanov precisou de grandes esforços para restaurar as passagens que haviam sido cortadas ou diluídas.¹³

Seis volumes das obras de Bakunin foram publicados pela Editions Stock entre 1895 e 1913, republicados novamente pela mesma editora em 1980. Entre 1961 e 1981, o Instituto Internacional de História Social de Amsterdã lançou sete grandes volumes de suas obras, reimpressos em 8 volumes pela Éditions Champ Libre de 1973 a 1984. A Éditions Tops-Trinquier reimprimiu os volumes III, IV e VII em 2003.

O CD que o Sr. Nimitz menciona foi publicado em 2000, mas não é a expressão de uma atividade editorial confidencial: é antes a expressão da ampla distribuição das obras de Bakunin. Há inúmeras reedições de suas várias obras, edições comentadas, textos selecionados e há um fluxo interminável de livros publicados hoje em dia analisando seu pensamento, até mesmo em inglês (veja o anexo).

G.P. Maximoff, um anarco-sindicalista russo que fugiu para os Estados Unidos, publicou em 1953 *The Political Philosophy of Bakunin: Scientific Anarchism (Anarquismo Científico)*, uma compilação de trechos organizados sistematicamente que oferece uma excelente visão do pensamento do revolucionário russo. Há várias obras desse tipo em francês. Uma das mais interessantes foi

¹³ “Esquisse pour un portrait de Marx”, Victor Fay, *L'Homme et la Société*, année 1968, vol. 7, n° 1, p. 273.

publicada por François Munoz em 1965: *Bakounine La liberté*, choix de textes.¹⁴

Não podemos nos esquecer de um livro fundamental em dois volumes publicado em 1975: *Marx/Bakunin, Socialisme autoritaire ou libertaire* (Union générale d'éditions). Esses dois volumes apresentam textos didáticos coletados por Georges Ribeill e escritos pelos dois homens, estabelecendo os termos do debate.

O trabalho de Georges Ribeill e o de François Munoz contribuíram muito para a formação dos militantes libertários de minha geração.

Mais recentemente, a Merlin Press publicou *Bakunin, textos selecionados* traduzidos por A. W. Zurbrugg. É verdade, porém, que a maior parte da correspondência de Bakunin não estava acessível ao público até a publicação do CD pelo Instituto de Amsterdã, enquanto a de Marx e Engels foi objeto de edições (e manipulações) sistemáticas.¹⁵

¹⁴ Éditions Jean-Jacques Pauvert, 1965. Ver também:

• Pierre Péchoux, “Écrits et correspondance de Bakounine : bilan des publications”, em : *Bakounine, Combats et débats*, Institut d'Études slaves, pp. 45-61 (1979)

• Arthur Lehning, “Michel Bakounine et les historiens. Un aperçu chronologique.” em : *Bakounine, Combats et débats*, Institut d'Études slaves, pp. 17-45. (1979)

• “Les papiers de Michel Bakounine à Amsterdam, Jaap Kloosterman <http://www.iisg.nl/archives/docs/bakarch.pdf>

• Marc Vuilleumier, “Les archives de James Guillaume”, *Le Mouvement social*, julho-setembro de 1964, pp. 95-108. E, sem dúvida, se o Sr. Nimitz consultar <http://scholar.google.co.uk>, ele encontrará muitas referências sobre Bakunin em inglês. O trabalho mais interessante na perspectiva da abordagem restrita do Sr. Nimitz sobre Bakunin seria provavelmente o de Arthur Lehning, *Bakounine et les autres* [“Bakunin e os Outros”]. É uma compilação de documentos – amigáveis e não tão amigáveis – de contemporâneos de Bakunin: cartas, artigos, notas, memórias, relatórios policiais, etc. (Union générale d'Éditions, 1976. – Reimpresso por Éditions Nuits rouges, 2013.) E eu aconselharia muito o Sr. Nimitz a ler pelo menos dois livros; um sobre Bakunin:

• Paul McLaughlin: *Mikhail Bakunin, the Philosophical Basis of Anarchy*, Algora Publishing, Nova York (2002). (“O primeiro estudo filosófico de Bakunin em língua inglesa”); o outro sobre a IWA: – Wolfgang Eckhardt, *The First Socialist Schism*, PM Press 2016.

¹⁵ O Sr. Nimitz deveria consultar os seguintes textos que dizem respeito à publicação das obras de Bakunin: – Arthur Lehning, “Michel Bakounine et

E quanto a Marx

Dois de seus textos mais fundamentais não foram publicados durante sua vida: um teórico: *German Ideology* (1932); o outro, programático: *Crítica do Programa de Gotha* (1891). Sem mencionar os *Manuscritos de 1844* (1932), *Introdução à Crítica da Economia Política* (1903); *Lutas de Classe na França*, 1895.

Os *Grundrisse* foram publicados pela primeira vez na Alemanha Oriental em 1953 (1939, de acordo com outras fontes) e a primeira tradução francesa foi feita em 1967.

É claro que não se pode esperar que toda a obra de um autor como Marx seja publicada instantaneamente. Quero apenas colocar em perspectiva a imagem que o Sr. Nitz dá de um Marx cujos textos são imediatamente publicados e comentados por um batalhão de exegetas. Alguns dos textos fundamentais de Marx não foram publicados antes de alguns dos textos fundamentais de Bakunin.

A primeira edição completa, ou MEGA (de Marx-Engels GesamtAusgabe), começou na URSS *na década de 1920*, sob a direção de Ryazanov, que foi expurgado por Stalin e não conseguiu concluir seu projeto. Uma segunda edição se seguiu, a MEW (Marx Engels Werke), que ainda é a edição mais difundida, mas não é de forma alguma uma edição completa ou científica: ela não respeita os textos originais, contém notas e prefácios altamente ideológicos e se baseia em uma edição altamente influenciada pela Rússia soviética.

les historiens. Un aperçu chronologique.” em : *Bakounine, Combats et débats*, Institut d'Études slaves, pp. 17-45. (1979) – “Les papiers de Michel Bakounine à Amsterdam, Jaap Kloosterman” <http://www.iisg.nl/archives/docs/bakarch.pdf> – Marc Vuilleumier, “Les archives de James Guillaume”, *Le Mouvement social*, juillet-septembre 1964, pp 95-108.E, sem dúvida, se o Sr. Nitz consultar <http://scholar.google.co.uk>, ele encontrará muitas referências sobre Bakunin em inglês. O trabalho mais interessante na perspectiva da abordagem restrita de Bakunin do Sr. Nitz seria provavelmente o de Arthur Lehning, *Bakounine et les autres*. Trata-se de uma compilação de documentos – amigáveis e não tão amigáveis – de contemporâneos de Bakunin: cartas, artigos, notas, memórias, relatórios policiais, etc. E eu aconselharia muito o Sr. Nitz a ler pelo menos dois livros; um sobre Bakunin: – Paul McLaughlin: *Mikhail Bakunin, the Philosophical Basis of Anarchy*, Algora Publishing, Nova York (2002). (“O primeiro estudo *filosófico* de *Bakunin* em língua inglesa”); o outro sobre a IWA:- Wolfgang Eckhardt, *The First Socialist Schism*, PM Press 2016.

Receio que o que o Sr. Nimitz diz sobre o entusiasmo com que os seguidores de Marx publicaram e comentaram suas obras seja um mito. Na França, por exemplo, se excetuarmos a tradução do Livro I de *O Capital* em 1875, *nenhum texto de Marx ou Engels foi publicado até 1880*¹⁶! O *Manifesto Comunista* não foi publicado na França até agosto de 1895 na forma de uma série em um jornal socialista, *Le Socialiste*, de modo que sua circulação foi consideravelmente reduzida e o texto não estava disponível em brochura. Ele apareceu em forma de panfleto somente em 1897, mais de 50 anos após sua primeira publicação e 21 anos após a morte de Bakunin! (A propósito, Bakunin havia traduzido a primeira edição do *Manifesto* para o russo¹⁷.)

As condições em que os escritos de Marx foram publicados na França são interessantes. Marx tinha dois partidários muito zelosos: seu genro, Paul Lafargue, e Jules Guesde. Mas, por mais zelosos que fossem, eles não queriam divulgar suas obras, preferindo publicar seus próprios textos, que consideravam mais acessíveis.

“... a relação que Guesde e Lafargue mantêm com a teoria de Marx e Engels não os leva a divulgar, prioritariamente, os textos dos dois teóricos. Consequentemente, são seus próprios panfletos, considerados mais eficazes, que os guesdistas, privados de editor, imprimiram¹⁸.”

Guesde¹⁹ e Lafargue tinham uma interpretação dogmática e mecanicista do marxismo. Marx tinha acabado de ler um livro particularmente flatulento, *The Economic Determinism of Karl Marx*, no qual Lafargue desenvolve uma interpretação extremamente

¹⁶ Ver: Jacqueline Cahen, “Les premiers éditeurs de Marx et Engels en France [1880-1901]

¹⁷ Consulte o Prefácio da publicação russa (1882). Também: Marx para Engels, 10 de abril de 1870.

¹⁸ Jacqueline Cahen, “Les premiers éditeurs de Marx et Engels en France (1880-1901)”, <https://chrhc.revues.org/2227>

¹⁹ Jules Guesde defendia uma ortodoxia marxista muito rígida. Ele defendia a subordinação dos sindicatos ao partido socialista. Sindicalistas e anarquistas revolucionários o combateram com sucesso até que as teses leninistas sobre a relação partido/sindicato, muito semelhantes às de Guesde, acabaram dominando após a Revolução Russa.

mecanicista e dogmática de seu pensamento. Foi nessa ocasião que ele proferiu a famosa frase: “Se isso é marxismo, eu, Karl Marx, não sou marxista”²⁰. Essas palavras foram muitas vezes mal interpretadas. Costuma-se dizer que Marx queria explicar que não desejava criar um sistema, uma ortodoxia. A realidade é muito mais trivial: ele simplesmente queria se dissociar da interpretação vulgar de seu gênero.

Se menciono essa anedota, é para mostrar que a publicação e a exegese do pensamento de Marx por seus seguidores foi algo muito trabalhoso e nem sempre muito glorioso. Como mostra sua correspondência, Marx era permanentemente confrontado com seguidores que não entendiam muito sobre suas teorias, e isso vale tanto para a Alemanha quanto para a França. Bebel leu *O Capital* dois anos após sua publicação e Marx escreveu a Engels que Liebknecht não havia lido quinze páginas do livro (Marx para Engels, 25 de janeiro de 1868).

Bakunin provavelmente foi um dos raros que realmente leu o livro²¹. Marx havia lhe enviado o Vol. 1 quando ele foi publicado. Bakunin sempre o considerou uma referência necessária para os trabalhadores: “Ele deveria ter sido traduzido para o francês há muito tempo”, escreveu ele, “pois nenhum outro contém uma análise tão profundamente esclarecida, científica, decisiva e, se eu pudesse dizer, tão terrivelmente desmascaradora da formação do capital burguês”, etc. O único problema, acrescenta Bakunin, é que seu estilo é “muito metafísico e abstrato”, o que o torna difícil de ler para a maioria dos trabalhadores. *O Capital*, diz Bakunin novamente, “nada mais é do que a sentença de morte, cientificamente motivada” da burguesia.²²

Os coletivistas da Primeira Internacional concordaram com Bakunin nesse ponto: assim, Carlo Cafiero, um seguidor de Bakunin (ex-seguidor de Engels, portanto, ele sabia do que estava falando), escreveu um “Resumo” de *O Capital* para que pudesse ser lido pelos

²⁰ Ver carta de Engels a Bernstein, 2 de novembro de 1882.

²¹ Estranhamente, os Lassalleanos, entre os quais estava Schweitzer, levaram *Das Kapital* muito a sério, ao contrário dos Eisenachianos – pelo menos no início.

²². Bakounine, *Œuvres*, Champ libre, VIII, 357.

trabalhadores, e James Guillaume, outro seguidor de Bakunin, escreveu um prefácio. Uma atitude particularmente não sectária.²³

R.P. Morgan confirma o ponto de vista de Bakunin quando escreve que “os jornais socialistas na Alemanha concordaram em reconhecer a importância do livro, mas quase todos eles se limitaram, ao publicar trechos, à introdução relativamente simples, e mesmo sobre isso (com exceção do *Social-Demokrat* de Schweitzer) não tentaram fazer comentários detalhados”²⁴. A ironia da história é que os Lassalleanos estavam mais interessados no *Capital* do que os Eisenachianos.

E hoje?

As coisas não parecem tão idílicas assim. As razões pelas quais as obras de Marx e Engels podem ter sido difundidas em massa, graças à Rússia e à China comunistas, talvez sejam também as razões pelas quais essa difusão pode não ter a qualidade necessária.

“Como podemos entender que não exista, no momento, nenhuma edição das obras completas de Marx na França, que suas principais obras, quando estão disponíveis, frequentemente circulam em edições que são, no mínimo, discutíveis? (...)

“No final de 2009, uma rápida olhada nas obras disponíveis revela que as várias tentativas de publicação sistemática de Marx, sejam elas científicas ou não, nunca foram concluídas. (...)

“...no mundo de língua inglesa, a edição das Obras Coletadas acaba de ser concluída, reunindo em 50 volumes grande parte das obras de Marx e Engels já conhecidas, que podem, além disso, ser encontradas em formato digital.

(...)

“O leitor dificilmente entende por que um texto permanece quase indetectável, outro está disponível em várias edições e por quais razões o aparato crítico e as

²³ *Compendio del Capitale*, Carlo Cafiero, 1878. Primeira publicação francesa: Stock, 1910. Republicado em 2008 e 2013, Éditions du Chien rouge.

²⁴ R.P. Morgan, *op. cit*, p. 133.

traduções datadas às vezes se encontram na vanguarda das ‘novas’ publicações²⁵.”

Portanto, não temos, como o Sr. Nimitz parece acreditar, de um lado um exército de discípulos competentes, dedicados e sérios que publicaram as obras de Marx e as comentaram, e do outro lado um bando de diletantes que não levaram as coisas a sério. Foi somente *na década de 1980* que nasceu o projeto de um segundo MEGA, livre da escória ideológica do MEW e explorando a enorme coleção de manuscritos deixados por Marx. Em outras palavras, a publicação verdadeiramente científica e não ideologicamente tendenciosa das obras de Marx começou dez anos após a publicação científica das obras de Bakunin pelo Instituto Internacional de História Social de Amsterdã!!!

Talvez eu deva mencionar Maximilien Rubel, um especialista em Marx reconhecido internacionalmente, que foi membro do Conselho Científico da Fundação Internacional Marx-Engels. Ele dirigiu a edição dos textos de Marx publicados na “Bibliothèque de la Pléiade”, uma prestigiosa coleção de edições da Gallimard. Rubel traduziu muitos dos textos inéditos de Marx para o francês. O Sr. Nimitz certamente gostará de saber que Rubel pensava que Marx era um teórico do anarquismo! Ele escreveu em 1973 um artigo intitulado “Marx, théoricien de l’anarchisme”²⁶ (“Marx, teórico do anarquismo”), que apareceu em seu livro *Marx critique du marxisme* (“Marx, crítico do marxismo”).²⁷

²⁵ Jean-Numa Ducange, “Éditer Marx et Engels en France : mission impossible ? A propos de Miguel Abensour et Louis Janover, *Maximilien Rubel, pour redécouvrir Marx*, et de diverses rééditions de Karl Marx, *Le Capital*”. <http://www.revuedeslivres.onoma6.com/articles.php?idArt=504&PHPSESSID=de465d3a71c64ce5283ba3c377d64bc9>

²⁶ Petite Bibliothèque Payot/Critique de la politique, 1974. Veja também minha refutação: “L’anarchisme dans le miroir de Maximilien Rubel”

(http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/Miroir_de_Rubel.pdf)

²⁷ Rubel não é o inventor da ideia de que Marx era um “anarquista”. Hans Kelsen, por exemplo, escreveu um artigo em 1925, “Marx oder Lassalle” [Marx ou Lassalle], no qual ele afirma que “a teoria política que Marx e Engels desenvolveram é puro anarquismo” (citado por Sonia Dayan-Herzbrun, *Mythes et mémoires du mouvement ouvrier. Le cas Ferdinand Lassalle*, Logiques sociales. L'Harmattan, 1990).

Alguns meses antes de sua morte, entrevistei Rubel na Radio libertaire, a rádio da Federação Anarquista Francesa, na esperança de obter detalhes sobre esse Marx “anarquista” (questionável). Claramente, ele não tinha intenção de falar sobre as teses que havia desenvolvido no início dos anos 70. Sempre que eu o questionava sobre o “anarquismo” de Marx, ele se esquivava e explicava que agora estava muito mais interessado em Proudhon. Demorou muito tempo para que eu entendesse essa mudança de atitude. Ele tinha se interessado muito pelas anotações que Marx havia escrito à margem de seu exemplar do livro de Bakunin, *Estatisme e anarchia*²⁸. Essas notas marginais revelam que Marx havia chegado a posições surpreendentemente próximas às de Proudhon. Mas essa é outra história.

O Sr. Nimitz está completamente enganado se pensa que a doutrina de Marx foi amplamente difundida durante sua vida: ela era quase completamente desconhecida simplesmente porque *Marx não havia sido muito publicado* – o que leva ao seu devido lugar sua observação sobre a ausência de “debate” entre ele e Bakunin, e a ausência de disseminação dos escritos de Bakunin. Fora da Alemanha, os de Marx não foram mais divulgados, de fato.

Havia na Alemanha um acordo implícito para designar Lassalle e Marx como co-fundadores da social-democracia (uma tese que desagradava fortemente Hal Draper), além das divergências entre os dois homens e apesar da influência predominante de Lassalle. Esse foi particularmente o caso após a fundação do partido social-democrata alemão em Gotha, em 1875, a partir da fusão dos Eisenachianos (que podem ser considerados vagamente “marxistas”) e dos Lassalleanos. Naquela época, Marx e Engels estavam de fato afastados do movimento trabalhista alemão. Até sua morte em 1884, Lassalle era o único contato deles com a classe trabalhadora na Alemanha. Liebknecht e Bebel, por outro lado, estavam mais preocupados em criar uma oposição democrática à Prússia do que em desenvolver um movimento socialista, e contavam com todos os democratas – trabalhadores manuais, advogados, professores, comerciantes. E quando o partido de Eisenach foi criado em 1869,

²⁸ H. Mayer, *Marx on Bakunin: A neglected text. – K. Marx, Marginal notes on Bakunin's "Statism and anarchy"*. Étude de Marxologie n° 2, outubro de 1959.

sua composição social era muito variada. Bebel venceu uma campanha eleitoral em 1867 em um distrito eleitoral semi-rural dominado por manufaturas domésticas.

Quando Engels escreveu em 1865 que Liebknecht era “o único contato confiável que temos na Alemanha”²⁹, é preciso lembrar que:

a) Ele era um contato que Marx e Engels consideravam “simplório”³⁰, alguém “não suficientemente dialético para criticar dois lados ao mesmo tempo”;

b) Que Liebknecht era materialmente dependente de não-socialistas e de organizações não-socialistas;

c) O fato de ele sempre ter demonstrado (e a Bebel também) um interesse muito leve pelo Internacional.

Marx havia feito uma crítica severa ao programa socialista adotado em Gotha, cuja inspiração era claramente lassalleana: o congresso terminou com a canção da “Marselhesa dos Trabalhadores”, cujo texto dizia: “Seguimos o caminho audacioso que nos foi mostrado por [...] Lassalle” – o que certamente não agradou a Marx.

Os líderes socialistas não queriam saber das discordâncias de Marx com relação ao programa de Gotha, por isso o texto crítico de Marx não foi publicado. E quando Marx pediu a Liebknecht que o transmitisse a Bebel, Liebknecht se recusou. Quando Bebel acabou lendo essas notas críticas em 1891 (Marx estava morto), ele tentou por todos os meios impedir sua publicação... Lassalle era visto como o homem que havia dado vida ao movimento trabalhista alemão após o fracasso de 1848. Foi Lassalle quem criou as estruturas teóricas e organizacionais do que logo seria chamado de social-democracia alemã.

Marx mantinha correspondência com Lassalle desde 1848 e, a princípio, estava satisfeito com as constantes referências que seu amigo (e, no entanto, rival) fazia às suas ideias. De fato, Lassalle contribuiu para difundir as ideias de Marx na Alemanha. Exilado na Inglaterra, Marx provavelmente achava que sua superioridade intelectual acabaria prevalecendo. Talvez isso explique por que ele sempre se absteve de atacar Lassalle publicamente. Em particular, a

²⁹ Engels para Marx, 7 de agosto de 1865.

³⁰ Marx para Kugelmann, 24 de junho de 1868.

situação era outra. Na correspondência de Marx e Engels aparece o medo e também a amargura dos dois homens diante da ideia de que o agitador socialista usurparia e distorceria suas ideias. “Aquele fanfarrão mandou reimprimir na Suíça o panfleto que você tem, o discurso sobre a ‘propriedade dos trabalhadores’, com o pomposo título de *Programa dos Trabalhadores*. Como você sabe, a coisa é nada mais nada menos do que uma vulgarização mal feita do *Manifesto* e de outras coisas que defendemos com tanta frequência que já se tornaram comuns até certo ponto. (...) Isso não é a maior desfaçatez? O sujeito evidentemente se acha destinado a assumir o controle de nossas ações. E, além disso, como é absurdamente grotesco³¹!”

“Lassalle é o homem que conecta Marx e Engels organicamente ao movimento trabalhista alemão: portanto, não é sem alguma razão que Bakunin declara que ele de fato realizou o que Marx gostaria de ter feito. Pode-se imaginar que Marx e Engels desenvolveram um ciúme exasperado e uma frustração em relação a Lassalle. Até sua morte prematura em 1864, Lassalle *era* o movimento trabalhista alemão. Bakunin estava perfeitamente certo ao observar que foi somente após sua morte que Marx atacou aberta e publicamente seu amigo e rival, mas já era tarde demais: O lassallismo estava firmemente ancorado na classe trabalhadora alemã. E, sem dúvida, não foi a menor das frustrações para Marx ter de ver, até o fim de sua vida, o triunfo póstumo de Lassalle, que a ‘Crítica do programa de Gotha’ não conseguiu apagar³².”

A questão reapareceu em 1913, durante o quinquagésimo aniversário da fundação do ADAV, o partido de Lassalle³³. Dois homens se confrontaram sobre o lugar respectivo de Lassalle e Marx

³¹ Marx para Engels, 28 de janeiro de 1863.

³² René Berthier, *Bakounine politique, Révolution et contre-révolution en Europe centrale*. Éditions du Monde libertaire, 1991, p. 201.

³³ Com relação a Ferdinand Lassalle, consulte Sonia Dayan-Herzbrun: – *Mythes et mémoires du mouvement ouvrier – Le cas Ferdinand Lassalle*, éditions L’Harmattan, 1990.- *L’invention du parti ouvrier – Aux origines de la social-démocratie (1848-1864)*, éditions L’Harmattan. 1990.

na gênese do movimento trabalhista alemão: Franz Mehring defendeu Lassalle em nome da verdade histórica; Karl Kautsky, por sua vez, foi o porta-voz do que está começando a se tornar a ortodoxia marxista.

Pode-se considerar que Kautsky é o inventor do “marxismo”. O “marxismo” levou muito tempo para ser reconhecido como uma doutrina política; na Alemanha, por causa da forte impregnação do pensamento de Lassalle; na França, por causa da falta de visão dos discípulos mais próximos de Marx, Lafargue e Guesde, mas também por causa das brigas permanentes e sórdidas da meia dúzia de pequenos partidos socialistas e, provavelmente, acima de tudo, por causa da influência dominante do sindicalismo revolucionário e do anarquismo até a guerra. Ao contrário do que alguns idealistas parecem acreditar, a expansão do marxismo não foi o resultado de uma iluminação brutal, mas de laboriosas tentativas e erros.

2. – Debates, democracia e maioria

Houve algum debate dentro da IWA?

M. Nintz escreve que não houve “nenhuma exposição aberta e debate sobre as diferenças de princípios” entre Marx e Bakunin; ele reclama da “falta de um debate público sobre as diferenças políticas substanciais”. Ele se pergunta por que “o partido de Marx e seus partidários posteriores foram tão conscienciosos em completar e publicar seu lado da história”.

O lado “deles” da história pode ser encontrado em um livro publicado em 1972 em Moscou, *Marx, Engels, Lenin, anarchism and anarcho-syndicalism*³⁴. Das 200 páginas escritas por Marx e Engels, 40 são cartas que eram inacessíveis ao público na época. Grande parte dos textos diz respeito ao anarquismo, mas não especificamente a Bakunin, mas ele é chamado de “asno” e “Mohammed-Bakunine, um Mahomet sem Alcorão”³⁵; um “papa”³⁶; ou um “imperador”³⁷. Ficamos sabendo que ele é um “homem sem nenhum conhecimento

³⁴ Moscou, Progress Publisher, 1972.

³⁵ Carta a Lafargue, 19-04-1870.

³⁶ Engels para Cafiero, 14 de junho de 1872.

³⁷ *The Labor Standard*, março de 1878.

teórico” e que “como teórico ele é zero”³⁸. É claro que eles nunca explicam em que Bakunin não tinha “nenhum conhecimento teórico” e em que “como teórico ele é zero” – além do fato de que essa observação contradiz Engels ao dizer que Bakunin deveria ser respeitado porque “ele entendia Hegel”³⁹.

As ideias de Bakunin são distorcidas ao extremo com alusões depreciativas a seu físico: “Eu gostaria muito de saber se o bom Bakunin confiaria sua estrutura corpulenta a um vagão de trem se essa ferrovia fosse administrada com base no princípio de que ninguém precisaria estar em seu posto a menos que escolhesse se submeter à autoridade dos regulamentos”⁴⁰.

Bakunin é rotulado como um “Stirneriano” por Engels em seu *Ludwig Feuerbach and the End of Classic German philosophy* (1888) e em uma carta a Max Hildebrand⁴¹, o que é um absurdo total.⁴²

James Guillaume é chamado por Engels de “pedante de estilo reto que aplicou o fanatismo dos calvinistas suíços à doutrina anarquista”, e de “mestre-escola de mente estreita” e “papa dessa nova fé”⁴³. A atitude de Engels é particularmente injusta porque, na mesma época, James Guillaume estava fazendo grandes esforços para tentar uma aproximação entre os social-democratas e os “antiautoritários”. Isso explica a intensificação dos ataques contra ele, já que os líderes socialistas alemães se opunham a qualquer possibilidade de reconciliação.⁴⁴

³⁸ Carta para F. Bolte, 23-11-1871.

³⁹ De acordo com Charles Rappoport, que relata em suas *Memórias* uma conversa que teve com Engels em 1893, em Londres. *Une vie révolutionnaire, 1883-1940, Les Mémoires de Charles Rappoport*, Éditions de la Maison des sciences de l’Homme, 1991, p. 145.

⁴⁰ “Ich möchte wissen, ob der gute Bakunin seinen dicken Körper einem Eisenbahnwagen anvertrauen würde...” Engels para Paul Lafargue, 30 de dezembro de 1871.

⁴¹ 22 de outubro de 1889.

⁴² Ver: René Berthier, *Lire Stirner*; <http://monde-nouveau.net/spip.php?article291>

⁴³ Frederick Engels, “From Italy”, *Vorwärts* n° 32, 16 de março de 1877. Obras Completas, Laurence & Wishart, vol. 24, p. 176.

⁴⁴ Consulte “Initiatives for reconciliaiton appear to gain ground” e “German socialists oppose rapprochement” em: René Berthier, *Social-Democracy & Anarchism in the International Worlkers' Association*, Anarres Editions, pp. 109-113.

Quanto aos textos que não pertencem à correspondência, o livro da edição de Moscou nos dá a leitura:

- Um discurso de Engels sobre a “ação política da classe trabalhadora” proferido em setembro de 1871, uma reunião confidencial entre parentes próximos de Marx – um discurso que será publicado pela primeira vez em 1934 na *The Communist International* nº 29.

- Resoluções decididas burocraticamente na mesma conferência confidencial em Londres, sem debates no congresso, sobre a ação política da classe trabalhadora.

- Um texto de Engels sobre o Congresso de Sonvillier da Federação do Jura publicado no *Volksstaat* em janeiro de 1872.

- "Alegadas divisões na Internacional, circular privada [*sic*] do Conselho Geral”...

- Um rascunho do discurso anti-Bakunin de Engels publicado pela primeira vez em russo em 1940.

- O texto da resolução 7a foi introduzido à força nos estatutos da Internacional, sem debate no congresso, sobre a “constituição do partido proletário”.

Parece que os comunistas russos não têm mais nada a nos apresentar: se eles queriam mostrar que Marx e Engels haviam tentado o mínimo debate com Bakunin, podemos dizer que eles falharam. Ou, parafraseando o Sr. Nimtz, se eles tivessem “encontrado uma arma fumegante” mostrando que o “partido de Marx” havia tentado um diálogo, eles “a teriam citado”.

É de se perguntar se os termos do “debate” entre Marx e Bakunin, ao qual o Sr. Nimtz se refere, estão tão presentes nos escritos de Marx. Devemos naturalmente distinguir os escritos publicados (acessíveis, em princípio, aos contemporâneos) e a correspondência (por definição, privada e inacessível aos contemporâneos, pelo menos por um tempo). Estou de posse das obras de Marx publicadas na França pela Gallimard (La Pléiade), uma edição de referência sob a direção de Maximilien Rubel⁴⁵, um reconhecido e distinto “marxologista”. São cerca de 7.000 páginas e não encontrei absolutamente nada que informe o leitor sobre um

⁴⁵ Publicado entre 1965 e 1994.

“debate” entre os dois homens. Bakunin é vagamente mencionado ocasionalmente, especialmente nas notas de Rubel.

Por outro lado, tenho as obras de Bakunin publicadas pelo “Champ libre” com base na edição que foi produzida pelo Instituto Internacional de História Social em Amsterdã⁴⁶. Oito grandes volumes (cerca de 4300 páginas), dos quais

- O volume 1 trata da Internacional e do conflito com Mazzini,
- O volume 2 é dedicado a “A Primeira Internacional na Itália e o conflito com Marx”),
- O volume 3 trata dos “conflitos na Internacional” e da “questão germano-eslava e o comunismo de Estado”,
- Volume 4: *Estatismo e Anarquia*, cujo subtítulo é “A luta entre dois partidos na AIT”),
- O volume 7 trata da guerra franco-alemã e da Comuna.
- Volume 8 sobre a guerra franco-alemã. É nesse volume que Bakunin elogia o “magnífico volume de Marx sobre *O Capital*” (p. 357).

Muitos dos textos mencionados aqui foram publicados durante a vida de Bakunin, e o Sr. Nimtz entenderá facilmente que eles frequentemente comentam as ideias e posições de Marx. Concluo que, se um leitor quiser se informar sobre o “debate” que nos interessa, ele terá acesso mais fácil à versão “Bakunin” do que à versão “Marx”.

Quais poderiam ter sido as condições materiais para um debate entre os dois homens? A última vez que eles se viram foi em 1864 depois que Bakunin escapou da Sibéria⁴⁷. Ele ainda não era membro da IWA. Portanto, não houve encontro pessoal. Se o Sr. Nimtz está absolutamente certo quando diz que “em nenhum momento houve um confronto direto sobre o que realmente os separava”. Se por

⁴⁶ Publicado entre 1961 e 1984.

⁴⁷ Marx escreveu uma carta a Engels naquela ocasião, dizendo: “Bakunin envia seus cumprimentos. Ele partiu hoje para a Itália, onde está morando (Florença). Eu o vi ontem pela primeira vez em 16 anos. Devo dizer que gostei muito dele, mais do que antes.” (...) “De agora em diante – após o colapso do caso polonês – ele (Bakunin) só se envolverá no movimento socialista.” (...) “No geral, ele é uma das poucas pessoas que, depois de 16 anos, acho que avançou e não retrocedeu.” (Engels para Marx. 7 de novembro de 1864).

“debate” o Sr. Nitzz quer dizer duas pessoas expondo suas respectivas opções de forma contraditória (mas ainda assim relativamente leal), na verdade nunca houve um debate entre os dois homens, mas naturalmente o Sr. Nitzz não considera a possibilidade de que Marx e Engels tenham sido responsáveis por essa situação.

Na verdade, Marx e Engels nunca quiseram um debate público com Bakunin e tomaram muito cuidado para evitá-lo. O Sr. Nitzz obviamente nunca notou que os escritos de Marx e Engels nunca continham qualquer comentário argumentado sobre as *visões políticas globais* de Bakunin. Eles só mencionam Bakunin para ridicularizá-lo, insultá-lo ou distorcer escandalosamente suas ideias. A única exceção é um documento praticamente desconhecido que não foi publicado, as notas marginais de Marx sobre o livro de Bakunin *Statism and Anarchy (Estatismo e Anarquia)*⁴⁸. O problema é que, em seus comentários, Marx soa estranhamente proudhoniano...⁴⁹

Quanto a Bakunin, suas obras estão literalmente repletas de comentários sobre as posições políticas e estratégicas de Marx. É difícil encontrar um texto de seu período “anarquista” sem encontrar explicações sobre suas oposições a Marx e aos “comunistas alemães”, ou seja, os social-democratas. Sua crítica à social-democracia e à estratégia parlamentar é notavelmente moderna.

Apesar do contexto inevitavelmente controverso no caso de discordâncias como as que opuseram Marx e Bakunin, o revolucionário russo não tenta distorcer as ideias de Marx, enquanto Marx e Engels caricaturam ao extremo o ponto de vista de Bakunin, pontilhando seus comentários com insultos: “o gordo Bakunin”, “aquele maldito russo” (Engels a Marx, 30 de julho de 1869), “asno” (Carta a Lafargue, 19 de abril de 1870), etc.

É verdade, porém, que o que Bakunin diz sobre Marx nem sempre reflete o pensamento deste último: de fato, Bakunin se baseou no que era conhecido na época sobre as ideias políticas de Marx, ou seja, na verdade, muito pouco⁵⁰. Essa é a razão pela qual ele atribui a Marx posições que são as de Lassalle, identificando os

⁴⁸ Consulte http://www.collectif-smolny.org/article.php3?id_article=1386.

⁴⁹ Consulte também *The Political Philosophy of Bakunin*, de G. P. Maximoff, Glencoe (Ill.), 1953, pp. 286-288.

⁵⁰ Ver: “Les débuts du marxisme théorique en France et en Italie (1880-1897)”, Neil McInnes – Juin 1960, pp. 5 – 51.

programas dos dois homens. Mas Bakunin está errado quando escreve que “o programa de Lassalle não é de modo algum diferente do de Marx, a quem Lassalle reconheceu como seu mestre”⁵¹.

“A confusão entre os pontos de vista dos dois homens é explicada pela descrição das críticas de Marx a Lassalle durante sua vida. Marx, de fato, exilado em Londres, dependia de Lassalle para a publicação e distribuição de suas obras na Alemanha, e também, ocasionalmente, para pedir dinheiro emprestado a ele. Bakunin enfatiza, além disso, que ‘o protesto que o Sr. Marx emitiu após a morte de Lassalle no prefácio de *O Capital* aparece apenas de forma estranha’. Mas o autor do *Manifesto* não hesitou em criticar o fundador da ADAV em sua correspondência com Engels ou com Kugelmann: há monumentos de rancor. O que é mais evidente são as constantes reclamações de Marx, que acusa Lassalle de roubar suas ideias: ‘Um protesto verdadeiramente singular’, diz Bakunin, ‘por parte de um comunista que defende o coletivo e não entende que uma ideia, uma vez expressa, não pertence mais a ninguém’⁵².”

O Sr. Nimtz parece não saber que, durante a vida de Bakunin, Marx era praticamente desconhecido fora de um pequeno círculo de pessoas, enquanto Bakunin era muito famoso por causa de sua atividade durante a revolução de 1848-1849 na Europa Central. Quanto ao movimento trabalhista alemão, Marx não era muito apreciado justamente por causa de sua atividade durante esse período, como veremos.

A difusão do *Manifesto Comunista* na Alemanha em 1848 havia sido controlada pelos próprios Marx e Engels, que temiam que o livro desobrigasse os radicais burgueses que os autores esperavam que subsidiassem a *Neue Rheinische Gazette*, uma publicação burguesa liberal. Marx havia apelado a Engels para que pressionasse a venda de ações para a NRG, e “Engels respondeu que estava tendo

⁵¹ Bakounine, *Étatisme et anarchie*, Champ libre, IV, p. 345.

⁵² René Berthier, *Bakounine politique, Révolution et contre-révolution en Europe centrale*, Éditions du Monde libertaire, 1991, cap. 6, “Marx et Lassalle”.

pouco sucesso em levantar dinheiro e que não teria nenhum se uma cópia do programa de dezessete pontos chegasse a Eberfeld ou Barmen”, escreve William Otto Henderson⁵³. Suas palavras exatas foram: “Se até mesmo uma única cópia de nossos 17 pontos circulasse aqui, tudo estaria perdido para nós”. (O programa de 17 pontos, ou “Exigências do Partido Comunista na Alemanha”, incorporava o conteúdo do *Manifesto Comunista*). Na mesma carta, Engels informava Marx de seu temor com o aumento da ação dos trabalhadores têxteis, que corriam o risco de comprometer tudo: “Os trabalhadores estão começando a se animar um pouco, ainda de forma muito grosseira, mas como uma massa. Eles imediatamente formaram coalizões. Mas, para nós, isso só pode ser um obstáculo”⁵⁴.

Não há erro possível: a) Os trabalhadores estão se organizando; b) Eles fazem isso “como uma massa”; c) Eles “formam coalizões”; d) E tudo isso contraria a ação de Marx e Engels. Em outras palavras, a tinta do *Manifesto* mal secou e seus autores já queriam apagá-lo.

O que dizia o *Manifesto*? “Os comunistas não querem *esconder suas opiniões e objetivos...*” ?...

Como podemos explicar uma atitude tão incrível?

Marx tinha acabado de “descobrir” o “materialismo histórico” (uma expressão nunca encontrada em seus escritos, aliás) e, de acordo com esse método milagroso, ele concluiu que os burgueses alemães tinham que fazer a “sua” revolução antes que o proletariado pudesse entrar em cena⁵⁵. De fato, ele projetou na Revolução Alemã de 1848 as categorias que havia analisado na Revolução Francesa de 1789, uma abordagem perfeitamente artificial na medida em que os processos revolucionários não podem ser idênticos com 60 anos de diferença. É por isso que era absolutamente necessário impedir o movimento do proletariado alemão: para não atrapalhar a revolução burguesa⁵⁶. Além disso, havia outro motivo para impedir que os

⁵³ William Otto Henderson, *The Life of Friedrich Engels*, vol. 1, p. 142. Ver também em francês: Marx-Engels, *Correspondance*, Éditions sociales, Paris 1971, páginas 540 e 543.

⁵⁴ Marx, Engels, 25 de abril de 1848.

⁵⁵ Veja: Marx, “[Moralising Criticism and Critical Morality](#)”, 1847.

⁵⁶ Ver: René Berthier, “La Révolution française comme archétype: 1848 ou le 1789 manqué de la bourgeoisie allemande” em: *Les anarchistes et la*

trabalhadores se movimentassem: o que Marx e Engels tinham em mente não era de forma alguma a revolução social, mas a unidade nacional da Alemanha (que estava dividida em cerca de 50 estados diferentes). É claro que era improvável que a classe trabalhadora alemã fosse bem-sucedida, mas ela teria tido a experiência histórica de um movimento revolucionário que teria alimentado revoluções futuras, como na França, onde o fracasso de junho de 1848 provocou a Comuna de Paris em 1871. Em vez disso, a colaboração dos líderes do movimento com a burguesia liberal provocou amargura e desânimo.

Bakunin não procurou enquadrar os eventos históricos em padrões teóricos preestabelecidos. Sua análise da natureza da revolução alemã foi, em minha opinião, muito mais convincente do que a de Marx. Ele partiu da ideia de que a “inconsistência revolucionária da burguesia alemã” era o resultado de determinações complexas sobre as quais não insistirei, de que em 1848 a burguesia alemã era incapaz de lidar com suas tarefas históricas na medida em que o principal antagonismo na sociedade não era mais aquele que a opunha às sobrevivências da ordem feudal ainda existente na Alemanha, mas aquele que a opunha à classe trabalhadora.

“A burguesia não tinha mais nenhum motivo para considerar os regimes políticos dominantes na Alemanha como o principal inimigo; pelo contrário, tinha todos os motivos para privilegiar uma aliança com o poder. Especialmente porque a destruição das relações feudais havia sido feita de qualquer maneira, pelo menos na Prússia, por iniciativa do próprio Estado. Bakunin mostra muito explicitamente que o estabelecimento da união aduaneira (*Zollverein*) e as inúmeras medidas econômicas tomadas centralmente pelo Estado prussiano em favor do desenvolvimento industrial e comercial fizeram mais para destruir as relações feudais do que todas as inclinações revolucionárias dos liberais alemães. O primeiro canhão das fábricas Krupp, lembremos, foi lançado no ano da publicação do *Manifesto*. Um e outro ajudariam a garantir,

vinte e três anos depois, a hegemonia do proletariado alemão na Europa⁵⁷.”

(Admito que a última frase, escrita há 25 anos, pode parecer um pouco forçada, mas devemos lembrar que Marx se alegrou com o fato de que a derrota francesa em 1870 transferiria o centro de gravidade do movimento dos trabalhadores europeus da França para a Alemanha⁵⁸.) Se nos referirmos à análise de Bakunin, não havia razão para que o proletariado condicionasse sua atividade ao sucesso da “revolução burguesa” que Marx exigia. Os trabalhadores alemães, ao contrário, tinham todos os motivos para conduzir sua própria experiência histórica, para se engajar em uma ação autônoma em oposição ao Estado e à burguesia, que, de qualquer forma, teriam se aliado para combater a classe trabalhadora.

Em outras palavras, Marx tentou deliberadamente sabotar a atividade revolucionária dos proletários alemães porque essa atividade não se ajustava a uma vaga teoria histórica que ele havia esboçado em 1846 na Ideologia Alemã, diretamente inspirada por Saint-Simon⁵⁹. No meio da revolução, ele chegou a dissolver a Liga dos Comunistas, o primeiro partido comunista da história⁵⁹, por considerá-lo inútil! Por essa traição, a seção inglesa da Liga dos Comunistas o excluiu em 1850⁶⁰. Portanto, Marx não apenas excluiu da Primeira Internacional toda a classe trabalhadora organizada da época, em 1872; ele foi excluído do primeiro partido comunista da história, em 1850. Este é um currículo e tanto!!! É pouco crível que ele tenha sido levado a sério como um pensador da revolução.

O *Manifesto Comunista*, assim como o próprio Marx, permaneceu praticamente desconhecido na Alemanha, exceto por uma elite de líderes de esquerda. Foi preciso quase uma geração, com a publicação do primeiro livro de *O Capital*, para que o nome

⁵⁷ Ver: René Berthier, *Bakounine politique, Révolution et contre-révolution en Europe centrale*, Éditions du Monde libertaire, 1991, cap. 4, “Ni féodale, ni tout à fait moderne”.

⁵⁸ Marx para Engels, 20 de julho de 1870.

⁵⁹ Consulte René Berthier, “1848 : Quand Marx liquide le premier parti communiste de l’histoire... et s’en fait exclure.” [Quando Marx liquida o primeiro partido comunista da história... e é excluído dele] <http://monde-nouveau.net/spip.php?article602>

⁶⁰ Ver: Fernando Claudin, *Marx, Engels et la révolution de 1848*, éd. François Maspéro, pp. 312-313

de Marx fosse reconhecido pelos trabalhadores. Como diz Gary P. Steenson, referindo-se ao legado de fracasso após a revolução de 1848-1849: “havia uma convicção forte, mas mal definida, de que a causa dos trabalhadores, em particular, havia sido traída em 1848-1849”⁶¹.

E é o mesmo homem que zomba das tentativas feitas por Bakunin em Lyon, durante a Guerra Franco-Prussiana, para levantar e organizar o proletariado dessa cidade. Um historiador bolchevique, Iuri Stekloff, declara que a intervenção de Bakunin em Lyon foi “uma tentativa generosa de despertar a energia adormecida do proletariado francês e direcioná-la para a luta contra o sistema capitalista e, ao mesmo tempo, adiar a invasão estrangeira”⁶². Stekloff acrescenta que o plano de Bakunin não era tão ridículo: “Na mente de Bakunin, era necessário usar a comoção provocada pela guerra, a incapacidade da burguesia, os protestos patrióticos das massas, suas tendências sociais confusas para tentar uma intervenção decisiva dos trabalhadores nos grandes centros, envolver o campesinato e, assim, iniciar a revolução social mundial. Ninguém, portanto, propôs um plano melhor”⁶³. É claro que Bakunin fracassou, mas ele fracassou ao empurrar os trabalhadores para a frente, e não ao puxá-los para trás, como Marx havia feito.

Um historiador francês da social-democracia, Georges Haupt, que definitivamente não pode ser suspeito de simpatizar com o anarquismo, escreveu que a recusa de Marx em se envolver em um debate doutrinário com Bakunin “é principalmente tática. Todos os esforços de Marx tendem a minimizar Bakunin, a negar qualquer consistência teórica a seu rival. Ele se recusa a reconhecer o sistema de pensamento de Bakunin, não porque negue sua consistência, como ele assegura peremptoriamente, mas porque Marx busca desacreditá-lo e reduzi-lo ao nível de um líder de seita e de um

⁶¹ Gary P. Steenson, “*Not One Man, Not One Penny*”, *German Social-Democracy, 1863-1914*, p. 3, University of Pittsburgh Press. Devido ao conflito entre as duas facções socialistas, Marx adiou a exigência de Liebknecht de publicar uma nova versão do *Manifesto Comunista*. Veja: R.P. Morgan, Cambridge University Press, p. 169.

⁶² Iouri Stekloff [Iuri Stekloff], *M.A. Bakounine, sa vie et son activité, Moscou, 1927, t. IV, première partie, cap. III, 1, La tentative de Lyon*. – Cité par Fernand Rude, em *De la Guerre à la Commune*, éditions Anthropos, p. 20.

⁶³ *Ibid.*

conspirador à moda antiga”.⁶⁴ Se o Sr. Nimtz está certo ao enfatizar “a falta de um debate público sobre as diferenças políticas substantivas” entre Marx e Bakunin, Marx foi o único responsável por isso.

O único “debate” do qual os bakunistas foram convidados a participar ocorreu em 1872, no Congresso de Haia, durante o qual Bakunin e James Guillaume foram expulsos – uma decisão que, de qualquer forma, havia sido tomada um ano antes em uma reunião confidencial entre Marx e os delegados escolhidos: a chamada “conferência de Londres”, sobre a qual Bakunin comentou: “Sabemos como essa conferência foi malfeita; ela foi feita com íntimos do Sr. Marx, cuidadosamente selecionados por ele mesmo, e alguns poucos farsantes. A Conferência votou tudo o que ele achou conveniente propor, e o programa marxiano, transformado em verdade oficial, tornou-se um princípio obrigatório para toda a Internacional⁶⁵.”

Democracia?

Em seu artigo, o Sr. Nimtz parece muito preocupado com a questão da democracia e, é claro, Bakunin e seus amigos são acusados de querer desafiá-la e estabelecer sua “ditadura”.

Como é frequentemente o caso entre os marxistas, Nimtz se atém à letra do discurso de Marx. Foi após o Congresso da Basiléia (1869) que a agressividade de Marx contra Bakunin se mostrou de forma óbvia. De fato, os votos dos delegados sobre a questão da herança, que tinha um valor simbólico para Marx, foram tão divididos:

63% dos delegados votaram nos textos “coletivistas”.

31% para os textos “marxistas”.

6 % para os mutualistas (proudhonianos).

Naturalmente, tal situação era inaceitável para Marx, embora fosse a expressão *democrática* dos delegados da Internacional naquela época, fato que o Sr. Nimtz não deve negar. Diz-se que Eccarius murmurou: “Marx ficará terrivelmente irritado!”

⁶⁴ Georges Haupt, *Bakounine combats et débats*, Institut d'études slaves, 1979, p. 141.

⁶⁵ Bakounine, *Écrit contre Marx, Œuvres*, Champ libre, III, 167.

Foi após o Congresso da Basiléia que teve início a campanha sistemática de calúnias contra Bakunin, orquestrada por Marx, Engels e seus seguidores do. Bakunin foi particularmente acusado de ser um “eslavófilo”, o que para ele foi o insulto supremo, pois durante a revolução de 1848-49 ele nunca deixou de convocar os eslavos da Europa Central para lutar contra o império russo e se aliar aos democratas alemães contra o despotismo – o que lhe rendeu 8 anos de fortaleza na Rússia e 4 anos de rejeição na Sibéria, após os quais ele escapou.⁶⁶

Essa posição deixou Marx e Engels furiosos, porque eles se opunham radicalmente à ideia de uma aliança com os democratas eslavos, que poderia ter desafiado a unidade nacional alemã e que teria retirado da Alemanha o controle que ela exercia sobre os territórios eslavos, como a Boêmia. Marx e Engels estavam convencidos de que a dominação alemã dos territórios eslavos na Europa Central era um “progresso histórico”:⁶⁷

“Um estado independente da Boêmia e da Morávia ficaria encravado entre a Silésia e a Áustria; a Áustria e a Estíria seriam isoladas pela ‘República Sul-Eslava’ de seu *débouché* [saída] natural – o Mar Adriático e o Mediterrâneo; e a parte oriental da Alemanha seria despedaçada como um pão que foi roído por ratos! E tudo isso como forma de agradecimento pelo fato de os alemães terem se dado ao trabalho de civilizar os teimosos tchecos e eslovenos e introduzido entre eles o comércio, a indústria, um grau tolerável de agricultura e cultura⁶⁸ !”

⁶⁶ Engels define corretamente o pan-eslavismo como “a criação de um estado eslavo sob o domínio russo”. (“The Magyar Struggle”, Collected Works, vol. 8, p. 233). Bakunin se opunha ferozmente ao pan-eslavismo.

⁶⁷ Assim como o domínio dos EUA sobre a Califórnia foi um “progresso histórico”: “E será que Bakunin acusará os americanos de uma ‘guerra de conquista’ que, embora tenha sido um duro golpe em sua teoria baseada na ‘justiça e na humanidade’, foi, no entanto, travada total e unicamente no interesse da civilização? Ou talvez seja lamentável que a esplêndida Califórnia tenha sido tirada dos preguiçosos mexicanos, que não podiam fazer nada com ela?” (Engels, “Democratic Pan-Slavism”).

⁶⁸ Engels, “Democratic Pan-Slavism” [Pan-eslavismo democrático]. *Neue Rheinische Zeitung*, 16 de fevereiro de 1849. Marx-Engels Collected Works vol. 8, pp. 369.

Essas linhas nada “proletárias-internacionalistas” foram escritas em um panfleto histórico anti-Bakuniniano que Engels escreveu em resposta ao “Chamado aos Eslavos” de Bakunin, no qual o revolucionário russo pediu uma aliança dos democratas alemães e eslavos contra o despotismo. Engels termina seu panfleto com estas linhas:

“Então haverá uma luta, uma ‘inexorável luta de vida ou morte’ contra os eslavos que traem a revolução; uma luta aniquiladora e um terror implacável – não no interesse da Alemanha, mas no interesse da revolução⁶⁹ !”

É claro que a “revolução” à qual Engels se refere não é a revolução proletária, mas a revolução burguesa que realizará a unidade nacional alemã e confirmará o domínio alemão sobre os territórios eslavos. Essa digressão sobre a revolução de 1848 pareceu necessária para mostrar que as divergências estratégicas entre Bakunin e Marx/Engels existiam muito antes da fundação da Internacional. Depois de 1868, Marx e sua comitiva apenas reformularam as acusações e calúnias que haviam feito contra Bakunin 20 anos antes.⁷⁰

No congresso da Basiléia, foram colocadas em votação resoluções administrativas que o Sr. Nimtz sugere terem sido ideia de Bakunin, motivadas por intenções maquiavélicas. Essas resoluções tinham o objetivo de fortalecer os poderes do Conselho Geral, dando-lhe o direito de recusar a admissão de novas

⁶⁹ Engels, *Op. cit* p. 378.

⁷⁰ Entre as muitas campanhas de difamação orquestradas por Marx/Engels, havia este artigo *do Neue Rheinische Zeitung* (6 de julho de 1848) afirmando que George Sand (uma conhecida escritora) estava de posse de provas de que Bakunin era “um instrumento da Rússia ou um agente recém-ingressado em seu serviço, e que ele deve ser responsabilizado em grande parte pela prisão dos infelizes poloneses que foi realizada recentemente”. Naturalmente, George Sand negou categoricamente, e Marx respondeu que, ao publicar essa “informação”, o *Neue Rheinische Zeitung* havia dado a Bakunin “uma oportunidade de dissipar essa suspeita, que realmente existia em Paris em certos círculos”. Mas o mal estava feito, e essa calúnia paralisou a atividade de Bakunin por um longo tempo.

associações e de suspender seções – decisões que deveriam ser submetidas a um congresso subsequente.

O Sr. Nimitz diz – falando sobre o Conselho Geral – que “Bakunin não teve escrúpulos em apresentar sua proposta para aumentar seus poderes. Claramente, ele não era uma violeta tímida quando se tratava de tomar iniciativas”. Receio que o Sr. Nimitz esteja completamente errado: ele segue um pouco muito literalmente as lucubrações de Hal Draper. Ao contrário do que o Sr. Nimitz pensa, não foi Bakunin, mas Eccarius, *em nome do Conselho Geral*, que propôs a “resolução administrativa”. J.-Ph. Becker publicou no *Vorbote* (ano de 1870, página 4) um relato da discussão que ocorreu sobre esse assunto durante a Sessão Administrativa do Congresso (quarta-feira, 8 de setembro). Podemos ler: “Eccarius propõe, em nome do Conselho Geral, que este tenha o direito de excluir qualquer seção que aja de forma contrária ao espírito da Internacional, sujeito à aprovação do Congresso⁷¹.”

Bakunin era, na verdade, surpreendentemente ingênuo. Ele e seus amigos apoiaram a votação das resoluções administrativas propostas pelo Conselho Geral. James Guillaume comentou: “Estávamos todos inspirados pela mais completa boa vontade em relação aos homens de Londres. E nossa confiança era tão cega que contribuímos mais do que ninguém para a votação a favor dessas resoluções administrativas que davam autoridade ao Conselho Geral, autoridade que eles usariam de forma tão desprezível⁷².” Na verdade, Bakunin aprovou essa disposição, não porque ela lhe permitiria “assumir o controle da Internacional”, mas, paradoxalmente, *para evitar expulsões arbitrárias*

Em seu relatório, Eccarius escreve que Bakunin reconheceu ao Conselho Geral a oportunidade de “negar a entrada de novas seções na Internacional até o Congresso seguinte; quanto aos Comitês Nacionais, ele quer reconhecer seu direito de excluir seções de sua Federação, *mas não o direito de excluí-las da Internacional*” [grifo meu]. Eccarius acrescenta: Bakunin “observou que, se as organizações nacionais tivessem o direito de suspender, poderia ocorrer que seções animadas pelo verdadeiro espírito da

⁷¹ James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, vol. I, 2nd parte, cap. XI, p. 207.

⁷² *Mémoire de la Fédération jurassienne*, p. 82. Veja também: James Guillaume, *L'Internationale*, Livro 1, Parte 2, Capítulo 11, 1905, p. 207.

Internacional fossem excluídas por uma maioria infiel aos princípios”. É óbvio que Bakunin não considerava o Conselho Geral como um *adversário*, mas sim como um possível *aliado* contra o espírito reacionário das organizações locais. Esse era o caso em Genebra, cujas seções Marx apoiava.

Mais tarde, Bakunin escreveu (23 de janeiro de 1872) a seus amigos italianos que havia cometido “um grave erro”: “Cheguei ao Congresso da Basileia com a impressão de que uma federação regional, guiada por uma facção intrigante e reacionária, poderia abusar do poder, e procurei uma solução na autoridade do Conselho Geral”. Ele acrescentou que os belgas, “que também conheciam melhor do que nós as disposições secretas e muito autoritárias de certas pessoas que compõem o Conselho Geral”, haviam tentado em vão fazê-lo mudar de ideia. Mais tarde, Marx faria um uso extremamente cínico dessas resoluções administrativas quando foi tomada a decisão de excluir da Internacional as federações que não cumpriram as expulsões decididas no Congresso de Haia.

O Congresso da Basileia, tendo ingenuamente dado ao Conselho Geral a possibilidade de suspender *seções*, Marx apontou que, como o Conselho Geral já podia suspender uma a uma todas as seções de uma federação, ele poderia suspender uma federação inteira: a suspensão de uma federação inteira era simplesmente uma conformidade com os estatutos⁷³. Essa resolução só poderia ser votada porque os delegados do Congresso estavam totalmente confiantes com os membros do Conselho Geral. Ninguém poderia imaginar que aqueles que controlavam o Conselho Geral usariam, alguns anos depois, essa resolução de forma tão maquiavélica.

Já que o Sr. Nimtz está tão preocupado com a questão da democracia, vamos ver como ela foi aplicada dentro do próprio Conselho Geral. James Guillaume explica que a composição do Conselho Geral era praticamente inamovível:

“Composto por cinco anos consecutivos pelos mesmos homens, sempre reeleitos, e pelas resoluções de Basileia revestidas de um grande poder sobre as Seções, ele [*o Conselho Geral*] acabou se considerando o chefe legítimo

⁷³ Veja James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, Vol. I, Volume 2, p. 338,)

da Internacional. O mandato de um membro do Conselho Geral havia se tornado, nas mãos de alguns indivíduos, uma propriedade pessoal, e Londres parecia para eles o capital imóvel de nossa Associação. Gradualmente, esses homens, que nada mais eram do que nossos representantes – e a maioria deles nem mesmo eram nossos representantes regulares, pois não haviam sido eleitos pelo Congresso –, esses homens, dizemos, acostumados a andar à nossa frente e a falar em nosso nome, foram levados, pelo fluxo natural das coisas e pela própria força dessa situação, a querer dominar a Internacional com seu programa especial e sua doutrina pessoal⁷⁴.”

Hales confirma a análise de James Guillaume: ele observou que “a maioria dos membros que constituem o Conselho [Geral] foi cooptada do Congresso da Basileia. Os membros eleitos pelo Congresso são uma minoria”.⁷⁵

Marx usou técnicas de manipulação comprovadas. Uma delas consistia em não traduzir documentos enviados por outras federações ou resumi-los de forma muito orientada, de modo que os membros do Conselho Geral que falavam apenas inglês tivessem apenas informações muito parciais. Quando John Hales era secretário do Conselho Geral, Engels se recusou a entregar a ele o endereço de Anselmo Lorenzo, um líder espanhol, e Hales não pôde responder a ele porque Lorenzo não havia fornecido seu endereço na Espanha. Muitos registros do Conselho Geral foram escritos e editados com intenções partidárias. O relatório do Conselho Geral do Congresso da IWA em Basileia é um exemplo. Ele dedica uma página para apresentar o argumento do Conselho Geral sobre herança, mas não informa aos leitores que esses pontos de vista e a moção que ele patrocinou *foram decisivamente rejeitados pelo congresso*⁷⁶.

⁷⁴ Circulaire à toutes les Fédérations de l'Association internationale des travailleurs, ou “La Circulaire de Sonvillier”, (12 de novembro de 1871) (James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, Premier volume, 4^e partie, ch. 1^{er}, p. 239. Éditions Gérard Lebovici).

⁷⁵ Atas do Conselho Geral (versão francesa; Éditions du Progrès, Moscou), 5 de setembro de 1871, p. 236.

⁷⁶ *Report of the Fourth Annual Congress of the International Working Men's Association, held at Basel, in Switzerland, from the 6th to the 11th September, 1869*; Published by the General Council, 1869; disponível em

Podemos citar inúmeros exemplos desse tipo. De fato, Marx e Engels são *conspiradores muito eficientes*, muito mais eficientes do que Bakunin, que, comparado a eles, era um amador.

A reunião do Conselho Geral de 5 de setembro de 1871 é interessante em mais de um aspecto. Lembremo-nos de que estamos às vésperas da Conferência de Londres, que estabelecerá a exclusão de Bakunin e James Guillaume. Marx diz que o Conselho Geral é um “corpo governante separado de seus constituintes” e, portanto, “como um Conselho, uma política coletiva”⁷⁷. Em outras palavras, o Conselho Geral é uma entidade que é superior à soma das federações que o constituem e, portanto, tem uma melhor compreensão dos interesses coletivos. Embora esse argumento não seja totalmente falso e possa ser facilmente compensado pelo controle e pela rotação de mandatos, isso é o que todos os órgãos burocráticos dizem para justificar seu poder.

Outra questão abordada foi a dos membros votantes do Conselho Geral. Thiesz “acredita que nenhum membro do conselho deve ter permissão para votar por conta própria. Se o fizerem, eles se reelegerão”. Pelo contrário, Engels acredita que “o Conselho sempre foi representado por delegados – em número ilimitado – que têm direito a voto, e esse direito não deve ser abandonado”. Eccarius, que em breve se separará de Marx e Engels, apontou que se o Conselho “sobrecarregar” os outros delegados, ou seja, se nomear mais delegados do que os delegados eleitos, seria melhor ratificar diretamente as decisões do Conselho: “O Conselho não tem o direito de sobrecarregar todos os outros delegados, ele poderia muito bem votar uma série de decisões e convidar as seções a ratificá-las e dispensar a convocação do Congresso”⁷⁸.

Embora Eccarius não tenha aprovado isso, Vaillant afirma seriamente que não é necessário conceder direitos de voto aos delegados: basta convocar a Conferência e informá-los sobre a situação! As atas da reunião dizem que Vaillant “acredita que o Conselho estaria perfeitamente justificado se simplesmente convocasse a Conferência para informar sobre a situação da associação, sem conceder direito a voto aos delegados. O Conselho

<http://hdl.handle.net/10622/B6E656DD-15BA-4E47-A6F7-B7132F4544C3>

⁷⁷ *Ibid.*

⁷⁸ *Ibid.*

tem o direito de decidir por si mesmo sobre questões organizacionais porque é o centro da Associação, conhece melhor as necessidades da Associação como um todo e está em melhor posição para julgar o que é melhor para promover seus interesses⁷⁹.” Isso mostra que a Conferência de Londres havia estabelecido todos os arranjos burocráticos que seriam implementados um ano depois em Haia. Além disso, a direção tomada pelas discussões no Conselho Geral mostrou que ele obviamente considerava a IWA como um partido político, e não como uma organização do tipo sindicato, como havia sido o caso originalmente.

A conferência de Londres foi realizada de 16 a 23 de setembro de 1871. Sua confidencialidade foi aumentada pelo fato de ter sido realizada na própria casa de Marx. Há uma carta muito significativa que Engels enviou a Liebknecht sobre essa questão:⁸⁰

“Tanto o Conselho Geral quanto a própria Conferência haviam decidido que as reuniões deveriam ser realizadas em particular. Uma resolução explícita, da qual você tem conhecimento, encarregou o Conselho Geral de decidir quais resoluções deveriam ser tornadas públicas e quais não.”

Isso nos lembra de algo que o Sr. Nimtz escreveu em seu artigo:

“...Se todos os membros da organização não souberem o que os outros membros estão fazendo, será difícil realizar ações coletivas eficazes. A organização secreta pressupõe que nem todos os trabalhadores devem ser incluídos nos debates – uma suposição implícita de que nem todos são tão esclarecidos quanto os outros, e uma avaliação reveladora sobre o que eles pensam dos trabalhadores.”

É difícil acreditar que o Sr. Nimtz esteja falando de Bakunin, e não de Marx.

Mais uma vez, vemos que a “organização secreta dentro da Internacional” (*dixit* Nimtz) foi obra de Marx, não de Bakunin.

⁷⁹ *Ibid* p. 137.

⁸⁰ Engels para Liebknecht. 27-28 de maio de 1872.

Marx e seus amigos aproveitaram a desorganização que se seguiu à guerra franco-prussiana e ao esmagamento da Comuna de Paris para convocar uma reunião privada que decidiu, sem debate em congresso, transformar de forma obrigatória a Internacional em um partido político com o objetivo de obter acesso ao poder. Essa era uma questão que havia sido debatida na organização, mas que não havia levado ao irreparável porque a autonomia das federações não havia sido questionada, ou seja, a faculdade de cada Federação definir seu próprio caminho rumo à emancipação.

A conferência de Londres era composta por vinte e três membros, treze dos quais – a maioria – eram membros do Conselho Geral e nomeados por ele, e não tinham mandato – exatamente o caso levantado por Thiesz durante a Conferência de 5 de setembro. Sete desses membros não eleitos atuavam como secretários correspondentes de vários países que não estavam representados na Conferência⁸¹. Mas o Conselho Geral havia indicado outros seis de seus membros para representá-lo. Apenas nove pessoas foram delegadas por seções: seis delegados belgas [um dos quais também era membro do Conselho Geral], dois delegados suíços e um delegado espanhol.

James Guillaume observa que houve um desconhecido sem mandato⁸². Bakunin comentou:

“É justo acrescentar a essa lista as filhas de Karl Marx, que tiveram permissão para participar da última reunião dessa conferência secreta. A crônica não diz se a conferência deu a elas o direito de votar; ela poderia ter feito isso sem derrogação porque essas jovens tinham tantos títulos para representar o proletariado internacional quanto o maior número de delegados⁸³.”

A Associação Internacional dos Trabalhadores era algo sem precedentes e as inevitáveis tentativas e erros originados por essa

⁸¹ “Esses treze membros do Conselho Geral, que não tinham mandato, formaram por si mesmos a maioria da Conferência, composta por vinte e três membros James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, t. II, 3^e partie, p. 194.

⁸² James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, Premier volume, 3^e partie, ch XI, pp. 192-193.

⁸³ *Mémoire présenté par la Fédération jurassienne*, 1^{re} partie, p. 204.

situação não foram seguidos pelo estabelecimento de regras precisas e... democráticas. As nomeações para o Conselho Geral tinham algo de realmente fantasioso. Naturalmente, a Internacional representava algo novo e a forma final de tal organização ainda não havia sido descoberta. Como de costume em tais casos, a ausência de regras favoreceu o estabelecimento de um feudalismo irremovível.

Na reunião inaugural do St Martin's Hall, em 28 de setembro de 1864, trinta e dois membros foram nomeados para o Conselho Geral com o direito de cooptação (*The Beehive Newspaper*, Londres, 1º de outubro de 1864). Uma edição em inglês dos estatutos foi publicada em novembro: 52 membros foram nomeados. Uma segunda edição, publicada logo depois, mostra as mudanças no quadro de membros. O Congresso de Genebra, em 1866, votou os Estatutos Gerais, estipulando que o Congresso nomearia os membros do Conselho Geral: Foram nomeados 63 membros. Os artigos em francês, publicados em Londres pelo Conselho Geral, fornecem os nomes dos membros do Conselho Geral.

O Congresso de Lausanne, em 1867, confirmou as nomeações do Congresso de Genebra, mas acrescentou que “o Conselho Geral está autorizado a nomear outros membros se for necessário”. James Guillaume, que foi um dos editores do relatório, observou que essa cláusula só se aplicava à eleição de 1867, mas os estatutos provisórios ingleses incluem essa passagem como se fosse permanente.

As últimas nomeações para o Conselho Geral ocorreram em Bruxelas (1868). Arthur Lehning observou que “durante o período de 1864 a 1872, cerca de 200 membros foram nomeados para o Conselho Geral”⁸⁴ – mas pouquíssimos foram eleitos: isso não fala exatamente a favor da organização “democrática” que o Sr. Nimtz afirma que a IWA era: raramente vimos uma organização tão antidemocrática.

A federação do Jura escreveu uma circular para as federações da IWA, na qual denunciava o funcionamento burocrático do órgão dirigente da Internacional: ela apontava que nada nos estatutos permitia que o Conselho Geral assumisse qualquer poder sobre as federações; ela afirmava que a composição do Conselho Geral havia sido decidida “em confiança” com base em listas apresentadas ao

⁸⁴ Bakounine, *Œuvres*, Champ libre, II, nota 231, p. 464.

Congresso “e que continham, em sua maioria, nomes absolutamente desconhecidos dos delegados”. A confiança havia sido tanta que “a faculdade havia sido deixada para o Conselho Geral nomear quem quisesse; e, por essa disposição dos estatutos, a nomeação do Conselho Geral pelo Congresso tornou-se ilusória. De fato, o Conselho poderia, posteriormente, nomear qualquer funcionário que tivesse mudado completamente a maioria e as tendências.”⁸⁵

Não há dúvida de que, se o projeto da Federação do Jura de voltar a eleger os membros do Conselho Geral tivesse começado a ser implementado, poucos membros dessa organização que manobram para excluir Bakunin e James Guillaume teriam permanecido no lugar, a começar por Marx, cuja única função oficial era representar uma... inexistente federação alemã. Até mesmo o historiador bolchevique Iuri Stekloff reconhece que “não havia uma única federação nacional que se unisse para apoiar o Conselho Geral”.⁸⁶ Portanto, o Sr. Nimtz deve reconsiderar sua afirmação de que o Congresso de Haia foi “a reunião mais representativa da IWA” e que “a maioria dos delegados” decidiu excluir Bakunin. Ele só pode dizer que uma “maioria” de burocratas auto-nomeados não eleitos e não representativos tomou essa decisão.

Em seu artigo, o Sr. Nimtz consegue transformar a demonstração de confiança dos delegados federalistas em uma tentativa maquiavélica dos “bakuninianos e outros” de tomar o poder e “impor sua perspectiva abstencionista à Internacional”, enquanto a questão da abstenção nem sequer estava na pauta! Na verdade, Bakunin não era a favor da estratégia parlamentar, mas nunca defendeu a ausência de ação. Ele propôs outra coisa e é essa “outra coisa” que Marx nunca quis discutir.

Maioria?

O Sr. Nimtz parece muito preocupado com o fato de que Bakunin não tinha uma “maioria”, enquanto Marx supostamente tinha. Ele escreve que “os partidários dos pontos de vista abstencionistas de

⁸⁵ James Guillaume, *Ibid.*, p. 230.

⁸⁶ G.M. Stekloff, *History of the First International*, London Martin Lawrence limited, p. 271. Consulte: <https://www.marxists.org/archive/steklov/history-first-international/ch14.htm>.

Bakunin participaram ativamente do debate e foram derrotados”, mas se esquece de dizer que, se Marx e Engels não conseguiram impedir que certos delegados participassem do Congresso, a maioria dos outros foi cuidadosamente selecionada. Portanto, não faz muito sentido dizer que os partidários de Bakunin tiveram uma “participação ativa” nos debates se não for especificado que eles eram uma pequena minoria em um congresso fraudado. Portanto, não podemos nos surpreender com o fato de eles terem sido “derrotados”.

Diante do projeto político de Marx, os bakunistas ingenuamente pensaram que resolveriam a seu favor o que viam como um simples conflito de ideias. Além disso, às vésperas do congresso de Haia, eles sabiam perfeitamente que Marx e o Conselho Geral não tinham apoio entre as federações, apesar das manobras conspiratórias realizadas por elas para minar os federalistas. Por exemplo, Engels tentou contar com Cafiero para lançar uma campanha para desacreditar Bakunin na Itália. Mas Engels se mostrou tão zeloso que Cafiero, desgostoso, rompeu repentinamente e ficou do lado de Bakunin.⁸⁷

O Sr. Nimtz escreve sobre uma “maioria de delegados ao congresso de Haia” que superou em número os seguidores de Bakunin em Haia. Tal afirmação seria admissível se o Sr. Nimtz se referisse a um congresso no qual os delegados tivessem sido regularmente eleitos por federações ou seções e tivessem superado em número os membros autoneomados do Conselho Geral... O Sr. Nimtz nos convida a examinar *quem* eram esses delegados que ele vê acriticamente como uma “maioria”. Pois o Congresso de Haia de setembro de 1872 foi tão falso quanto a Conferência de Londres no ano anterior. Os delegados franceses apareceram em Haia com mandatos que ninguém sabia onde e como haviam sido obtidos. A verificação dos mandatos era impossível. Serrailleur, secretário do Conselho Geral da França (onde a IWA era tão proibida quanto na Alemanha, mas onde, ao contrário da Alemanha, havia seções ativas) chegou a Haia com os bolsos cheios de mandatos.

Seis delegados franceses eram conhecidos apenas por seus pseudônimos, sem indicação da cidade de onde tinham o mandato. O único que anunciou uma cidade – Rouen – foi repudiado logo depois

⁸⁷ Veja: Wolfgang Eckhardt, *First Socialist Schism: Bakunin vs. Marx in the International Working Men's Association*, PM Press, p. 121 sq.

pela Federação de Rouen por ter votado com o Conselho Geral quando tinha o mandato imperativo de votar pelos federalistas.

O mesmo aconteceu com Bordeaux. Os internacionalistas dessa cidade perceberam mais tarde que seu delegado, que havia recebido o mandato imperativo de votar a favor dos federalistas, votou a favor do Conselho Geral. Dois outros delegados franceses, Swarm e Walter – pseudônimos – foram presos logo depois e julgados; um em Toulouse, o outro em Paris. Logo depois, descobriu-se que Swarm, agente do Conselho Geral em Toulouse, era um espião; quanto a Walter, agente do Conselho Geral em Paris, ele se arrependeu e jurou se tornar um oponente ferrenho da Internacional.⁸⁸

Esse fato, mencionado por James Guillaume, é confirmado por Stekloff:

“Após a acusação dos internacionalistas franceses em junho (durante a qual ficou claro que Van Heddeghem, conhecido como Walter, e d'Entraygues, conhecido como Swarm, que haviam sido delegados no Congresso de Haia e votado com os marxistas, eram agentes provocadores e traidores), o Conselho Geral cortou todas as conexões com a França.”⁸⁹

Imediatamente após o Congresso de Haia, o Conselho Federal Inglês percebeu que o delegado que o representava nem sequer era membro da Internacional! A Alemanha não possuía nenhuma seção da Internacional, mas apenas membros individuais em número extremamente pequeno e, portanto, não podia enviar delegados regulares a Haia. Entretanto, para fortalecer a posição de Marx, nove alemães foram apresentados como delegados de seções inexistentes da IWA. Além disso, para votar no Congresso, as seções precisavam pagar suas anuidades, o que os alemães não haviam feito. Bebel escreveu no *Volkstaat* de 16 de março de 1872 que os alemães nunca haviam pago contribuições para Londres

⁸⁸ James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, vol I, t. 2 p. 326.

⁸⁹ G.M. Stekloff, *History of The First International*, op. cit. p. 273
<https://www.marxists.org/archive/steklov/history-first-international/ch24.htm>

Engels ficou indignado ao constatar que só podia contar 208 cartões de filiação alemães: “Devo pedir-lhe que nos diga francamente qual é a posição da Internacional em relação a vocês: aproximadamente quantos selos foram distribuídos em quantos lugares, e *quais lugares* estão envolvidos? Os 208 contados por Fink certamente não são todos os que existem^{90?}”

“O Partido Social-Democrata dos Trabalhadores pretende estar representado no Congresso e, em caso afirmativo, como ele se propõe a se colocar ‘en règle’ com o Conselho Geral com antecedência para que seu mandato não possa ser questionado no Congresso? Isso significaria: *a)* que ela teria que se declarar como a Federação Alemã da Internacional na realidade, e não apenas figurativamente, e *b)* que, como tal, pagaria suas dívidas antes do Congresso. A questão está se tornando séria e precisamos saber onde estamos, caso contrário, vocês nos forçarão a agir por iniciativa própria e a considerar o Partido Social-Democrata dos Trabalhadores como um corpo estranho para o qual a Internacional não tem significado. Não podemos permitir que a representação dos trabalhadores alemães no Congresso seja prejudicada ou perdida por razões desconhecidas para nós, mas que não podem deixar de ser mesquinhas. Gostaríamos de pedir uma declaração clara sobre isso rapidamente.”⁹¹

Portanto, essa é provavelmente a “democracia” a que o Sr. Nimitz se refere. Considerando tudo isso, temos o direito de nos perguntar quem *de fato* minou o “funcionamento democrático interno” da Internacional e quem foram os verdadeiros conspiradores. Tudo isso não impediu que os delegados das seções alemãs fantasmas votassem pela expulsão de Bakunin e James Guillaume.

Portanto, entendemos que o Sr. Nimitz apóia o ponto de vista de Marx nesse debate, mas seria interessante ver com que apoio Marx e outros, ou seja, o Conselho Geral, podiam contar na época. Uma carta que Engels escreveu a J. P. Becker, datada de 9 de maio de

⁹⁰ Carta de Engels a W. Liebknecht, 22 de maio de 1872: Marx & Engels Collected Works Volume 44, p. 376.

⁹¹ *Ibid.*

1872, é muito instrutiva. Engels está preocupado com o fato de não ter uma maioria entre os delegados suíços – por delegados suíços, ele não tem em mente a federação do Jura, é claro, mas a aristocracia operária de Genebra, envolvida em compromissos eleitorais com a burguesia liberal local.

Engels quer ter “uma maioria compacta e confiável dos delegados suíços”. Ele está convencido de que o “pessoal da Aliança” usará “todos os velhos truques para obter a maioria para si, *exatamente como na Basileia*”. Ele está convencido de que os “jurassianos se certificarão de que seções imaginárias obtenham representação”. Em outras palavras, ele suspeita que os jurassianos farão exatamente o que Marx e ele próprio estão prestes a fazer em Haia. Mas a situação na Suíça não é animadora para o Conselho Geral, se acreditarmos em Stekloff: “Na Suíça alemã e em Genebra, havia alguns baluartes que ainda permaneciam fiéis à velha Internacional, mas suas mentes estavam, por enquanto, cheias da ideia de criar uma Liga Suíça dos Trabalhadores em preparação para um partido social-democrata⁹²”.

Engels tenta então avaliar quem apoiará o Conselho Geral no Congresso de Haia:

- “Com exceção de Turim, os italianos enviarão apenas amigos de Bakunin” (“Na Itália, o grupo marxista era extremamente fraco”, diz Stekloff);

- “Os espanhóis serão divididos, embora ainda não seja possível dizer em que proporções”. Isso é um grande eufemismo. Os espanhóis estavam, de fato, “divididos” entre uma federação de facções extremamente pequena, constituída por Lafargue, que havia sido enviado pelo Conselho Geral na Espanha para romper a federação legítima de dezenas de milhares de trabalhadores que se formou após a passagem de Fanelli, em nome da Aliança.

Vimos que as atividades conspiratórias de Lafargue, que havia sido enviado pelo Conselho Geral, fracassaram lamentavelmente, mas que o punhado de membros que o genro de Marx conseguiu reunir recebeu o status de federação com o direito de votar a expulsão de Bakunin e James Guillaume da Internacional. Isso é, sem dúvida, o que o Sr. Nimtz quer dizer com “democracia”. Como diz Iuri Stekloff: “Apesar do otimismo de Engels, a Espanha estava

⁹² G.M. Stekloff, *op. cit.* p. 274.

perdida para os marxistas. A Federação de Nova Madri, fundada com a participação ativa de Mesa e Lafargue, não conseguiu libertar a maioria dos internacionalistas espanhóis da influência bakuninista⁹³.”

- “A Alemanha estará fracamente representada, como de costume”⁹⁴;

- Inglaterra: “o mesmo se aplica à Inglaterra” (*Ibid.*)

- “Para a França, haverá apenas alguns refugiados de lá e talvez alguns daqui”;

- “Os belgas não são muito confiáveis, de modo que terão de ser feitos grandes esforços para garantir uma maioria *respeitável*.” (Itálico de Engels.) (“Durante alguns anos, os belgas mantiveram relações estreitas com os bakuninistas”, diz Stekloff (p. 273).

- Holanda: Engels não menciona a Holanda em sua carta a Liebknecht, mas Stekloff diz o seguinte: “Na Holanda, da mesma forma, as esperanças de Engels de uma divisão entre os internacionalistas holandeses e os bakuninistas não se concretizaram” (p. 273).

- Portugal: “Embora, graças à influência de Lafargue, Portugal tenha permanecido fiel ao Conselho Geral, dificilmente se poderia dizer que o movimento existia ali”. (Stekloff, p. 273.)

Na verdade, havia um grupo socialista em Portugal por volta dos anos 1860-1870, que estava principalmente sob a influência de Proudhon. Eles tinham relações com refugiados espanhóis que eram membros da IWA em Lisboa em 1871: Mora, Morago e Lorenzo⁹⁵. Anselmo Lorenzo fala sobre isso em suas memórias. Eles criaram uma seção portuguesa que teve certa importância, especialmente em Lisboa. Isso não se encaixa no que Engels e Stekloff dizem. Além disso, o que Stekloff diz não é muito consistente com o fato de que foi formada em 1911 uma confederação anarco-sindicalista, a CGT, que era a mais importante do país e que declarou 150.000 membros quando se juntou à IWA de Berlim em 1922.

- Áustria : “O movimento dos trabalhadores na Áustria foi dividido em duas partes. Liderada por Scheu, a seção bakuninista se levantou contra a liderança do moderado e oportunista Oberwind. O

⁹³ G.M. Stekloff, *op. cit.* p. 273.

⁹⁴ Engels para J.P. Becker, 9 de maio de 1872 (SW p. 373)

⁹⁵ Carlos da Fonseca, *A origem da 1ª Internacional em Lisboa*, Editorial Estampa, 1973.

Conselho Geral não tinha nada de útil a esperar, portanto, da Áustria.” (Stekloff, p. 274).

• “Quanto à Alemanha, onde o movimento poderia ter servido como base para a Internacional, havia nessa época uma luta tão feroz entre os lassallistas (suíços alemães) e os marxistas (Eisenachers) que qualquer esperança de realizar um trabalho útil foi completamente destruída. (...) No que diz respeito aos Eisenachers, embora fossem os aliados e apoiadores naturais da antiga Internacional, eles deram pouca atenção à Associação, demonstrando a maior indiferença em relação a ela.” (Stekloff, p. 274).

Então, se resumirmos: o que é essa “vasta maioria” da IWA, mencionada pelo Sr. Nimitz, que apóia Marx e Engels? Itália: “amigos de Bakunin”; Espanha: uma pequena minoria faccional manipulada por Lafargue; Alemanha: quase nada “como sempre”; França: “alguns refugiados”; Bélgica: nada. Holanda: nada; Portugal: “mal se pode dizer que o movimento exista”; Dinamarca: “indiferença demonstrada em relação à Internacional” (Stekloff); Inglaterra: “fracamente representada”; Áustria: nada.

Não estou inventando nada: Engels e Stekloff dizem isso.

E qual é essa “reunião mais representativa da IWA” a que o Sr. Nimitz se refere? Como ele pode dizer que Bakunin e James Guillaume foram expulsos da IWA pela “maioria dos delegados do Congresso de Haia”? O que significa a “maioria” de uma convenção fraudulenta? Somente por meio de uma incrível conspiração e manipulação de mandatos a burocracia do Conselho Geral conseguiu expulsar dois militantes da Federação do Jura com – como o próprio Engel admitiu – tão poucas pessoas por trás deles. *Marx e Engels* foram aqueles que organizaram “uma operação secreta dentro da Internacional em violação de suas regras”.

O mais surpreendente é que, há gerações, os chamados especialistas marxistas vêm nos martelando, com a maior das suposições e a maior das arrogâncias, mentiras sem precedentes baseadas em nada, a não ser em seus preconceitos ideológicos (“verdades alternativas”, diríamos hoje). O mais surpreendente de tudo é que, durante gerações, os anarquistas se contentaram em dar de ombros diante dessas “verdades alternativas” sem se defender, embora tudo o que eles tivessem que fazer fosse mergulhar nos

próprios escritos de Marx e de seu séquito para desvendar essas mentiras.

3. – Política e abstenção

O prefácio do Volume 44 das Obras Coletadas afirma que Marx e Engels “enfatazaram que a abstenção da política transformou os trabalhadores em instrumentos cegos dos políticos burgueses” (p. XXII). Bakunin diz exatamente o contrário: foi a participação na estratégia eleitoral que transformou os trabalhadores em instrumentos cegos dos políticos burgueses. Veja o que aconteceu na Alemanha e na Suíça, diz Bakunin, onde o programa marxista prevalece: a Internacional “desceu ao ponto de não ser mais do que uma espécie de caixa eleitoral para o benefício dos burgueses radicais”. Franz Mehring e Iuri Stekloff confirmam que, onde quer que tenham sido criados partidos socialistas nacionais, a Internacional desapareceu. Mehring afirma: Marx “falhou em reconhecer que (...) quanto mais a Internacional tentasse centralizar suas forças para a luta contra seus inimigos externos, mais ela sofreria dissolução internamente”. E acrescenta: “Onde quer que se formassem partidos operários nacionais, a Internacional começava a se desfazer.”⁹⁶

O que Stekloff confirma quando menciona “a indiferença demonstrada em relação à Internacional por países como Dinamarca, Alemanha, Áustria e Suíça de língua alemã (países onde os partidos nacional-socialistas estavam começando a se desenvolver).”⁹⁷

Na introdução acima mencionada às Obras Coletadas, também podemos ler que Bakunin “não considera o capital e, portanto, o antagonismo de classe entre capitalistas e trabalhadores assalariados que surgiu com o desenvolvimento da sociedade, como o principal mal a ser abolido, mas sim o Estado”.⁹⁸

⁹⁶ Franz Mehring, *Karl Marx, the Story of his Life*, p. 482. Londres, 1936 George Allen & Unwin Ltd. Routledge Library Editions, 1936, reimpresso em 2003.

⁹⁷ Iuri Stekloff, *op. cit.*, p. 270.

⁹⁸ Carta a Th. Cuno, 24 de janeiro de 1872.

Essa afirmação é completamente falsa e resulta das deformações feitas por Marx e Engels do pensamento de Bakunin, que de forma alguma negligencia o antagonismo de classe entre a burguesia e o proletariado. Em 1869, ele escreveu que “o antagonismo que existe entre o mundo dos trabalhadores e o da burguesia está assumindo características cada vez mais pronunciadas”⁹⁹. Se eu ousasse, diria que Bakunin é muito mais “marxista” do que Marx e Engels. Ele mostra em 1873 que o capital e o estado evoluem em uma interdependência dialética: a intensificação da luta de classes leva ao fortalecimento do poder do estado, do “estado legal, metafísico, teológico e militar-policial, considerado o último baluarte que protege atualmente o precioso privilégio da exploração econômica”¹⁰⁰. Ele acrescenta que, entre os dois mundos, “nenhum compromisso é possível”: hoje existe apenas “o partido do passado e da reação, incluindo todas as classes possuidoras e privilegiadas” e “o partido do futuro e da completa emancipação humana, o do socialismo revolucionário, o partido do proletariado”¹⁰¹.

Parece difícil ser mais explícito.

Apesar do que o Sr. Nimtz diz, a “ação política” no sentido de estratégia eleitoral não era de forma alguma “uma norma básica” para a organização. A “ação política independente da classe trabalhadora” (*ou seja*, a criação de um partido político que concorresse a eleições parlamentares) como “norma básica da organização”, como diz o Sr. Nimtz, só foi decidida em 1871, na conferência de Londres, sob as condições burocráticas perfeitamente conhecidas. A “mutação” foi então confirmada sob condições não menos burocráticas no Congresso fraudulento de Haia, em 1872.

É claro que Bakunin não se opunha à ação política da classe trabalhadora em geral; no entanto, ele era:

a) se opôs à adoção pela IWA de um programa político obrigatório, pois isso inevitavelmente produziria divisões e, como ele

⁹⁹ Bakunin, “Politique de l’Internationale”. Consulte *Bakunin Selected texts*, traduzido por Anthony Zurbrugg, Anarres Editions, p. 50.

¹⁰⁰ Bakunin, *Étatisme et anarchie*.

¹⁰¹ Bakunin, “Protestation de l’Alliance”, julho de 1871.

disse, “haveria tantas Internacionais quanto programas diferentes”¹⁰², e

b) muito relutante com relação à estratégia eleitoral porque, longe de levar à emancipação da classe trabalhadora, ela levou, em vez disso, à sua subjugação à burguesia radical.

A definição que Bakunin deu de política em 1869 tinha como objetivo se opor à entrada de políticos burgueses na Internacional. Depois de 1871, ele respondeu àqueles que o acusavam de “indiferença política”: “Não ignoramos a política, pois queremos positivamente matá-la” (“Protestation de l’Alliance”). “Matar” a política significa, de fato, a abolição do Estado e a substituição do “governo dos homens pela administração das coisas” – uma frase que pode ser encontrada palavra por palavra no *Anti-Dühring* de Engel¹⁰³. Portanto, a diferença entre os dois homens não está no “assassinato” da política, mas em como atingir esse objetivo: pela conquista do poder político para Marx e Engels; pela conquista do poder social para Bakunin. O que chamo de “conquista do poder social” é um conceito explicitamente explicado por vários ativistas da IWA.

“Os antiautoritários da IWA viam a Internacional como uma vasta organização de massa, fundada no federalismo e na democracia interna, oferecendo sua estrutura ao proletariado e ao campesinato pobre. Ela precisava se desenvolver em seu próprio terreno, independentemente das organizações burguesas. Ela via seu trabalho como: 1. A destruição do poder do Estado por meio de uma insurreição do proletariado armado, organizado por meio de seções, federações de comércio e federações locais da IWA; 2. O uso de suas próprias estruturas – federações de comércio e federações locais – como matriz para uma futura sociedade libertária e federalista. Essa era uma agenda para o que se tornou o anarco-sindicalismo.”¹⁰⁴

¹⁰² Bakounine, “Writings against Marx”, novembro-dezembro de 1872. *Bakunin, Selected texts 1868-1875*, Anarres Editions.

¹⁰³ Que também é uma citação do pré-socialista francês Saint-Simon (1760-1825).

¹⁰⁴ René Berthier, *Social-Democracy and Anarchism in the International Workers' Association*, Merlin Press, p. 29.

Marx tentou obsessivamente introduzir a “questão política” na IWA, ou *seja*, a estratégia parlamentar – sendo que, segundo ele, “política” se limitava à participação em eleições. A despeito do que o Sr. Nimtz escreve, o que ele chama eufemisticamente de “envolvimento político da classe trabalhadora” não era de forma alguma uma “premissa” para a Internacional. Somente no Congresso fraudulento de Haia é que Marx conseguiu introduzir burocraticamente a estratégia parlamentar, inserindo nos estatutos da IWA um Artigo 7a que tornava obrigatória a ação eleitoral. Essa decisão teve um efeito catastrófico. Todas as federações denunciaram o Congresso quando perceberam que haviam sido manipuladas. A ironia da história é que algumas das federações que haviam denunciado as manobras de Marx ainda assim apoiavam a estratégia parlamentar, mas aceitavam que outras estratégias poderiam ser consideradas: elas simplesmente se opunham à obrigatoriedade.

Proudhon provavelmente nunca ouviu falar da IWA, pois morreu dois meses após a fundação da Internacional; portanto, a rigor, ele não poderia ter sido contra o chamado “envolvimento político da classe trabalhadora” da IWA. Mas o Sr. Nimtz está certo quando diz que Proudhon discordava da ideia de “envolvimento político da classe trabalhadora” se isso significasse participar do jogo eleitoral. A opinião de Proudhon era baseada na experiência: ele havia sido eleito para o Parlamento em 1848 e descobriu que as eleições simplesmente levavam a burguesia ao poder. É necessário dizer que a opinião de Proudhon foi amplamente confirmada pela história? É necessário dizer que quando os socialistas chegam ao poder por meio de eleições, eles rapidamente se transformam em servos da burguesia?¹⁰⁵

¹⁰⁵ Consulte Proudhon: – “Mystification du suffrage universel”. <http://monde-nouveau.net/spip.php?article116>. Proudhon mostra que, depois que o povo derrubou a monarquia em 1848, sua revolução foi confiscada pelo sufrágio universal, que levou os conservadores ao poder. – “Manifeste des Soixante (1864)” <http://monde-nouveau.net/spip.php?article72>. Tolain, um dos fundadores da Internacional, publicou um folheto em 1863 no qual apoiava os candidatos dos trabalhadores na eleição complementar de 1864. O documento foi assinado por 60 trabalhadores e, por isso, foi chamado de “Manifesto dos 60”. – “Lettre de Proudhon aux ouvriers en vue des élections de 1864 (8 mars 1864)”. <http://monde-nouveau.net/spip.php?article75>

Essa é uma conclusão a que Marx poderia ter chegado se não estivesse teimosamente convencido de que a classe trabalhadora era a maioria da população e que ela, aritmeticamente, por assim dizer, levaria um dia os socialistas ao poder. Marx e Engels sempre foram incapazes de entender que a política eleitoral significava necessariamente alianças eleitorais com as frações “progressistas” da burguesia: as seções da Internacional em Zurique mostraram o caminho quando adotaram o programa dos social-democratas alemães e se tornaram instrumentos do radicalismo burguês.

Abstenção e “ação política da classe trabalhadora

A “perspectiva abstencionista” de Bakunin é mencionada quatro vezes pelo Sr. Nimtz em seu artigo, ao qual ele se opõe à “ação política da classe trabalhadora” defendida por Marx, também mencionada quatro vezes. Naturalmente, ele não vai além de Marx na questão; ele toma como certo o que este último diz e não procura saber o que está por trás da alegada recusa da política atribuída a Bakunin, nem insiste no que Bakunin quer dizer com “política”. Ser um abstencionista é considerado por Marx como um comportamento eminentemente condenável. Pior ainda, os anarquistas são acusados de acreditar que “a classe trabalhadora não deve se constituir como um partido político; ela não deve, sob nenhum pretexto, se envolver em ação política, pois combater o Estado é reconhecer o Estado: e isso é contrário aos princípios eternos”.¹⁰⁶ (Veremos que eles também são acusados de serem contra as greves...)

Mas me parece importante ressaltar que o abstencionismo de Bakunin não se refere à política em geral, mas à política como concebida por Marx. Portanto, antes de examinar o abstencionismo de Bakunin, é preciso definir o que ele e Marx entendiam por “Política”. O que o Sr. Nimtz chama de “ação política independente da classe trabalhadora” é, na verdade, a participação do partido

Proudhon responde aos trabalhadores que pedem sua opinião sobre o “Manifeste des Soixante”. – “À propos du Manifeste des Soixante”. <http://monde-nouveau.net/spip.php?article74>

¹⁰⁶ Karl Marx, “Political indifferentism”, Collected Works, vol. 23, p. 392.

socialista na ação parlamentar. Em outras palavras, a “política” é estritamente reduzida à política parlamentar, e nenhuma outra forma de ação política é considerada.

E é a isso que Bakunin se opõe, não à “política” em um sentido geral. Em outras palavras, a verdadeira questão não é sobre o “abstencionismo” de Bakunin, mas sobre como ele define “política” – e os inúmeros artigos que ele escreveu dão indicações precisas sobre esse ponto.¹⁰⁷

“... a política nada mais é do que o funcionamento, a manifestação, tanto interna quanto externa, da ação do Estado, ou seja, a prática, a arte e a ciência da dominação e exploração das massas em favor das classes privilegiadas. Portanto, não é verdade que ignoramos a política. Não ignoramos a política, pois queremos matá-la positivamente. E esse é o ponto essencial no qual nos separamos absolutamente dos políticos e socialistas burgueses radicais. A política deles consiste no uso, na reforma e na transformação da política e do Estado, enquanto a nossa política, a única que admitimos, é a abolição total do Estado e da política que é sua manifestação necessária.

“E é somente porque queremos francamente essa abolição que acreditamos que temos o direito de nos dizer internacionalistas e socialistas revolucionários.”¹⁰⁸

A oposição entre Marx e Bakunin aparece, em primeiro lugar, como uma oposição de estratégia, mas as divergências entre os dois homens não se limitavam, nem de longe, à política da IWA. Havia ainda outra, talvez ainda mais fundamental, relativa à política internacional e à definição do “centro da reação na Europa” – Alemanha ou Rússia? A principal e quase obsessiva preocupação de Marx sempre foi a unidade alemã, pois essa era a condição para a constituição do proletariado alemão como um partido político nacional (o que é bom para a Alemanha é bom para todo mundo). A

¹⁰⁷ Veja: “Bakounine faisait-il de la politique?” [Bakounine estava na política? [*La Rue, revue culturelle et littéraire d'expression anarchiste*, n° 33, 2° trimestre de 1983.

¹⁰⁸ Bakunin, “Protestation de l’Alliance”.

Rússia czarista, segundo ele, era a principal causa do atraso da Alemanha em se unir e, portanto, era o centro da reação na Europa. O ponto de vista de Bakunin era mais sutil. Ele considerava que a Prússia, a Áustria e a Rússia estavam intimamente ligadas umas às outras porque eram as três cúmplices da divisão da Polônia e, conseqüentemente, igualmente reacionárias. A Rússia havia sido, de fato, por um tempo, a força motriz da reação na Europa, mas essa função havia desaparecido com a constituição do Império Alemão. Agora era a Alemanha de Bismarck que havia se tornado o centro da reação. Esse tópico é, de certa forma, o objeto da obra fundamental de Bakunin, publicada em 1874: *Estatismo e anarquia*. Foi após a publicação desse livro que Marx e Engels mudaram radicalmente sua visão do mundo eslavo.¹⁰⁹

Mas, com relação à estratégia da classe trabalhadora, a questão era se a classe trabalhadora deveria se organizar em uma estrutura “interclassista” (pessoas de todas as classes podem ser membros) com base em afinidades programáticas ou em uma estrutura de classe na qual a filiação se baseia na posição dos membros no processo de produção. Essa oposição leva a outra, não mais estratégica, mas política: a classe trabalhadora deve tomar o poder político conquistando o Estado ou deve tomar o poder social por meio de sua organização de classe? Aqui está o cerne do debate. Qualquer que seja a opção considerada, há um fato inevitável: uma revolução social só pode produzir resultados se uma grande massa da população e, em particular, uma quantidade substancial da população trabalhadora, se mobilizar.

Na “opção de Marx”, o partido (e veremos que a experiência histórica mostrará que é mais a liderança do partido) desempenha o papel de elaborar estratégias, e as organizações de massa seguem as orientações do partido. É o modelo social-democrata de divisão de trabalho partido/sindicato, um modelo que se aplica tanto à social-democracia parlamentar quanto à social-democracia radical (leninismo): em ambos os casos, a organização de massa deve apoiar o partido que decide a política. Na “opção Bakunin”, a ênfase está na organização das massas no local de trabalho, mas o revolucionário russo não é um espontaneísta, ele sabe muito bem que é necessária uma minoria política organizada. Simplesmente essa minoria não é

¹⁰⁹ Consulte René Berthier, *Bakounine Politique, Révolution et contre-révolution en Europe centrale*, Éditions du Monde Libertaire, 1991.

organizada fora da classe trabalhadora com vistas à conquista do poder político, ela é organizada dentro dela para a conquista do poder social.

IWA: O modelo de organização de classes

As estratégias divergentes de Marx e Bakunin exigem o uso de “vetores” pelos quais ambos os projetos serão implementados. Para Marx, é claro, o Estado e o Parlamento são os vetores, graças aos quais um partido socialista que tenha adquirido a maioria e formado um governo implementará “incursões despóticas sobre os direitos de propriedade” (de acordo com a fórmula do *Manifesto*), que progressivamente (por meio de um “período de transição”) alcançará a expropriação do capital.¹¹⁰

Para Bakunin, o vetor é a organização de classe, ou seja, uma vasta estrutura que agrupa os trabalhadores assalariados e seus aliados (camponeses e artesãos em processo de proletarianização). Essa organização agrupa os trabalhadores com base em sua função no processo de produção, por comércio e/ou setor. Graças a esse tipo de organização, o proletariado, em sentido amplo, ocupa todas as ramificações do corpo econômico e social e é capaz de controlar toda a produção em que está inserido

Essa ideia emana das profundezas da classe trabalhadora, é a expressão da reivindicação imemorial do trabalhador de controlar seu trabalho, sua vida. Proudhon, que estava visceralmente próximo dos trabalhadores, simplesmente a retomou e a desenvolveu. Outros trabalhadores leram Proudhon e o adotaram por conta própria. A ideia foi difundida na Internacional e aceita por muitos militantes. Bakunin, por sua vez, adotou-a explicitamente. Muitos militantes da Internacional expressaram essa ideia. Ela será retomada mais tarde pela CGT francesa: é a ideia de que a organização de classe, que hoje é um instrumento de luta contra o capital, será amanhã o órgão de administração da sociedade emancipada.

¹¹⁰ Veja: R. Berthier: “Esquisse d'une réflexion sur la “période de transition” <http://monde-nouveau.net/spip.php?article324>. R. Berthier: “La Révolution française dans la formation de la théorie révolutionnaire chez Bakounine” <http://monde-nouveau.net/spip.php?article187>

Será que Marx e Engels, além da zombaria, entenderam a ideia predominante na corrente federalista, que era amplamente majoritária na Internacional, segundo a qual a organização de classe deveria substituir o Estado e assumir a organização da sociedade? É improvável que eles tenham entendido essa ideia, que estava a cem léguas de seu universo conceitual. Também é improvável que tenham notado que ela era comumente discutida na Internacional. Era mais conveniente para eles atribuí-la a um homem, Bakunin, e ridicularizar esse homem.

Assim, Marx caricatura o ponto de vista de Bakunin em uma carta a Lafargue: “A classe trabalhadora não deve se ocupar com política. Ela deve apenas se organizar por meio de sindicatos. Um belo dia, por meio da Internacional, eles suplantarão o lugar de todos os estados existentes.”¹¹¹ Se nos mantivéssemos fiéis a essa parte da citação, poderíamos dizer que Marx entendia o ponto de vista dos federalistas, mas que não queria discuti-lo. Mas a frase seguinte lança uma séria dúvida: Marx acrescenta: “*Veja que caricatura ele fez de minhas doutrinas!*” Essa observação deixa claro que Marx simplesmente não conseguia entender um projeto político e social diferente do seu: qualquer projeto diferente do seu era apenas um desvio de suas próprias ideias. De fato, o projeto social dos federalistas estava totalmente fora do universo mental de Marx – e da social-democracia em geral.

Marx acrescenta em sua carta a Lafargue: “O asno nem sequer viu que todo movimento de classe é necessariamente e sempre foi um movimento político”. *Mas Bakunin concorda perfeitamente com isso!* Ele simplesmente não limita o “movimento político” à atividade eleitoral. Bakunin continua:

“Se as questões políticas e filosóficas não tivessem sido colocadas na Internacional, seria o próprio proletariado que as teria colocado. A aparente contradição entre a exclusão de questões políticas e filosóficas do programa da Internacional e a necessidade de discuti-las é resolvida pela liberdade. É a existência de uma teoria

¹¹¹ 19 de abril de 1870. Poderíamos jogar o mesmo jogo, mas de outra forma: “A classe trabalhadora deve se ocupar da política. Sua tarefa se limita a se organizar em partidos. Um belo dia eles suplantarão todos os estados existentes”. O que é uma definição bastante boa da estratégia marxista. (Collected Works, vol. 43, p. 490).

oficial que mataria, ao torná-la absolutamente inútil, a discussão viva, ou seja, o desenvolvimento do próprio pensamento do movimento dos trabalhadores¹¹².”

Quase dois anos depois, Marx retomou sua zombaria em uma carta a Theodor Cuno: “Agora, como, de acordo com Bakunin, a Internacional não foi formada para a luta política, mas para que pudesse substituir imediatamente a velha máquina do Estado quando ocorresse a liquidação social, segue-se que ela deve se aproximar o máximo possível do ideal bakuninista da sociedade futura.”¹¹³

Embora caricaturada, a exposição do ponto de vista de Bakunin permanece, no entanto, relativamente precisa. Mas Bakunin está longe de ser o único a pensar assim: como eu disse, essa era uma opinião amplamente difundida na Internacional, da qual Bakunin não foi o inventor. Caesar De Paepe escreveu um pequeno texto em 1869, intitulado “As instituições atuais da Internacional do ponto de vista de seu futuro”. O militante belga parte da ideia de que as instituições que o proletariado cria sob o capitalismo são uma prefiguração das instituições do futuro: “Queremos mostrar que a Internacional já oferece o tipo de sociedade que está por vir e que suas várias instituições, com as modificações necessárias, formarão a futura ordem social”. Poderíamos propor uma abordagem perfeitamente marxista para confirmar essa opção. Marx diz que a burguesia havia criado, dentro da sociedade feudal, a base material de seu poder, fundada na propriedade privada dos meios de produção. A classe trabalhadora também desenvolve no sistema capitalista a base de seu poder, que não se baseia na propriedade, mas em sua organização. Isso é o que diz o marxista Anton Pannekoek:

“Como a luta de classes revolucionária contra a burguesia e seus órgãos é inseparável da tomada do aparato produtivo pelos trabalhadores e sua aplicação na produção, a mesma organização que une a classe para sua

¹¹² Bakunin, “La Politique de l’Internationale”, 1869. Tradução para o inglês em *Bakunin Selected Texts 1868-1875* Editado e traduzido por A.W. Zurbrugg, Annaires Editions.

¹¹³ Engels para Th. Cuno, 24 de janeiro de 1872, *Collected Works*, 44 p. 307.

luta também atua como uma forma de organização do novo processo produtivo¹¹⁴.”

Não é preciso dizer que essa posição não seria apropriada se a Internacional fosse considerada um partido político. Para Bakunin, a recusa da estratégia parlamentar equivale a preservar o proletariado da política burguesa:

“A Internacional, colocando assim o proletariado fora da política dos Estados e do mundo burguês, constitui um novo mundo, o mundo do proletariado, solidário com todos os países. Esse mundo é o do futuro¹¹⁵.”

Bakunin não culpa os marxistas e os lassalleanos por se ocuparem com política, ele os culpa por se ocuparem com o que ele chama de “política positiva” (no sentido da dialética hegeliana), ou seja, política conservadora, burguesa.

“(…) quem quer que se dedique à realização de um fim prático não pode permanecer indiferente às condições reais do ambiente, com as quais deve necessariamente conformar sua ação, a menos que veja todos os seus esforços atingidos pela impotência e esterilidade.

“Essa necessidade de conformar a ação de alguém às condições reais do ambiente impõe à Internacional um caráter, uma tendência e um objetivo que são políticos.

“Ah! dirão nossos adversários, vocês também reconhecem que a Internacional não deve separar a questão econômica da questão política'. Sem dúvida, nós a reconhecemos e, além disso, nunca a ignoramos. É inevitavelmente, e deixe-nos dizer, é de má-fé que você nos acusou de desconsiderar a política. O que sempre rejeitamos e o que continuamos a rejeitar energicamente hoje não é a política em geral, é a sua política de socialistas burgueses, de socialistas patriotas e de

¹¹⁴ Anton Pannekoek, “General Remarks on the Question of Organisation”, 1938; <http://www.marxists.org/archive/pannekoek/1938/general-remarks.htm>

¹¹⁵ *Écriture contre Marx*.

socialistas estadistas, cuja consequência inevitável colocará o proletariado sempre sob a dependência da burguesia¹¹⁶.”

Aqui, novamente, é difícil ser mais explícito.

Marx podia ser extremamente crítico em relação aos socialdemocratas alemães, chegando a acusá-los de estarem “infectados com o cretinismo parlamentar”¹¹⁷. Se Bakunin condenou a estratégia parlamentar (mas não condenou o sufrágio universal como tal¹¹⁸), por considerar que não poderia ser um instrumento para a emancipação do proletariado, ele não elevou a abstenção ao nível de um princípio metafísico. Ele reconheceu uma certa utilidade nas eleições comunais e locais e até mesmo aconselhou circunstancialmente seu amigo Gambuzzi a intervir no Parlamento. Se há uma análise crítica bem fundamentada do eleitoralismo em Bakunin, não há essa condenação histórica e visceral característica de muitos anarquistas após sua morte.

Autonomia dos trabalhadores

A noção de autonomia do trabalhador estava fortemente ancorada no movimento trabalhista belga e francês, muito influenciado por Proudhon.

¹¹⁶ “Aux compagnons de la Fédération jurassienne”, *Champ libre*, III, pp. 71-72.

¹¹⁷ Marx para Sorge, 19 de setembro de 1879, *Collected Works* vol. 445, p. 414.

¹¹⁸ “Isso significa que nós, socialistas revolucionários, não queremos o sufrágio universal e que preferimos o sufrágio limitado ou o despotismo de um só? De modo algum. O que estamos dizendo é que o sufrágio universal, considerado por si mesmo e atuando em uma sociedade fundada na desigualdade econômica e social, sempre será uma ilusão para o povo; que, por parte dos democratas burgueses, ele nunca será nada além de uma mentira odiosa, o instrumento mais seguro para consolidar, com uma aparência de liberalismo e justiça, em detrimento dos interesses e da liberdade populares, a dominação eterna das classes exploradoras e possuidoras.” (Bakounine, “La situation politique en France” (Carta a Palix), Lyon, 29 de setembro de 1870 – início de outubro de 1870. *Champ libre*, vol. 7, pp. 198-199).

Proudhon havia sido eleito para a Assembleia Constituinte após a Revolução de 1848. Assim, ele experimentou a ação parlamentar e percebeu que o sufrágio universal nada mais fazia do que levar a burguesia ao poder. Portanto, ele se esforçou para pensar em outros meios de garantir a genuína soberania popular. Pode-se dizer que foi ele quem formulou a ideia de que o movimento trabalhista cria dentro do sistema capitalista as bases da sociedade emancipada.

“As ideias de associações de trabalhadores, de autonomia dos trabalhadores em relação ao capital e ao Estado, de gestão da produção pelos próprios produtores (hoje diríamos autogestão), a noção de federalismo na política etc. foram elaboradas por Proudhon, mas constituíam, na verdade, um patrimônio comum das classes trabalhadoras, eram aspirações nascidas no seio dos trabalhadores e muitas vezes expressas de forma confusa, mas firme. As ideias proudhonianas são muito mais um rascunho das esperanças que surgiram espontaneamente no coração do povo trabalhador do que uma ciência rigorosa, uma doutrina intangível. A referência a Proudhon nas classes trabalhadoras é sempre uma referência a esse patrimônio comum. Assim, veremos todos os tipos de ‘proudhonianos’ muito diferentes uns dos outros.”¹¹⁹

O proudhonismo passará, portanto, por mutações forçadas provocadas pela evolução da luta de classes. Até 1866, os proudhonianos belgas e franceses se opunham às greves, mas depois de 1867 eles só puderam notar o grande valor das greves no campo da propaganda, da solidariedade e da unidade dos trabalhadores. Os proudhonianos que não se adaptaram foram marginalizados e depois eliminados após 1868, quando a IWA foi forçada a assumir uma posição combativa. A ideia da autonomia dos trabalhadores foi esclarecida em *La Capacité politique des classes ouvrières* (A capacidade política das classes trabalhadoras), de Proudhon,

¹¹⁹ “L’AIT”, um texto não assinado escrito em meados da década de 1970 por um grupo da “Alliance syndicaliste révolutionnaire et anarcho-syndicaliste”, provavelmente pelo grupo de Saint-Dizier (França). Consulte: http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/MANUSCRIT_AIT.pdf

publicada postumamente em 1865, na qual ele conclama o proletariado a “separar-se conscientemente” da burguesia: “A classe trabalhadora deve acabar com sua tutela, deve agir exclusivamente por si mesma e para si mesma”.

Os belgas da Internacional foram provavelmente os primeiros (depois de Proudhon) a formular a ideia de autonomia dos trabalhadores. Dois anos antes da Comuna de Paris, eles conceberam sua organização como uma organização de classe integral do proletariado, uma organização sindical revolucionária, construída com base no federalismo duplo: *horizontal*, com filiais locais responsáveis por todos os problemas políticos gerais, e *vertical* (sindicatos e federações de comércio ou indústria). Para eles, somente essa organização era capaz de garantir todas as tarefas da revolução proletária por meio de suas próprias estruturas: a liquidação da organização política da sociedade e a gestão direta dos trabalhadores.

Em 28 de fevereiro de 1869, podemos ler no *L'Internationale*, o jornal da Federação Belga.

“A Associação Internacional dos Trabalhadores trazia em seus flancos a regeneração social. Há muitos que concordam que, se a associação chegar a realizar seu programa, terá efetivamente estabelecido o reino da justiça, mas que acreditam que certas instituições atuais da Internacional são apenas temporárias e destinadas a desaparecer. Queremos mostrar que a Internacional já oferece esse tipo de sociedade que está por vir e que suas várias instituições, com as modificações necessárias, formarão a futura ordem social.”¹²⁰

Essas ideias estavam longe de ser específicas de Bakunin: elas eram muito difundidas e podiam ser encontradas nos textos de vários militantes da Internacional: César de Paepe, mas não só. Bakunin era apenas um dos muitos que compartilhavam a ideia de que a IWA – ou seja, a organização de classe do proletariado – deveria assumir hoje a luta cotidiana para melhorar a condição da classe trabalhadora e, amanhã, a organização geral da sociedade quando o capitalismo e o Estado fossem derrubados. Essa era uma ideia comum na época e

¹²⁰ *L'Internationale*, 28 de fevereiro de 1869.

aceita dentro da IWA; não pode ser atribuída apenas a Bakunin. Marx e Engels não podiam ignorar essa ideia, que será encontrada mais tarde no sindicalismo revolucionário¹²¹. No entanto, sempre que Marx e Engels a evocam, nunca é para debater, mas sempre para caricaturá-la e ridicularizá-la.

Incompreensão marxista

Em junho de 1873, James Guillaume e J.L. Pindy participaram de um congresso social-democrata em Olten, na Suíça. Esse foi provavelmente o único exemplo de “diálogo” relativamente eficaz entre federalistas e social-democratas. Alguns meses após a exclusão da Federação do Jura, os federalistas tentaram, mesmo assim, iniciar um diálogo. Em seu relatório, James Guillaume mostra a *total incompreensão* dos socialistas de língua alemã diante das teses da corrente federalista. Ele reconhece que os socialistas estaduais tinham o direito de defender suas escolhas e que tinham seus ideais legítimos,

“Mas o lado irritante das coisas era que, em seu campo, não havia tolerância igual: havia a crença de que eles estavam de posse da verdadeira doutrina científica, e os dissidentes eram vistos com piedade; além disso, não satisfeitos com a piedade, havia a crença de que eles haviam recebido a missão de extinguir a heresia e que era seu dever implantar em todos os lugares uma doutrina eterna e saudável.”¹²²

Alguém poderia ser fortemente incitado a pensar que essa declaração, escrita em 1873, antecipa profeticamente o destino do comunismo estatal.

¹²¹ Essa ideia pode ser rastreada até Proudhon, cujas reservas com relação à utilidade das greves são complexas e não podem ser resumidas em “Proudhon era contra as greves”. O aparente paradoxo entre sua posição sobre as greves e o fato de que os sindicalistas revolucionários franceses se referiam a ele é analisado em Daniel Colson, “Proudhon et le syndicalisme révolutionnaire”,

¹²² Veja: René Berthier, *Social-Democracy and Anarchism in the International Workers' Association*, Merlin Press, pp. 107-108.

Guillaume parecia estar “extremamente irritado com a autossatisfação e a arrogância daqueles que defendiam o socialismo ‘científico’, alguns deles chegando ao ponto de acusar os jurassianos de serem ‘inimigos dos trabalhadores’, ‘traidores pagos pela burguesia para pregar falsas doutrinas’”. Ele percebeu que o diálogo era impossível, porque a mentalidade dos militantes social-democratas tornava impossível qualquer compreensão mútua e porque o significado das palavras não era o mesmo. As explicações dos jurassianos sobre a organização federalista, em oposição à organização centralista, foram traduzidas sistematicamente em expressões alemãs que transmitiam que “os delegados do Jura desejavam que cada organização permanecesse isolada, sem união entre si”. James Guillaume acrescenta: “Toda tentativa de obter uma tradução melhor foi frustrada. Não por má vontade, mas sim, segundo eles, porque era impossível nos traduzir de forma mais clara”¹²³.

“Aqui temos uma ilustração perfeita da total impossibilidade de um diálogo entre representantes das duas correntes do movimento trabalhista, porque os social-democratas eram simplesmente incapazes de entender os conceitos antiautoritários básicos.”¹²⁴

Acredito que a mesma barreira intransponível existia entre Marx e Bakunin: Marx era “estruturalmente” incapaz de entender o ponto de vista dos federalistas na Internacional, baseado na noção de autonomia dos trabalhadores.

4. – Movimento político ou organização de classe?

Os autores marxistas têm o hábito irritante de deformar o rascunho original da IWA e agir como se ela tivesse sido criada à imagem de Marx e para cumprir o propósito que Marx lhe atribuiu.

¹²³ James Guillaume, Vol 2, parte 5, capítulo 3, p. 75. (Éditions Gérard Lebovici)

¹²⁴ René Berthier, *Social-Democracy & Anarchism*, op. cit., p. 108.

O exemplo perfeito dessa projeção fantasiosa pode ser encontrado em Iuri Stekloff, um historiador bolchevique, que disse que a Internacional funcionava de acordo com os princípios do “centralismo democrático”! Stekloff está tão convencido de que a Internacional era um partido que escreveu:

“Naquele congresso [*Haia*] haveria um conflito decisivo entre os defensores da luta política do proletariado e do centralismo democrático na organização da Internacional, de um lado, e os defensores do anarquismo, tanto no campo político quanto em questões de organização, do outro.”¹²⁵

Stekloff percebe corretamente o debate entre centralistas e federalistas; no entanto, ele imagina que a Internacional é algo como o partido bolchevique, operando com base no princípio do “centralismo democrático”, ou seja, uma organização cujas estruturas inferiores e intermediárias não têm poder de decisão e são totalmente submetidas ao centro.

Na verdade, a IWA foi criada pela vontade conjunta de sindicalistas ingleses e proudhonistas franceses para organizar a solidariedade entre os trabalhadores dos dois países. Nada mais. Em 1862, durante a Exposição Universal de Londres, uma delegação de 340 trabalhadores franceses foi à capital britânica e estabeleceu relações com sindicalistas ingleses, discutindo o progresso técnico e econômico dos últimos anos. Os trabalhadores britânicos aproveitaram a oportunidade para propor uma aproximação com seus companheiros franceses. Os trabalhadores franceses ficaram surpresos com o nível de organização de seus companheiros do outro lado do Canal. Em 1863, os sindicalistas ingleses convidaram os trabalhadores franceses para participar de uma manifestação a favor da independência da Polônia. Foram organizadas reuniões em massa. Naquela época, havia uma verdadeira efervescência na classe trabalhadora europeia. Foram então estabelecidas relações contínuas

¹²⁵ G.M. Stekloff, *History of the First International*, London Martin Lawrence limited, p. 228. Consulte:

<https://www.marxists.org/archive/steklov/history-first-international/ch14.htm>

em ambos os lados do Canal da Mancha. Naturalmente, Marx não teve nada a ver com tudo isso.

Em 22 de julho de 1864, uma reunião reuniu os principais líderes sindicais em Londres e seis trabalhadores franceses. No dia seguinte, os britânicos receberam os franceses em uma reunião restrita durante a qual foram lançadas as bases para um acordo. A International Workers Association foi finalmente constituída durante uma viagem que Tolain, Perrachon e Passementier (três proudhonistas, aliás) fizeram a Londres em setembro de 1864. Em 29 de setembro de 1864, em uma reunião no St. Martin's Hall, a IWA foi oficialmente constituída. Martin's Hall, a AIT foi oficialmente constituída. O projeto francês de criar seções na Europa conectadas por um comitê central, que seria chamado de “Conselho Geral”, foi aprovado. Citando um dos signatários do “Manifeste des Soixante”¹²⁶, James Guillaume escreveu, com certa razão, que a Internacional era “uma criança nascida nas oficinas de Paris e criada em Londres”. O inglês Odger foi nomeado Presidente do Conselho Geral.

Inicialmente, a nova organização era principalmente anglo-francesa. No entanto, integrou imigrantes poloneses, alemães e italianos – que, a propósito, não eram particularmente proletários... Um comitê provisório, do qual participaram Marx, Jung e Eccarius, foi responsável pela elaboração dos estatutos da organização. A despeito do ponto de vista explícito ou implícito de muitos autores marxistas, a IWA não foi, de forma alguma, uma criação de Karl Marx, que permaneceu totalmente alheio ao trabalho preparatório que ocorreu entre 1862 e 1864. E suas “premissas” – como observa o Sr. Nimtz – não têm nada a ver com política eleitoral. James Guillaume diz, com toda razão: “Como o cuco, ele [Marx] veio botar seu ovo em um ninho que não era dele. Seu objetivo era, desde o primeiro dia, fazer da grande organização trabalhista o instrumento de suas visões pessoais”¹²⁷.

¹²⁶ O “Manifeste des Soixante” (Manifesto dos sessenta), escrito por Henri Tolain e assinado por sessenta proletários em 1864, era um programa que apoiava as reivindicações dos candidatos dos trabalhadores em uma eleição parcial durante o Segundo Império. Ele exigia uma democracia política, econômica e social genuína. É um texto importante na história do movimento trabalhista francês. Veja: “Manifeste des Soixante” (<http://monde-nouveau.net/spip.php?article72> e René Berthier, “À propos du Manifeste des Soixante” (<http://monde-nouveau.net/spip.php?article74>)

A Associação Internacional dos Trabalhadores¹²⁸ era basicamente uma Internacional do tipo sindical: ninguém contestava esse fato. Os conflitos dentro dela e as divisões foram introduzidos pelas manobras de Marx e sua comitiva, que tentaram questionar o caráter sindical da Internacional e transformá-la em uma Internacional de partidos políticos. Mas a política eleitoral *nunca* constituiu as “premissas” da organização.

A questão era se o “movimento político” deveria ou não ser subordinado “como um meio” para “a emancipação das classes trabalhadoras”: em outras palavras, a classe trabalhadora deveria ser organizada em um partido político para a conquista do poder por meio de eleições (e, nesse caso, a AIT deveria ser subordinada ao partido social-democrata); ou o “movimento político” deveria ser entendido como os diferentes componentes da *classe trabalhadora* coexistindo na mesma organização. Reduzido ao essencial, o problema era definir a Internacional como uma organização de partidos políticos com um programa único e obediência à disciplina partidária, ou como uma organização de tipo sindical composta por federações heterogêneas e autônomas. Havia aqueles que acreditavam que a conquista da emancipação deveria ser feita por meio das urnas e aqueles que promoviam não a *abstenção política*, como Marx e Engels costumavam dizer, mas a *não participação* em eleições e a luta conjunta contra o Estado e a burguesia. A primeira opção correspondia à maioria dos britânicos e alemães – mas (significativamente) *nem os britânicos nem os alemães tinham uma Federação*¹²⁹ –, a segunda correspondia à estratégia defendida por aqueles que se identificavam com as ideias de Bakunin (e que constituíam a grande maioria da IWA).

¹²⁷ James Guillaume : *Karl Marx pangermaniste*, p. 5. (Reimpressão da coleção da Biblioteca da Universidade de Michigan).

¹²⁸ Esse é o nome original da organização, embora o politicamente correto, se não a verdade histórica, o tenha mudado (com razão) para “International Worker's Association” (Associação Internacional dos Trabalhadores).

¹²⁹ Tardiamente, houve uma federação britânica de curta duração, cuja história ainda precisa ser escrita. Lembremos que Franz Mehring observou em sua biografia de Karl Marx que, onde quer que fossem criados partidos socialistas nacionais, a Internacional declinava.

Graças ao seu controle do aparato da IWA e com o apoio dos blanquistas (que Marx trairia mais tarde), Marx e seus amigos conseguiram impor sua interpretação do discurso de posse: “a conquista do poder político tornou-se o primeiro dever da classe trabalhadora”, o que de fato transformou a AIT em uma Internacional centralizada de partidos políticos, e o Conselho Geral em um Comitê Central. Portanto, de alguma forma, Stekloff não estava totalmente errado quando disse que a AIT estava trabalhando com base no “centralismo democrático”: ele estava apenas expressando como *Marx* via as coisas.

As decisões tomadas durante a conferência confidencial de Londres, em setembro de 1871, para transformar a IWA em uma Internacional de partidos políticos foram logo seguidas, em outubro, por fortes reações quando as informações foram divulgadas. Várias federações da Internacional as denunciaram: Jura, Bélgica, Itália e Espanha. Bakunin não participou dessas reações. Não se tratava de uma disputa pessoal entre Marx e Bakunin, mas de uma oposição de todas as *federações* da Internacional *realmente existentes* contra Marx. Obviamente, a “organização secreta dentro da IWA” que o Sr. Nimtz menciona pertencia a Marx. As expulsões de Bakunin e James Guillaume em Haia foram cuidadosamente preparadas pela organização secreta de Marx.

Bakunin contra as greves?

Em 1873, Marx escreveu um panfleto sobre o “indiferentismo político”¹³⁰ no qual acusava os anarquistas de se oporem aos partidos políticos. Ele os acusa também de se oporem a greves:

“Os trabalhadores não devem entrar em greve, pois lutar para aumentar o salário ou impedir sua diminuição é como reconhecer salários: e isso é contrário aos princípios eternos da emancipação da classe trabalhadora¹³¹ !”

¹³⁰ Collected Works, vol. 23.

¹³¹ Karl Marx, “Political indifferentism”, Collected Works, vol. 23, p. 392.

“Political indifferentism” (Indiferentismo político), um texto relativamente curto, foi escrito em 1873. Naquela época, a doença e a exaustão forçaram Bakunin a abandonar toda a atividade política, e o texto foi publicado em 1874. Estranhamente, “Political indifferentism” não menciona explicitamente Bakunin. Marx provavelmente tem como alvo os anarquistas italianos, pois o artigo foi escrito para uma publicação italiana, *l’Almanacco Repubblicano per l’anno 1874*.

Isso levanta a questão das relações entre Bakunin e seus amigos italianos. Embora houvesse muitas seções da Internacional na Itália (na criação das quais Bakunin havia contribuído em alguns casos), uma federação italiana foi formada tardiamente em 1872. Os italianos representavam, de certa forma, a ala “esquerdista” da comitativa de Bakunin. São eles que, em minha opinião, estão na origem da fundação do “anarquismo” como uma corrente política. Ao analisar a obra de Bakunin, percebe-se que ele se referia a si mesmo como um “coletivista” ou um “socialista revolucionário”; ele usa a palavra “anarquia” em seu sentido normal (e negativo) de “desordem”, “caos”, quase nunca para designar uma corrente política; e quando o faz, nota-se que ele usa precauções linguísticas para explicar seu pensamento¹³². De qualquer forma, quer “Indiferentismo político” tenha sido escrito para Bakunin ou para os anarquistas italianos, Marx está errado quando diz que eles se opunham às greves.

O que é lamentável nesse caso é que os dois homens estão muito mais de acordo do que normalmente se acredita. De fato, se deixarmos de lado a estratégia eleitoral, Bakunin não se opõe de forma alguma à ação política, embora sua definição não seja a mesma de Marx; e ele não se opõe de forma alguma à luta sindical cotidiana, que é precisamente *um dos fundamentos de sua política*. A razão pela qual ele se opõe à adoção de um programa compulsório pela IWA é que ele acredita que a experiência diária da ação industrial contribui para conscientizar os trabalhadores sobre a distância que os separa da burguesia e para fazê-los adquirir uma

¹³² René Berthier, “L’usage du mot ‘anarchie’ chez Bakounine” [O uso da palavra “Anarquia” em Bakunin], <http://monde-nouveau.net/spip.php?article185>

consciência de classe¹³³. A luta diária é, portanto, um elemento determinante da estratégia revolucionária. Seria muito meticuloso citar todos os textos de Bakunin que tratam dessa questão.

“Quem não sabe o que cada greve significa para os trabalhadores em termos de sofrimento e sacrifícios? Mas as greves são necessárias; de fato, elas são necessárias a tal ponto que, sem elas, seria impossível despertar as massas para uma luta social, nem seria possível organizá-las [...]

“Não há melhor meio de separar os trabalhadores da influência política da burguesia do que uma greve. [...]

“Sim, as greves têm um valor enorme; elas criam, organizam e formam um exército de trabalhadores, um exército que está destinado a derrubar o poder da burguesia e do Estado e a preparar o terreno para um novo mundo¹³⁴.”

O revolucionário russo já havia explicado seus pontos de vista em 1869 em uma série de artigos para o *L'Égalité* de Genebra intitulada “Politique de l'Internationale” (Política da Internacional)¹³⁵: ao contrário de Marx, Bakunin não limita a política à ação parlamentar, embora para ele o político seja um conceito

¹³³ Houve um debate interessante na classe trabalhadora francesa e italiana no início do século XX, quando as ideias da Federação do Jura e de Bakunin foram “redescobertas” graças a James Guillaume, que publicou documentos daquele período. O debate era sobre “automatismo”: os trabalhadores necessariamente adquirem consciência de classe revolucionária por meio da experiência da ação cotidiana no local de trabalho. As duas partes do debate, os prós e os contras, estavam equivocadas ao se referirem, cada uma, a apenas um aspecto da análise de Bakunin, que não colocou o problema nesses termos. Veja: – Maurizio Antonioli, “Bakunin tra sindacalismo rivoluzionario e anarchismo”, Bakunin cent'anni dopo, Edizioni Antistato, 1976. Tradução francesa: éditions Noir & Rouge – René Berthier, 1814-2014, *Bakounine bicentenaire. L'Héritage*, Cercle d'études libertaires Gaston-Leval.

¹³⁴ “Aliança Revolucionária Mundial da Social Democracia”. Citado por G.P. Maximoff, *Bakunin*, The Free Press, Nova York, 1964, pp. 384-385

¹³⁵ Cf. Michel Bakounine, *Le Socialisme libertaire*, op. cit., pp. 159-181. Tradução para o inglês: Bakunin Selected Texts 1868-1875, Anarres Editions pp. 42-56.

estritamente relacionado à esfera do Estado¹³⁶. É por isso que “a verdadeira política dos trabalhadores, a política da Associação Internacional”¹³⁷, ainda está para ser inventada. É por isso também, diz Bakunin, que a Internacional excluiu toda tendência política de seu programa para não se transformar em uma seita.

Um ponto-chave da estratégia bakuniniana, afirmado em seu documento programático intitulado “Política da Internacional”, declara que “a redução das horas de trabalho e salários mais altos” são uma demanda prioritária da classe trabalhadora¹³⁸ – um ponto em que Bakunin e Marx estão totalmente de acordo: essa mesma afirmação é a última frase do Livro III de *O Capital*!¹³⁹

Início das hostilidades

O ponto de vista de Bakunin sobre a atividade eleitoral da classe trabalhadora resultou da observação cuidadosa que ele fez dela na Suíça. Tocqueville expressa a situação perfeitamente. Em *De la Démocratie en Amérique* (Da Democracia na América), ele evoca os cidadãos “tão dependentes do poder central” que devem “escolher de tempos em tempos os representantes desse poder; um uso tão importante, mas tão raro, de seu livre arbítrio não os impedirá de perder gradualmente a faculdade de pensar, sentir e agir por si mesmos”. Bakunin poderia ter dito a mesma coisa, pois sua crítica à democracia está inteiramente na continuidade da de Tocqueville. Entretanto, ele acrescentou alguns elementos que Tocqueville evidentemente não havia previsto, em particular a ilusão de democracia em um sistema em que a população é dividida entre possuidores e não possuidores.

Bakunin entendeu duas coisas que Marx e Engels parecem ter ignorado:

¹³⁶ Jean-Christophe Angaut, “[Bakounine et le concept de politique](http://atelierdecreationlibertaire.com/blogs/bakounine/bakounine-et-le-concept-de-politique-795/)”, <http://atelierdecreationlibertaire.com/blogs/bakounine/bakounine-et-le-concept-de-politique-795/>

¹³⁷ *Le Socialisme libertaire*, Paris, Denoël, 1973, pp. 163-164.

¹³⁸ Bakunin, “The Politics of the International” (1869), em *Bakunin Selected Writings 18368-1875*, Anarres Editions, p. 56.

¹³⁹ Na versão francesa de Éditions de La Pléiade: Karl Marx, *Œuvres, Économie*, II, p. 1488.

a) Como a classe trabalhadora não representa a maioria da população, para chegar ao poder por meio de eleições, ela será forçada a fazer alianças eleitorais com partidos mais moderados, o que levará o partido socialista a adular seu programa.

b) Mesmo que a classe trabalhadora chegasse ao poder por meio de eleições e empreendesse reformas importantes, a burguesia varreria a “democracia” e reagiria com o máximo rigor: “O proletariado não tem nada a esperar da burguesia, nem de sua inteligência, nem de algum senso de equidade, muito menos de sua política; nem dos radicais burgueses, nem dos chamados socialistas burgueses...”¹⁴⁰

A história demonstrou amplamente a pertinência da análise de Bakunin.¹⁴¹

Bakunin sabia, desde o congresso da Basiléia, quando as resoluções inspiradas por Marx foram claramente rejeitadas em favor das resoluções “federalistas”, que um conflito havia se tornado inevitável. Mas ele queria adiar esse confronto até o último momento, tanto por reconhecer o papel positivo desempenhado por seu oponente quanto por motivos táticos.

“Marx é, inegavelmente, um homem muito útil na Sociedade Internacional. Até hoje ele exerce uma influência sábia e firme em seu partido, é o mais forte obstáculo à invasão de ideias e tendências burguesas. E eu

¹⁴⁰ Bakunin, “Writings against Marx”, em *Bakunin Selected texts 1868-1875*, Anarres Éditions, p. 234.

¹⁴¹ Assim que o proletariado começa a reivindicar seus direitos, diz Bakunin, “o liberalismo político dos burgueses desaparece e, não encontrando em si nem os meios nem o poder necessários para reprimir as massas, ele se imola em favor da conservação dos interesses econômicos dos burgueses, dá lugar à ditadura militar” (“Manuscrit de 114 pages”, Oeuvres, Stock IV, p. 172). Bakunin havia analisado de perto a sociedade francesa pós-1789. Ele faz observações muito interessantes sobre a atitude da burguesia diante da ameaça popular e desenvolve teses sobre o que ele chama de “cesarismo”, que devem ser relacionadas à noção de “bonapartismo” de Marx. Naturalmente, fazer um estudo comparativo das noções desenvolvidas pelos dois autores implicaria o reconhecimento prévio de um mínimo de valor normativo ao pensamento de Bakunin, o que poucos intelectuais marxistas estão dispostos a fazer.

jamais me perdoaria se tivesse tentado apagar ou mesmo enfraquecer sua influência benéfica com o simples propósito de me vingar dele. No entanto, pode acontecer, e mesmo dentro de pouco tempo, que eu me envolva em uma luta com ele, não por ofensa pessoal, é claro, mas por uma questão de princípio, sobre o comunismo de estado, do qual ele e os partidos inglês e alemão que ele dirige são os mais calorosos apoiadores. Então, será uma luta até a morte. Mas há um tempo para tudo e o tempo para essa luta ainda não chegou¹⁴².”

Bakunin reconheceu honestamente os méritos de Marx como teórico: “Marx é um homem de grande inteligência e, além disso, um estudioso no sentido mais amplo da palavra. Ele é um economista profundo...” etc.¹⁴³ Ele também reconheceu o papel inevitável que havia desempenhado na preservação da Internacional da influência burguesa: “Então Marx é apaixonadamente devotado à causa do proletariado. Ninguém tem o direito de duvidar disso, pois ele está servindo há trinta anos com perseverança e fidelidade, que nunca foram negadas. Ele deu toda a sua vida a essa causa...”¹⁴⁴. É por isso que, embora ele soubesse que um dia haveria um confronto aberto, ele adiou o momento o máximo possível.

Embora a sinceridade da homenagem que ele presta a Marx não possa ser questionada, Bakunin não é um “violeta encolhido”, como diz o Sr. Nimtz, ele reconhece em sua carta a Herzen que poupou Marx por tática: ele acha que é preciso evitar ser o primeiro a se envolver em uma “guerra aberta”. Se as premissas do confronto surgiram no Congresso da Basileia, em setembro de 1869, o conflito estourou na conferência de Londres, por iniciativa de Marx, em setembro de 1871.

¹⁴² Carta a Herzen, 26 de outubro de 1869, em CDRom IISH Amsterdam. A mesma carta, em uma tradução ligeiramente diferente, pode ser encontrada em *Michel Bakounine, Socialisme autoritaire ou socialisme libertaire*, pp. 90-91, UGE 1975.

¹⁴³ “Rapports personnels avec Marx. Pièces justificatives”, n° 2. In: *Bakounine, Œuvres complètes*, Éditions Champ libre, vol. 2, p. 121, dezembro de 1871.

¹⁴⁴ *Ibid.*

Sobre essa Conferência de Londres, Bakunin escreveu para seus amigos da Internacional de Bolonha em dezembro de 1871:

“O Conselho Geral acaba de declarar a guerra. Mas não tenham medo, queridos amigos, a existência, o poder e a unidade real da Internacional não sofrerão porque sua unidade não está acima, não está em um dogma teórico uniforme imposto à massa do proletariado [...] Está abaixo, na situação material idêntica de sofrimento, necessidades e aspirações reais do proletariado de todos os países.”¹⁴⁵

Parece que Bakunin não tinha medo de um confronto porque, segundo ele, a verdadeira internacional estava no meio dos militantes e das federações, não em seu aparato diretivo: por esse motivo, ele achava que as teses federalistas que defendia não tinham nada a temer. Bakunin não era ingênuo; simplesmente, naquela época, faltava a experiência histórica, porque estávamos em uma situação sem precedentes. Hoje conhecemos o poder de uma minoria sem controle que está à frente de um aparato

Durante o ano entre a conferência de Londres e o Congresso de Haia, a legitimidade do Conselho Geral foi seriamente abalada porque Marx e seus seguidores se aproveitaram da situação para decidir sobre uma questão que dividiu a Internacional, que deveria ter sido objeto de debate na organização e que não havia sido resolvida por uma decisão do Congresso: a chamada “questão política”.

A contestação da política que Marx queria impor à Internacional não se deveu à instigação de Bakunin. As federações não precisavam de Bakunin para se cansar de Marx e eram perfeitamente capazes de ter uma opinião própria. No entanto, esse desafio tendeu a ser reduzido exclusivamente a um conflito pessoal entre Bakunin e Marx: de fato, quando se quer evitar um confronto político de ideias, é muito conveniente reduzir as coisas a uma disputa pessoal.

¹⁴⁵ Bakounine, “Lettre aux Internationaux de Bologne”, dezembro de 1871. Oeuvres, Champ libre, II, p. 105.

Bakunin previu

Bakunin previu um ataque contra ele e a corrente federalista e, nos meses que antecederam a Conferência de Londres, redigiu um texto intitulado “Protesto da Aliança” (*Protestation de l’Alliance*). Mas, como de costume, ele se bifurca do objeto inicial de seu “protesto”: faz uma análise espantosa do fenômeno burocrático com base em sua observação dos comitês de Genebra que, “sacrificando-se e dedicando-se”, tornaram o comando um “doce hábito e, por uma espécie de alucinação natural e quase inevitável em todas as pessoas que mantêm o poder por muito tempo em suas mãos [...], finalmente imaginaram que eram homens indispensáveis”.

Uma espécie de “aristocracia governamental” formou-se gradualmente “dentro das próprias seções da classe trabalhadora dos operários da construção civil”. A autoridade crescente dos comitês desenvolveu “a indiferença e a ignorância das seções em todos os assuntos que não fossem greves e pagamento de taxas”.¹⁴⁶ Isso é, diz Bakunin, “uma consequência natural da apatia moral e intelectual das seções, e essa apatia, por sua vez, é o resultado igualmente necessário da subordinação automática à qual o autoritarismo dos Comitês reduziu as seções”.

O exemplo da Internacional de Genebra é interessante aos olhos de Bakunin porque ela era formada por militantes dedicados e inicialmente desprovidos de ambições pessoais, mas que acabaram se esquecendo de que sua força estava nas massas. O que aconteceu no nível da seção também ocorreu no nível do Comitê Central de Genebra. A constituição de uma aristocracia dentro da organização dos trabalhadores abriu caminho para sua aliança com o radicalismo burguês nas eleições.

Há uma ligação direta entre a constituição de uma aristocracia governante e o apoio dado aos candidatos burgueses que supostamente assumiriam o controle das lutas dos trabalhadores. A política prevista por Marx foi perfeitamente descrita por Bakunin: a aliança de um partido radical com um moderado leva ao enfraquecimento e ao alinhamento do programa do partido radical com o do moderado.

¹⁴⁶ *Protestation de l’Alliance*, *op. cit.*, pp. 4-5 do manuscrito. CDRom IISH Amsterdã.

5. – Conspiração, comunicações secretas e expulsões

Ao convocar o Congresso de Haia, Marx e Engels tinham a intenção de:

- a) Introduzir a estratégia eleitoral na Internacional e transformá-la em um partido político;
- b) Livrar-se dos oponentes, principalmente Bakunin e seus amigos;
- c) Transferir o Conselho Geral para Nova York, fora do alcance de sua oposição.

Com relação a Bakunin, é assim que o Sr. Nimitz apresenta o caso:

“A tendência de Bakunin foi expulsa da IWA (...) não por causa de seu programa, mas porque a maioria dos delegados do congresso de Haia concordou que ela havia organizado uma operação secreta dentro da Internacional em clara violação de suas regras.”

O Sr. Nimitz está errado. Em Haia, não foi a “tendência Bakunin” que foi expulsa, mas dois homens: Michael Bakunin e James Guillaume. Havia um terceiro homem – Adhémar Schwitzguébel – mas os delegados do Congresso acharam que já haviam feito o suficiente e não o excomungaram. Somente um pouco mais tarde uma federação inteira foi expulsa – a Federação do Jura. Mas o Sr. Nimitz omite o fato de que, pouco tempo depois, *todas as* federações denunciaram as exclusões quando perceberam que haviam sido manipuladas e também foram finalmente expulsas. (Quando digo “todas as federações”, refiro-me às federações que de fato existiam, pagavam suas anuidades e que demonstravam um mínimo de interesse pela Internacional – o que exclui os alemães¹⁴⁷.)

¹⁴⁷ Veja: Roger Morgan, *The German Social-Democrats and the International – 1864-1872*, Cambridge University Press, 1965. Roger Morgan fornece informações muito precisas sobre a atitude hesitante e oportunista dos líderes socialistas alemães em relação à Internacional. Ele também mostra que os trabalhadores alemães em nível de base estavam interessados na Internacional e buscavam seu apoio nas lutas que lideravam, mas se deparavam com a apatia de seus líderes. Por fim, Morgan mostra que,

Assim como Marx, o Sr. Nimitz está muito ansioso para apresentar Bakunin como um conspirador que recorre a “manobras organizacionais para criar um Estado dentro do Estado” a fim de “impor sua perspectiva abstencionista à Internacional”. Aqui temos a típica situação do ladrão acusando a vítima de ser um ladrão, porque Marx já havia criado seu próprio “Estado dentro do Estado”.

De fato, uma leitura atenta das milhares de páginas das Atas do Conselho Geral mostra que ele era controlado por um pequeno grupo de homens próximos a Marx, sendo que o próprio Marx geralmente ficava em segundo plano, mas sua correspondência não deixa dúvidas. As notas e os comentários escritos pelos editores soviéticos das Atas do Conselho Geral são bastante significativos. Por exemplo, lemos no volume referente aos anos de 1866 e 1868: “No Conselho Geral, Dupont, Lafargue e Jung – discípulos e seguidores de Marx e Engel...” (p. 16). E “As atas do Conselho Geral refletem a luta inabalável travada por Marx e seus seguidores Dupont e Jung... etc. (p. 20). Etc. Tudo é feito para que o leitor entenda que Marx era quem puxava as cordas.

A predominância de Marx no Conselho Geral deveu-se a vários fatores concomitantes: sua inegável superioridade intelectual, é claro – que Bakunin foi o primeiro a reconhecer. Mas também sua disponibilidade, a perda de interesse dos sindicatos britânicos no caso após a Comuna de Paris. Além disso, ele havia se cercado de alguns homens fiéis que o apoiavam e com os quais constituiu um grupo organizado – *exatamente o que ele acusava Bakunin de fazer*¹⁴⁸. Esse grupo garantiu a ele o controle do Conselho Geral, do qual ele se considerava o proprietário. É por isso que ele pode escrever a Engels *já em 1865*: “A Associação Internacional ocupa uma enorme quantidade de tempo, já que eu sou de fato o chefe dela.”¹⁴⁹ A situação não é diferente em 1872: Engels escreve a Liebknecht (15-22 de maio): “você não tem ideia de como estamos

se as organizações de trabalhadores não tinham legalmente o direito de se filiar à Internacional, a lei era aplicada de forma muito fraca e que essa proibição servia como pretexto para que os líderes socialistas não se envolvessem de forma muito intensa.

¹⁴⁸ A famosa “Aliança” de Bakunin, cuja existência não pode ser negada, assim como não se pode negar a existência da fração que cerca Marx, provocou nele crises de paranoia e o deixou literalmente histérico

¹⁴⁹ Marx para Engels, 13 de março de 1865, M.E. Collected Works 42, p. 130.

pressionados, porque Marx, eu e um ou dois outros temos que fazer absolutamente *tudo*”¹⁵⁰.

Os dois homens ficaram cada vez mais isolados. Depois que Marx e Engels foram rejeitados pelo congresso internacional (perfeitamente regular) de Saint-Imier em 1872, eles tentaram organizar em Genebra seu próprio congresso secessionista em setembro de 1873. A maioria de seus apoiadores remanescentes recusou educadamente o convite. Mais uma vez, como em Haia, Becker fez o trabalho sujo para seus senhores e raspou o fundo do poço para encontrar delegados falsos. O Congresso foi um “fiasco” tão grande, como disse Marx¹⁵¹, que as atas do congresso não foram publicadas, nem mesmo um breve relatório.

Estar cercado por homens com os quais ele constituía um grupo organizado secreto não é culpável em si mesmo, mas não faz sentido culpar Bakunin por fazer o mesmo, em outra perspectiva. Enquanto Marx queria centralizar o poder nas mãos do Conselho Geral, Bakunin queria descentralizá-lo no nível das federações autônomas, o que não é exatamente a condição ideal para exercer uma “ditadura” na Internacional, como Marx suspeitava.

Marx é tão “conspirador” quanto Bakunin, se não mais. Mas pelo menos Bakunin “conspirou” para *criar* coisas (as primeiras seções da IWA na Itália, uma federação forte na Espanha etc.). E Bakunin nunca expulsou toda a classe trabalhadora internacional organizada da IWA.

Comunicações secretas

Em janeiro de 1870, Marx enviou ao comitê federal da Romande uma “comunicação particular” na qual atacava duramente Bakunin. Era uma reação contra uma conspiração imaginária supostamente orquestrada por três jornais: *L'Égalité*, de Genebra, *Le Progrès*, de Le Locle, e *Le Travail*, de Paris. Naturalmente, Bakunin era suspeito de estar na sombra, mexendo os pauzinhos. Essa “comunicação privada” foi votada pelo Conselho Geral em 1º de janeiro de 1870. As seções do Jura não haviam sido informadas sobre ela e só souberam

¹⁵⁰ M.E. Collected Works, Lawrence & Wishart, vol 44 p; 374.

¹⁵¹ Carta a Sorge, 27 de setembro de 1873, em Collected Works, 1989, Vol. 44, p. 534.

de sua existência em 1872, quando outro documento anti-Bakunin foi publicado, “As cisões fictícias na Internacional”.

É claro que não havia nenhuma “conspiração” contra Marx, mas ele tinha alguns motivos para ficar chateado, pois Paul Robin, que era próximo a Bakunin, o havia sucedido como editor do *L'Égalité* e havia cometido uma série de erros. Ele publicou cartas anônimas que acusavam o Conselho Geral de ter omitido a publicação de um boletim informativo regular, de não ter tomado posição sobre o conflito entre Liebknecht e Schweitzer, etc. Bakunin, que nem estava em Genebra naquela época, culpou Paul Robin por ter feito “um protesto injusto e, ao mesmo tempo, impolítico e absurdo”¹⁵². Naturalmente, Bakunin foi acusado de ser o responsável.

Marx era muito bom em atirar uma bala em seu pé. Ele enviou a “Comunicação” anti-Bakunin para a Bélgica e a Alemanha, sem sucesso na Bélgica. Ele tentou entrar em contato com a França, onde seu genro Lafargue morava¹⁵³. Marx usou os mesmos argumentos das “comunicações” anteriores e pediu a Lafargue que ficasse de olho em Paul Robin, que estava morando em Paris. Logo depois, Lafargue respondeu que havia perguntado a várias pessoas a opinião delas sobre Bakunin (“sem lhes dizer a minha”, acrescentou): “Vi que todos o favoreciam. Um ataque aberto a ele é impossível, e aqui está o motivo: para todos os que o conhecem, ele representa ideias radicais, enquanto seus oponentes suíços são reacionários” – o que era exatamente o caso¹⁵⁴. A “comunicação” que Marx havia enviado à França não teve absolutamente nenhum efeito sobre a reputação de Bakunin, e a que ele havia enviado à Bélgica resultou em vigorosos protestos. Assim, Marx parou de enviar “comunicações privadas” por toda a Europa.

Mas, como correspondente do Conselho Geral para a Alemanha, ele enviou uma “Comunicação Confidencial” (28 de março de 1870) ao Dr. Kugelmann para que fosse divulgada entre os líderes do partido socialista alemão¹⁵⁵. Esse texto é uma das muitas peças a

¹⁵² Bakunin, “Mémoire sur l'Alliance”, CDRom IISH Amsterdã.

¹⁵³ Ver Marx para Lafargue, 19 de abril de 1870, Collected Works, vol. 43, p. 489.

¹⁵⁴ Lafargue para Marx, citado em Wolfgang Eckhardt, *First Socialist Schism: Bakunin vs. Marx in the International Working Men's Association*, PM Press.

¹⁵⁵ Consulte *L'Internationale, documents et souvenirs*, vol. I, pp. 262-263 e 291-299.

serem atribuídas à campanha de difamação contra Bakunin orquestrada por Marx para desacreditá-lo politicamente: acusações de ser um agente do czar, um trapaceiro, um vigarista etc.

Lembremos que, na véspera do Congresso da Basiléia (setembro de 1869), Liebknecht, que havia acusado Bakunin de ser um agente russo, foi levado a um tribunal de honra e admitiu que “havia agido com leveza culpada”. Isso não impediu Marx de assumir a acusação mais uma vez em sua “Comunicação Confidencial”, na qual também ficamos sabendo que Bakunin tinha partidários fanáticos, queria estabelecer sua ditadura na Internacional, capturar o legado de Herzen etc. Qualquer leitor com um mínimo de bom senso percebe imediatamente a paranoia por trás desse discurso.

O “status” dessa Circular é curioso porque, embora “confidencial” e emanada da vontade exclusiva de seu autor – Marx –, ela foi escrita em três folhas de papel com o timbre da IWA e, portanto, parecia aparentemente oficial. Bakunin nunca pôde se defender das acusações contidas nessa circular porque nunca soube nada sobre ela! O sigilo desse documento foi tão bem guardado que James Guillaume não pôde lê-lo até que ele fosse publicado em 12 de julho de 1902 no *Neue Zeit*, o jornal do partido social-democrata. Então, *quem é o conspirador?*

Foi a segunda vez que Marx usou sua posição no Conselho Geral para atacar Bakunin: anteriormente, ele havia “denunciado” o revolucionário russo ao Conselho Federal da Bélgica. Marx escreve nessa “Comunicação Confidencial” que conhecia Bakunin desde 1843, que o havia reencontrado “logo após a fundação da Internacional” e que o havia “levado para a Associação”, o que não é verdade. Marx e Bakunin de fato se encontraram em 1864, mas o único compromisso que Bakunin, que estava prestes a partir para a Itália, assumiu em relação a Marx foi o de combater a influência de Mazzini naquele país, “para colocar algumas contra-minas para o Sr. Mazzini em Florença”¹⁵⁶. Bakunin estava por trás da criação de várias seções da Internacional na Itália, embora ainda não fosse membro, fato do qual Marx estava perfeitamente ciente, pois escreveu em 4 de setembro de 1867 a Engels uma carta elogiando o jornal italiano *Libertà e Giustizia*, dizendo “Presumo que Bakunin esteja envolvido”¹⁵⁷.

Bakunin filiou-se à Internacional em junho de 1868.

¹⁵⁶ Marx para Engels, 11 de abril de 1865, *Collected Works*, 42, p. 140.

A opinião de Fritz Brupbacher é provavelmente a mais pertinente com relação a esse caso: ele escreve em *Marx und Bakunin*:

“Não haverá ninguém em toda a superfície da Terra, além de um punhado de fanáticos, que negue que essa comunicação pareça imprimir uma mancha indelével no caráter de Marx.”

Franz Mehring tenta cortar os cantos exonerando Marx, mas, mesmo assim, ele observa que “não é necessário enumerar os muitos erros que a comunicação contém. De modo geral, quanto mais incriminadoras parecem ser as acusações contra Bakunin, mais infundadas elas são na realidade¹⁵⁸.”

A Aliança

A questão das “sociedades secretas” de Bakunin é complexa porque está ligada ao contexto da luta contra os regimes despóticos reconstituídos na Europa após o Congresso de Viena, com a queda de Napoleão, em 1815. Durante a revolução de 1848-1849 na Europa Central, Bakunin recorreu a organizações clandestinas, o que era inevitável em um período tão revolucionário. Foi necessária a imensurável ingenuidade de Marx para dissolver o primeiro partido comunista da história – a Liga Comunista – em 1848, porque, em sua opinião, a liberdade de imprensa e de expressão havia sido estabelecida e, como a Liga era uma organização de propaganda e não de conspiração, não era mais útil. Fernando Claudin cita o relatório de uma reunião realizada em junho de 1848 em Colônia:

“Marx propôs a dissolução da Liga. Como não houve acordo sobre essa questão e Schapper e Moll exigiram que a Liga fosse mantida a todo custo, Marx fez uso de todos os poderes que lhe foram concedidos e dissolveu a Liga. Marx considerou que a existência da Liga não era mais necessária porque ela era uma organização de propaganda

¹⁵⁷ Marx para Engels, 4 de setembro de 1867, Collected Works, 42, p. 420

¹⁵⁸ Franz Mehring, Karl Marx: a história de sua vida, capítulo treze: The International at Its Zenith: 7. “The Confidential Communication”, <https://www.marxists.org/archive/mehring/1918/marx/ch13b.htm#top>

e não uma organização para conspirar, e que sob as novas condições de liberdade de imprensa e de propaganda, esta última poderia ser feita abertamente sem passar por uma organização secreta.”¹⁵⁹

É claro que Marx não pode ser culpado por não ter tido nenhuma ideia, em 1848, do que poderia ser um partido socialista. Mas, ao mesmo tempo e em circunstâncias idênticas, Bakunin – que ainda não era anarquista, de longe – propôs pelo menos uma forma de organização capaz de apoiar os revolucionários em suas atividades.

A famosa “Aliança”, que obcecava Marx e Engels e se tornara seu bicho de estimação, será um dos pretextos usados por Marx para justificar a expulsão de Bakunin e James Guillaume da Internacional. O paradoxo é que Guillaume sempre se recusou a ser membro da Aliança, que de fato existia, mas não sob a forma fantasiosa que Marx e Engels imaginaram. O principal elemento do caso de acusação é um documento – na verdade, um panfleto – escrito por Engels, Lafargue e Marx, “A Aliança da Democracia Socialista e a Associação Internacional dos Trabalhadores”, no qual o revolucionário russo e a Aliança são acusados de querer destruir a Internacional, nada menos que¹⁶⁰. Esse texto não fazia nada além de repetir e desenvolver a tese de outro documento, uma “Comunicação Confidencial” do Conselho Geral intitulada “The Fictitious Splits in the International”.

A International Alliance for Socialist Democracy foi originalmente concebida como uma organização internacional, mas, para cumprir os estatutos da IWA, foi transformada em uma seção local.

Bakunin e um grupo de 84 seguidores foram constituídos em 28 de outubro de 1868; eles solicitaram a filiação como seção de Genebra da IWA. O Conselho Geral recusou porque uma organização “internacional” não poderia se associar como tal a outra organização internacional¹⁶¹. Bakunin reconheceu que “os protestos

¹⁵⁹ *Soious Kommunistov*, pp. 220-221, citado por Fernando Claudin, *Marx, Engels et la révolution de 1848*, François Maspéro, 1981, p. 133.

¹⁶⁰ Relatório publicado por ordem do Congresso Internacional de Haia – Londres e Hamburgo, 1873.

¹⁶¹ Ver *Collected Works* vol 43: Marx para Engels, 15 de dezembro de 1868; Engels para Marx, 18 de dezembro de 1868; Marx para Hermann

do Conselho Geral contra as Regras da Aliança estavam perfeitamente corretos”¹⁶². Ele ressaltou que as objeções do Conselho Geral se aplicavam ao acordo da Aliança, *não ao seu programa*. Portanto, a Aliança decidiu alinhar seus estatutos com os da Internacional. Um dos oponentes mais ferozes dessa conformidade foi J.P. Becker, que pouco tempo depois se tornou um dos oponentes mais ferozes de Bakunin.

A Aliança foi então reconhecida pelo Conselho Geral como uma seção regular de Genebra da Internacional:

“...em 22 de dezembro de 1868, o Conselho Geral anulou essas regras [*da Alliance*] por serem contrárias às Regras de nossa Associação e declarou que as seções da Alliance só poderiam ser admitidas separadamente e que a Alliance deveria ser dissolvida ou deixar de pertencer à Internacional. Em 9 de março de 1869, o Conselho Geral informou à Alliance que ‘não há, portanto, nenhum obstáculo à transformação das seções da Alliance em seções da Int. W. Ass.’”¹⁶³

A confusão foi deliberadamente mantida entre essa Aliança de Genebra, que era uma seção perfeitamente regular da Internacional, e a existência de uma “Alianza” que havia sido fundada na Espanha e que, além do nome, não tinha nada a ver com a Aliança Bakuniniana. Marx e Engels sabiam perfeitamente disso.

Fazer propaganda de suas ideias requer um mínimo de organização. O balanço de Bakunin sobre esse ponto é bastante positivo. Embora ainda não fosse membro da IWA, ele desempenhou um papel fundamental no movimento trabalhista italiano¹⁶⁴, contribuindo em grande parte para separá-lo da influência de Mazzini: ele contribuiu para a criação de seções da Internacional na

Jung, 28 de dezembro de 1868. E Bakunin a Marx, 22 de dezembro de 1868, citado em : *Marx/Bakounine, socialisme autoritaire ou libertaire*, Union générale d'éditions, vol. 1, p. 74-75.

¹⁶² Bakounine, “Rapport sur l’Alliance” (Relatório sobre a Aliança).

¹⁶³ Ver Engels to Cafiero, 1-3 de julho de 1871, *Collected Works* vol. 44, pp. 163-164.

¹⁶⁴ T.R. Ravindranathan, *Bakunin and the Italians*, McGill-Queen's University Press, 1988.

Península¹⁶⁵. Os membros da Alliance fundaram as primeiras seções da Internacional na Itália e na Espanha: Gambuzzi em Nápoles, Friscia na Sicília, Fanelli em Madri e Barcelona.

A Aliança foi fundamental para separar os trabalhadores mais explorados de Genebra da influência dos cidadãos-trabalhadores gentrificados, justamente aqueles que Marx apoiava e que faziam alianças eleitorais com a burguesia local. Lafargue estava perfeitamente certo quando escreveu para seu sogro: “para todos os que o conhecem, ele representa ideias radicais, enquanto seus oponentes suíços são reacionários”.

Arman Ross, sobre esse ponto, fornece percepções interessantes. Falando dos militantes que eram próximos a Bakunin, ele escreveu em 1926 que havia “um grupo de pessoas que viam as coisas da mesma maneira e que trabalhavam pela mesma causa. Às vezes chamávamos nosso grupo de ‘Aliança’, enquanto Bakunin às vezes o chamava de ‘santuário’ (...) Repito mais uma vez que, durante meus seis ou sete anos de relações íntimas com Bakunin, Guillaume etc., nunca houve nada entre nós que pudesse dar a impressão de uma conspiração ou sociedade secreta¹⁶⁶.”

Mas é James Guillaume quem provavelmente dá a melhor descrição do que era a Aliança:

“O que mais me impressionou nas explicações que ele [Bakunin] me deu foi que não se tratava do velho tipo de associação clássica de sociedade secreta em que se deve obedecer a ordens vindas de cima; a organização era apenas uma livre aproximação de homens unidos para a ação coletiva, sem formalidades, sem solenidade, sem ritos misteriosos, simplesmente porque confiavam uns nos

¹⁶⁵ Veja

- T.R. Ravindranathan, *Bakunin and the Italians*, McGill-Queens University Press, 1988- Robert Paris, “Bakounine en Italie ou le socialisme italien face à ses origines”, em *Combats et débats*. Paris, Institut d'études slaves, 1979.

- Gaetano Manfredonia, “Bakounine en Italie (1864-67): révolution sociale ou révolution nationale?”, em *Actualité de Bakounine. 1814-2014*, Éditions du Monde Libertaire 2014.

¹⁶⁶ *Bakounine et les autres*, Union générale d'Éditions, 1976, p. 284.

outros e para quem o acordo parecia preferível à ação isolada¹⁶⁷.”

O que Arman Ross e James Guillaume descrevem se parece surpreendentemente com o grupo formado pelo próprio Marx e seus amigos. Em outras palavras, Bakunin não fez nada além do que o próprio Marx fez. Para Bakunin, a Aliança não passava de um instrumento cuja atividade ele acompanhava de forma bastante casual. Tendo deixado Genebra no final de 1869, ele escreveu a Becker (que mais tarde se tornaria um ardente oponente do revolucionário russo) em 4 de dezembro de 1869:

“Meu caro amigo, é absolutamente necessário apoiar a seção da Aliança de Genebra – nem que seja como um centro imaginário de propaganda e ação para a Itália, Espanha e sul da França, bem como para a Suíça francófona. Você sabe melhor do que eu que certas existências imaginárias são muito úteis – e que não devem ser desprezadas de forma alguma. O senhor sabe que, em toda a história, há apenas um quarto de realidade, pelo menos três quartos de imaginação, e que não é a parte imaginativa que sempre agiu de forma menos poderosa sobre os homens.”¹⁶⁸

Pesquisas mostram que Bakunin dava pouca importância a essas “sociedades secretas”,¹⁶⁹ cujo papel foi apontado por seus oponentes marxistas e por alguns autores mais românticos do que objetivos. Alguns historiadores encontram apenas o que querem procurar. Além disso, muitos autores tratam das “sociedades secretas” de Bakunin sem distinguir entre aquelas que ele criou ou simplesmente imaginou antes de se tornar um anarquista e aquelas de seu período “anarquista”, depois de 1868. Bakunin pretendia difundir suas ideias mais por meio de seus muitos relacionamentos pessoais do que por meio de quaisquer sociedades esotéricas. Um texto sobre essas questões foi publicado em inglês em 1974, por alguém que

¹⁶⁷ *Bakounine et les autres*, Union générale d'Éditions, 1976, p. 267.

¹⁶⁸ Citado em: *Marx/Bakounine, socialisme autoritaire ou libertaire*, Union générale d'édicions, vol. 1, p. 92.

¹⁶⁹ Consulte René Berthier, “Bakounine et les ‘sociétés secrètes’”, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article340>

provavelmente foi o maior especialista em Bakunin: Arthur Lehning.¹⁷⁰

Além disso, quando os militantes da Aliança decidiram mais tarde dissolver a seção de Genebra, que era pública e não secreta, e que se tornara pouco ativa por falta de militantes, eles nem mesmo informaram Bakunin, que estava ausente – o que diz muito sobre a “ditadura” que ele exercia sobre ela. Mas não há dúvida de que a vida militante de Bakunin estava intimamente associada à existência de organizações clandestinas. A primeira razão é simplesmente a repressão sofrida pelos grupos de oposição em todo o continente europeu. Um problema com o qual Marx não se deparou em Londres.

Mehring sobre a Aliança

Sobre o panfleto escrito por Engels, Lafargue e Marx, “A Aliança da Democracia Socialista e a Associação Internacional dos Trabalhadores”, Franz Mehring escreve em sua biografia de Karl Marx: “Qualquer exame crítico do panfleto da Aliança, como passou a ser chamado por uma questão de brevidade, com o objetivo de determinar a exatidão ou não de suas acusações detalhadas, exigiria pelo menos tanto espaço quanto o documento original. No entanto, muito pouco é perdido pelo fato de que isso é impossível por razões de espaço¹⁷¹.” (Um eufemismo e tanto...) Mehring acrescenta que esse panfleto está abaixo de qualquer outra coisa que Marx e Engels tenham publicado: “O panfleto da Aliança não é um documento histórico, mas uma acusação unilateral cujo caráter tendencioso é evidente em todas as suas páginas.”

Mehring poderia ter acrescentado que a difamação de seus oponentes nas “Divisões Fictícias” não havia dado frutos, “mas, em vez disso, havia causado ondas de protesto e uma discussão interminável sobre o direito do Conselho Geral de existir”¹⁷².

Além disso, esse documento “não trata de forma alguma das causas internas responsáveis pelo declínio da Internacional”, “o

¹⁷⁰ Ver Anexo II:

¹⁷¹ F. Mehring, *Karl Marx, the Story of his life*, Routledge, p. 496.

¹⁷² *First Socialist Schism*, p. 286.

panfleto da Aliança nem mesmo oferece provas da existência de tal Aliança. Até mesmo o comitê de investigação criado pelo congresso de Haia teve que se contentar com possibilidades e probabilidades nessa conexão.”¹⁷³

“Cuno, que apresentou o relatório em nome do comitê, não apresentou nenhuma evidência material, mas declarou que a maioria do comitê havia chegado à certeza moral de que suas conclusões estavam corretas e solicitou um voto de confiança do congresso.”¹⁷⁴

Em outras palavras, o comitê não apresenta provas de suas acusações, mas é a favor da expulsão. Franz Mehring acrescenta: “Essa cena final do congresso de Haia certamente não foi digna dele. Naturalmente, o congresso não podia saber que as decisões da maioria do comitê eram inválidas porque um membro era espião da polícia”¹⁷⁵... (além do fato de que Mehring não menciona que um membro do comitê havia declarado Bakunin inocente).

“A comissão de protocolo do congresso de Haia, composta por Dupont, Engels, Frankel, Le Moussu, Marx e Serrailier, portanto, assumiu a tarefa e, algumas semanas antes do congresso de Genebra, emitiu um memorando intitulado: “A Aliança da Democracia Socialista e a Associação Internacional dos Trabalhadores”. Esse memorando foi redigido por Engels e Lafargue, enquanto a participação de Marx no trabalho não foi mais do que a edição de uma ou duas das páginas finais, embora, naturalmente, ele não seja menos responsável pelo todo do que seus verdadeiros autores.”¹⁷⁶

Na verdade, Marx estava apavorado com a ideia de que Bakunin fizesse o que ele mesmo havia conseguido: assumir o controle do Conselho Geral, se não da Internacional. Mas ele não entendia que o projeto federalista de garantir a autonomia das federações não se

¹⁷³ F. Mehring, *ibid.*, p. 498.

¹⁷⁴ F. Mehring, *ibid.*, p. 491.

¹⁷⁵ F. Mehring, *ibid.*, p. 491.

¹⁷⁶ F. Mehring, *ibid.*, p. 496.

encaixava de forma alguma com seu fantasma de um Bakunin lutando para assumir o controle do Conselho Geral, simplesmente porque a tendência federalista da Internacional era a favor da *autonomia* das federações, que deveriam decidir por si mesmas a estratégia de emancipação e não esperar que Marx ou qualquer outra pessoa explicasse o que fazer¹⁷⁷. A acusação de que Bakunin se esforçava para assumir o controle do Conselho Geral é inconsistente com o fato de que Bakunin se opunha à definição de um programa único e obrigatório para a IWA: ele fundamentou sua estratégia no fato de que as federações estavam todas situadas em contextos extremamente diferentes, o que significava que nenhum programa único ou estratégia única seria possível. É por isso que John Hales, em nome do Comitê Britânico, escreveu para a Federação Jura dizendo que eles eram a favor da estratégia parlamentar, mas não eram a favor de impor essa política a todas as federações.¹⁷⁸

Com relação à Aliança, isto é o que escrevi em *Social-Democracy and Anarchism (Social-Democracia e Anarquismo)*:

“Marx e Engels desenvolveram uma obsessão verdadeiramente paranoica com a “Aliança” bakuninista; eles viam o pior nela e achavam que ela estava por trás de toda iniciativa que, de sua própria perspectiva, se desviava do curso correto. O fantasma da Aliança – com Bakunin por trás dela – assombrava Marx e Engels. Franz Mehring, um militante e historiador marxista perfeitamente ortodoxo, escreveria em sua biografia de Marx que não havia nada que pudesse comprovar as acusações de Marx e Engels contra Bakunin – no entanto, eles não estavam totalmente errados.”¹⁷⁹

¹⁷⁷ “Daí, também, a ideia de que Bakunin queria transferir a sede do Conselho Geral para a Suíça, embora o revolucionário russo diga explicitamente o contrário: ele é a favor de uma redução nos poderes do conselho e não procura ganhar influência sobre ele.” Jean-Christophe Angaut, *The Marx-Bakunin Conflict at the International: A Clash of Political Practices (Um choque de práticas políticas)*, (

¹⁷⁸ Citado em James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, Vol. 2, parte 5, Capítulo 2, p. 25. Tradução inglesa em René Berthier, *Social-Democracy and Anarchism*, Anarres Editions, p. 18.

¹⁷⁹ *Social-Democracy and Anarchism*, Merlin Press, p. 19.

De fato, imaginemos um grupo de militantes que compartilham os mesmos pontos de vista sobre as formas de sociedade a serem construídas, sobre a estratégia a ser implementada e sobre as formas de organização necessárias: seria extremamente ingênuo pensar que essas pessoas não constituíssem qualquer forma de organização visando especificamente atingir esse objetivo. Ninguém parece ter apontado que foi exatamente isso que Marx fez: ele reuniu em torno de si homens que compartilhavam suas opiniões e implementaram os meios considerados necessários para alcançá-las. Esse grupo desempenhou um papel de liderança à frente da IWA, embora poucos deles tenham sido eleitos. E ninguém, a começar pelo Sr. Nimtz, os culpa por isso. Mas eles culpam Bakunin.¹⁸⁰

Esses mesmos homens, que estavam organizados como uma fração dentro do Conselho Geral e que usaram os meios mais repreensíveis e burocráticos para manter seu poder, culpam Bakunin e seus amigos porque eles defendiam uma organização descentralizada que os privaria do poder que detinham sem serem eleitos e sem controle.

Os sucessores de Marx hoje, a começar pelo Sr. Nimtz, repetem sem qualquer espírito crítico uma história distorcida contada apenas por Marx, com os mesmos argumentos, muitas vezes com as mesmas palavras.

A “Alianza” espanhola

Depois que Fanelli, um membro da “Aliança”, foi à Espanha, a Internacional conheceu um importante desenvolvimento, mas naturalmente os trabalhadores espanhóis não estavam do lado centralista. Marx e Engels enviaram Lafargue à Espanha em janeiro de 1872 para fazer um trabalho fracionista e minar as atividades da Internacional Espanhola, mas ele falhou miseravelmente. Ele também se saiu tão bem que os ativistas que inicialmente o seguiram acabaram se juntando aos bakunistas. Lafargue causou uma terrível

¹⁸⁰ Esses homens tinham nomes: Dupont, Lafargue, Jung, Eccarius, Lessner, Forx, Shaw no Conselho Geral, Utin, Becker, Sorge e toda a liderança do partido social-democrata na Alemanha, que nem sequer era membro da IWA.

confusão, mas foi finalmente expulso da federação de Madri em 9 de junho de 1872.¹⁸¹

No entanto, Lafargue havia explicado claramente que a “Alianza” era um assunto estritamente espanhol, no qual Bakunin não tinha nada a ver¹⁸². Mas como o “caso de acusação” contra Bakunin e seus amigos no Congresso de Haia havia sido montado com base em uma “Aliança” onipresente e hiperativa, isso foi deixado para trás. A “Alianza” espanhola, por outro lado, era muito ativa e dinâmica e, embora seu nome provavelmente não tenha sido dado por acaso, ela não era, de forma alguma, aderente a nenhuma Internacional conspiratória que buscasse exercer sua “ditadura” sobre a IWA. No entanto, no Congresso de Haia, a Aliança e a “*Alianza*” foram consideradas como uma única organização.

Lafargue não desistiu de seu trabalho de sabotagem.

Ele criou uma federação rival com *outros oito homens* (em comparação com as 331 seções e 30 ou 40.000 membros da federação espanhola em 1873¹⁸³) e a chamou de “Federação de Nova Madri”, que pretendia ser integrada à Federação regional espanhola (os internacionalistas espanhóis consideravam a Espanha uma “região” da Internacional). É claro que o Conselho Federal da Espanha se recusou, mas o Conselho Geral em Londres pronunciou burocraticamente a admissão dessa federação de 9 homens à Internacional. Portanto, foi como membro dessa falsa federação que Lafargue foi nomeado delegado no Congresso de Haia, onde ele

¹⁸¹ Veja os documentos reproduzidos em James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, Vol. 4, p. 294.

¹⁸² Além disso, a Alianza “foi dissolvida no Congresso de Saragoça quando já havia realizado seu trabalho de propaganda” (F. Sorge, “Minutes of the Fifth General Congress of the IWA at The Hague, September 1872”, cf. *The Hague Congress*, vol. 1, p.128). Em 7 de setembro de 1872, um delegado, Alerini, declarou que a Alianza “deixou de existir porque os traidores a denunciaram de forma infame” (Le Moussi, “Minutes”, p. 101). A Federação local de Barcelona publicou uma declaração em março de 1873 dizendo que a Alianza “se dissolveu por questões que surgiram em seu seio” (Consejo Local de la Federación Barcelonesa, Circular a todas les Federaciones locales y Secciones de la región española, Barcelona, Imp. De Manero, 1873, p. 20). Foi isso que aconteceu: Lafargue havia publicado os nomes dos principais membros da “Alianza” que estavam sendo vítimas da repressão policial.

¹⁸³ Para comparar com os 208 membros alemães a que Engels se refere em sua carta,

pôde votar pela exclusão de Bakunin e James Guillaume!!! (É essa a “democracia” do Sr. Nimitz?) O Conselho Geral implementou manipulações incríveis para impedir que a federação espanhola (a *verdadeira*) enviasse delegados a Haia, sabendo que eles não seriam dóceis.

Da mesma forma que os relatórios de Marx inflaram os resultados da Internacional na Alemanha porque ele precisava fundamentar sua posição no Conselho Geral, “Engels e Lafargue exageraram suas realizações na Espanha”, escreve W.O. Henderson¹⁸⁴. Apesar da repressão e da proibição de suas atividades, as filiais espanholas da Internacional realizaram sua terceira conferência em Saragoça, em abril de 1872. Sobre essa conferência,

“Lafargue afirmou que os marxistas haviam vencido os seguidores de Bakunin. Engels também afirmou que em Saragoça ‘nosso povo obteve uma vitória sobre os bakuninistas’. O que aconteceu foi exatamente o contrário. Embora a conferência tenha rejeitado algumas resoluções bakunistas, ela elegeu um novo Conselho Federal Espanhol que era dominado pelos seguidores de Bakunin. (...) Engels admitiu, nessa época, que na Catalunha – a única província industrial da Espanha – os bakunistas controlavam a Internacional e seu jornal, *La Federación*.”
[...]

“A missão de Lafargue havia fracassado, escreve Henderson, porque quando ele deixou a Espanha no final de julho de 1872, a Internacional estava dividida em facções hostis e apenas uma pequena minoria das filiais apoiava o Conselho Geral em Londres. Os trabalhadores politicamente conscientes acharam as doutrinas de Bakunin e Proudhon mais agradáveis do que as de Marx. Engels não conseguia extrair muita satisfação da contemplação de seu trabalho como secretário correspondente para a Espanha.”¹⁸⁵

¹⁸⁴ William Otto Henderson, *The Life of Friedrich Engels*, Routledge, 1976, Vol. 2, p. 539

¹⁸⁵ W.O. Henderson, *The life of Friedrich Engels*, Routledge, vol. II, p. 539.

Henderson está certo, exceto em um ponto: os trabalhadores espanhóis não acharam as ideias de Bakunin mais “palatáveis”, mas consideraram o comportamento de Lafargue eticamente inaceitável. A maioria dos trabalhadores espanhóis que se juntaram a Lafargue ficou desgostosa com seus métodos e voltou para sua federação original (bakunista).

* * * * *

No Congresso de Haia, o Comitê que havia sido criado para processar o caso da Aliança amalgamou as duas estruturas (Aliança e *Alianza*) de tal forma que não se sabe do que se tratava: a existência dessa “Aliança” não pôde ser provada (embora a “Aliança” de Genebra tenha sido uma organização pública que aderiu à IWA), mas Bakunin era suspeito de ter “tentado e talvez conseguido” formar uma sociedade secreta espanhola chamada Aliança. Mas, para Engels, essa sociedade secreta era o mesmo que a *Alianza* espanhola.

Na conclusão do relatório do Comitê do Congresso de Haia, o programa da Aliança foi considerado incompatível com o da Internacional – mas não ficou muito claro de que programa se tratava: aquele que existia originalmente, mas que Bakunin havia alterado por reconhecer que não poderia ser aceito pelo Conselho Geral? Aquele que o Comitê tendencioso que havia sido nomeado para a acusação reconheceu que não poderia provar a existência? O programa da Aliança como uma seção regular de Genebra, cuja validade havia sido reconhecida pelo Conselho Geral? O da *Alianza* Espanhola?

“Se, finalmente, perguntarmos o que realmente existia em termos de organização, a resposta deve ser: muito pouco, de fato. A Aliança ‘não tinha lista de membros, regras ou programa acordados (uma vez que os numerosos esboços de Bakunin foram todos feitos sob sua própria responsabilidade), não tinha dirigentes, nem assinaturas, nem reuniões regulares. Uma associação política sem nenhum desses atributos era um mito.”¹⁸⁶

¹⁸⁶ Arthur Lehning, “Bakunin's Conception of Revolutionary Organisations and Their Role: a Study of His ‘Secret Societies’”, em *Essays in Honour of E.H. Carr*, The Macmillan Press, 1974, p. 76.

Para concluir a projeção fantasiosa sobre as intenções secretas de Bakunin, ou sobre a acusação que o Sr. Nimitz faz contra Bakunin, vamos dizer algumas palavras sobre a famosa “Comunicação Confidencial” (janeiro de 1870), que é um modelo de conspiração e atividade secreta – mas do lado de Marx.

Expulsões

A conspiração orquestrada por Marx e sua facção não poderia permanecer sem ser detectada indefinidamente. Quando as diferentes federações da IWA perceberam a manipulação da qual haviam sido vítimas em Haia, rejeitaram as decisões desse Congresso fraudulento:

Setembro de 1872	A federação do Jura
Outubro de 1872	Os delegados das seções francesas
Dezembro de 1872	A federação italiana A federação belga
Janeiro e fevereiro de 1873	A federação espanhola A federação holandesa A federação inglesa

É claro que todas essas federações não eram “bakunistas”, e a negação das práticas de Marx e de seus amigos não era um sinal de apoio ao ponto de vista “anarquista”. No entanto, essa negação expressou de forma clara até que ponto todas as federações da IWA estavam fartas de Marx, Engels e sua camarilha. Também expressou que a unidade internacional do movimento trabalhista não poderia depender da imposição de um programa e de uma estratégia únicos: ela só era possível com base na solidariedade prática, conforme proposto por Bakunin. A “poderosa centralização de todos os poderes

nas mãos do General Council”, exigida por Marx em setembro de 1872¹⁸⁷, levou à dissolução *de fato* da IWA.

Estranhamente, essa análise foi compartilhada por um líder social-democrata alemão, Wilhelm Liebknecht. R. Morgan menciona uma carta escrita a Marx em 1875, na qual Liebknecht analisa as causas do fracasso da Internacional: o “fiasco” da Internacional, “como Liebknecht disse sem rodeios em uma carta a Engels, foi que os problemas do movimento trabalhista nos diferentes países da Europa variavam tanto que qualquer forma de direção internacional centralizada era impossível”¹⁸⁸. Isso é exatamente o que Bakunin vinha repetindo há anos.

A pretensão de Marx de alcançar uma “centralização poderosa” não fazia sentido em uma época em que as comunicações – por homens e correio – eram lentas, e as técnicas de reprodução de documentos eram arcaicas. Além disso, as diferentes federações da Internacional, todas situadas em condições extremamente diferentes, tinham de enfrentar problemas complexos demais para serem resolvidos pelo Conselho Geral. Os próprios fatos demonstravam a necessidade de descentralização.

Depois de Haia, a Federação do Jura convocou um congresso (15 de setembro de 1872) que votou uma resolução denunciando a exclusão de Bakunin e James Guillaume. Mais tarde, no mesmo dia, foi convocado um congresso internacional extraordinário que, por sua vez, rejeitou tanto as resoluções tomadas em Haia quanto a legitimidade do Conselho Geral. O congresso de Saint-Imier desenvolveu o que parecia ser uma atitude antissectária. Ele rejeitou a imposição ao proletariado de uma “linha uniforme de conduta, ou programa político, como um caminho único que poderia levar à sua libertação social”. Isso seria, segundo ele, “uma pretensão tão absurda quanto reacionária”. “O princípio de diversos caminhos para o socialismo foi assim reconhecido. As federações e seções foram vistas como afirmando seu direito incontestável de determinar por si mesmas seu próprio caminho político e de seguir o caminho que considerassem melhor.”¹⁸⁹

¹⁸⁷ Discurso de Marx proferido em Amsterdã, publicado pelo *La Liberté* de Bruxelles em 15 de setembro de 1872 e pelo *Handelsblad* de Amsterdã em 10 de setembro de 1872. A versão do *Handelsblad* é reproduzida in extenso em Bakounine, *Œuvres*, Champ libre, III, nota 133, p. 411.

¹⁸⁸ R. Morgan, *op. cit.*, p. 227.

Quanto a Marx, ele não tinha essa mentalidade aberta; ele via as coisas como um político manipulador, como podemos ver:

“Em minha opinião, o Conselho Geral de Nova York cometeu um grande erro ao suspender a Federação do Jura. (...) A grande conquista do Congresso de Haia foi induzir os elementos podres a se excluírem, ou seja, a saírem. O procedimento do Conselho Geral agora ameaça invalidar essa conquista.”¹⁹⁰

O congresso internacional confirmou a posição adotada pelo Congresso do Jura e decidiu que a IWA continuaria a operar, mas com estatutos alterados. A literatura marxista e a corrente dominante apresentam esse congresso como uma cisão, *o que não foi o caso*. A Associação Internacional dos Trabalhadores (ou: “Associação Internacional dos Trabalhadores”, para ser politicamente correto) simplesmente decidiu, em um congresso perfeitamente regular, mudar as regras pelas quais trabalhava.

O Conselho Geral em Nova York votou a favor de uma resolução declarando que todas as federações locais e regionais que haviam rejeitado as decisões do congresso de Haia “havia se colocado fora da IWA e não faziam mais parte dela”. Engels fez uma lista dos que ele queria que Sorge declarasse como tendo “se afastado” da Internacional¹⁹¹...”

Depois de expulsar a Federação do Jura, o Conselho Geral acabou expulsando *todas as federações que se recusaram a ratificar as decisões tomadas em Haia*. Em outras palavras, Marx e Engels e um pequeno punhado de cúmplices expulsaram da Primeira Internacional toda a classe trabalhadora internacional que estava organizada dentro dela!!!

Franz Mehring, um historiador marxista perfeitamente ortodoxo, apesar do que Hal Draper diz, confirma isso quando escreve que Marx “não conseguiu reconhecer que (...) quanto mais a

¹⁸⁹ René Berthier, *Social-Democracy and Anarchism (Social-Democracia e Anarquismo)*,

¹⁹⁰ Marx para Bolte, 14 de fevereiro de 1873, ME Collected Works vol. 43, Moscou e Londres, L&W, pp. 475-476.

¹⁹¹ Engels para Sorge, 3 de maio de 1873. ME Collected Works vol 43 Moscou & Londres, L&W p. 494.

Internacional tentasse centralizar suas forças para a luta contra seus inimigos externos, mais ela sofreria dissolução internamente”. E Mehring acrescenta: “Onde quer que partidos nacionais de trabalhadores se formassem, a Internacional começava a se desfazer.”¹⁹² O que Stekloff, mais uma vez, confirma quando menciona “a indiferença demonstrada em relação à Internacional por países como Dinamarca, Alemanha, Áustria e Suíça de língua alemã (países onde os partidos socialistas nacionais estavam começando a se desenvolver)”¹⁹³

Há um paradoxo surpreendente na história das relações turbulentas entre anarquistas e marxistas – prefiro falar de federalistas e centralistas. Os federalistas tentaram constantemente, no interesse dos trabalhadores, aliviar as divergências que os opunham aos socialistas parlamentares. Eles tomaram várias iniciativas nesse sentido. Não vou me aprofundar em todas elas, mas apenas mencionarei algumas.

“Por mais unidos que estejamos na base dos princípios fundamentais, não é lamentável que não tenhamos pensado em concordar com uma ação comum? O que não foi feito ainda pode ser feito.... Caberia ao Comitê Federal da Romande tomar a iniciativa de uma reunião de delegados de toda a Suíça, o que, sem dúvida, traria resultados felizes.”¹⁹⁴

Não houve seguimento a esse apelo, mas os militantes federalistas não desistiram:

“Há cinco meses, o *Le Progrès* propôs uma reunião de delegados da Suíça de língua francesa e da Suíça de língua alemã, com o objetivo de conseguir uma aproximação e uma união mais estreita. Essa proposta não foi seguida. Acreditamos que chegou a hora de considerar seriamente uma reunião desse tipo, que só poderia ter resultados

¹⁹² Franz Mehring, *Karl Marx, the Story of his Life*, p. 482. Londres, 1936, George Allen & Unwin Ltd. Routledge Library Editions, 1936, reimpresso em 2003.

¹⁹³ Iuri Stekloff, *Op. cit.*, p. 270.

¹⁹⁴ *Le Progrès* du Locle, 25 de dezembro de 1869.

felizes, já que ambos os lados estão dispostos a uma ação comum¹⁹⁵.”

O Sr. Nimtz provavelmente não sabe que os “anarquistas”, ou seja, a Federação Jura, enviaram suas “saudações fraternas ao congresso dos socialistas alemães reunidos em Gotha”¹⁹⁶. O relatório do congresso de Gotha reconheceu essa mensagem, expressando “pesar pelas divisões passadas que reinaram entre os trabalhadores de vários países; satisfação pelo feliz sucesso da união dos trabalhadores alemães e a necessidade de esquecer as discórdias passadas e reunir todas as forças para atingir objetivos comuns”.

No funeral de Bakunin, em 3 de julho de 1876, foi aprovada uma resolução na qual os “partidários do estado dos trabalhadores” e os “partidários da livre federação de grupos de produtores” expressaram seu desejo de que “dissensões passadas incômodas e vãs fossem esquecidas.”¹⁹⁷ Devo dizer que essas disposições favoráveis provavelmente emanaram mais da sensibilidade lassalleana do Congresso do que da sensibilidade social-democrata estritamente muito mais sectária.

No *Bulletin* of the Jura Federation de 3 de setembro de 1876, podemos ler:

“A tão desejada aproximação entre os socialistas de vários matizes, e especialmente entre os da dita fração anarquista e aqueles cujo ideal é o estado popular (Volksstaat), parece estar no caminho certo. Saudamos com grande alegria esse importante fato, que terá o efeito de aumentar muito a força do partido revolucionário, dissipando muitos mal-entendidos e fornecendo a homens que se julgavam apenas por ouvir dizer, a oportunidade de aprender a se conhecer e a se estimar.”

¹⁹⁵ *Solidarité* de 28 de maio de 1870.

¹⁹⁶ Consulte René Berthier, *Social-Democracy and Anarchism*, p. 127.

¹⁹⁷ Consulte René Berthier, *Social-Democracy and Anarchism*, p. 127-128.

O *Boletim* Jurassiano acrescenta: "...sempre buscamos a união e a paz, e (...) a conciliação que está sendo realizada hoje é apenas a realização do desejo que não paramos de emitir por oito anos."

É claro que todas essas tentativas, um tanto ingênuas, mas cuja sinceridade não pode ser negada, foram ridicularizadas pelos líderes social-democratas. Todos os jornais de língua alemã, e em particular o *Volksstaat* e o *Tagwacht*, haviam se engajado em uma polêmica muito animada contra os jurassianos, o que não impediu o *Solidarité* de 25 de junho de 1870 de encorajar as seções do Jura a assinar os jornais socialistas sem distinção, e entre os jornais alemães eles recomendaram o *Volksstaat*, "o mais louvável dos jornais socialistas alemães".

As tentativas ingênuas, mas sinceras, dos jurassianos (os "anarquistas") de reconciliar as duas correntes do movimento dos trabalhadores obviamente não tiveram a aprovação dos líderes socialistas. O *Tagwacht*, ao qual, como diz James Guillaume, "tantas vezes estendemos a mão da conciliação", publicou um artigo reimprimindo, entre outras coisas, a acusação de que Bakunin era um "agente russo". Era obviamente uma provocação destinada a piorar as coisas.

Em 17 de outubro de 1876, o *Tagwacht* de Zurique publicou uma carta, assinada por um "Comitê Central do Grupo de Seções da Internacional de Língua Alemã", que era um ataque violento à Internacional antiautoritária. Ela dizia, entre outras coisas, o seguinte

"Em todos os murmúrios de conciliação e unidade, destinados a trair o sentimentalismo e enganar os corações, vemos simplesmente, e mais uma vez, *os bakuninistas em ação*¹⁹⁸, como sempre buscando em todos os lugares, consciente e inconscientemente, provocar discórdia e desorganização, em vez de unidade e organização, trazendo para o movimento trabalhista contenção e divisão em vez de paz e conciliação¹⁹⁹."

Em outras palavras, os federalistas semeiam a discórdia ao propor uma reconciliação.

¹⁹⁸ Uma alusão ao panfleto anti-Bakuniniano de Engels.

¹⁹⁹ Consulte René Berthier, *Social-Democracy and Anarchism*, p. 112

Essa carta obviamente tinha o objetivo de mostrar que não havia entendimento possível entre as duas correntes do movimento trabalhista, “entre os representantes do socialismo científico”, como os autores da carta modestamente se autodenominam, e os “cérebros rachados da Internacional Bakuninista”²⁰⁰. Sabendo que Becker foi um dos signatários dessa carta, há todos os motivos para acreditar que foi Marx quem o enviou para sabotar as tentativas de reunificar o movimento dos trabalhadores. Algum tempo depois, Becker publicou uma carta que expressava de forma significativa a opinião de seus mestres: “Como poderíamos, tendo diferenças de opinião tão profundas, permitir que nos tornássemos motivo de chacota no mundo, por meio de uma tentativa de reconciliar fogo e água (...) Consequentemente, é preciso acabar o mais rápido possível com qualquer desejo sentimental de reconciliação”²⁰¹.”

Conclusão

É incrível ver como o discurso marxista sobre o anarquismo e Bakunin é estereotipado e congelado. Ele não mudou desde o próprio Marx, que define o tom e fornece a lógica. Os discípulos seguem o mestre sem se distanciar, sem acrescentar muito também, muitas vezes repetindo palavra por palavra o que Marx disse. O que Marx diz é dado como certo. É surpreendente ver como aqueles que mais reivindicam o “socialismo científico” o praticam tão pouco quando se trata deles mesmos.

No entanto, do lado marxista, há pessoas capazes de uma abordagem não ideológica. Franz Mehring é um desses raros autores que, sem nunca se afastar da ortodoxia marxista, é capaz de contextualizar os eventos e debates.

Veja o que eu digo em *Social-Democracy & Anarchism*:

“A criação da IWA foi um ponto de virada para o anarquismo e o marxismo. Pode ser útil dar um passo atrás momentaneamente para ajustar a perspectiva e colocar os

²⁰⁰ James Guillaume, 6^e partie, cap. VII, p. 87. Consulte René Berthier, *op. cit.*, p. 112.

²⁰¹ Citado em James Guillaume, *L'Internationale documents et souvenirs*, 6^e partie, Ch. VII, p. 87.

‘teóricos’ em seu devido lugar. O marxista Franz Mehring é um dos raros que enxergaram a situação com precisão. Escrevendo sobre a oposição bakuninista, ele diz: “Era evidente que a razão pela qual ela usava o nome de Bakunin era que acreditava que em suas ideias encontrava soluções para os conflitos e antagonismos sociais que haviam provocado sua própria existência.

“A rigor, o mesmo pode ser dito de Marx. Portanto, nessas questões, Mehring não adota uma abordagem ideológica. Sua análise é feita em termos de classe e das forças sociais conflitantes. Além disso, é exatamente aqui que se encontra a chave para desvendar o conflito na IWA. Bakunin e Marx não inventaram nada, eles testemunharam eventos e teorizaram sobre eles²⁰².”

Apesar das inúmeras calúnias espalhadas por Marx e sua comitiva, Bakunin nunca questionou seus méritos. Quando o revolucionário russo estava na Itália, Marx lhe enviou o Livro I de *O Capital*, que acabara de ser publicado. Mais tarde, Bakunin fez este comentário:

“Essa obra deveria ter sido traduzida para o francês há muito tempo, pois nenhuma, até onde sei, contém uma análise tão profunda, luminosa, científica e decisiva e, se assim posso me expressar, uma análise tão impiedosamente desmascaradora da formação do capital burguês e da exploração sistemática e cruel que esse capital continua a exercer sobre o trabalho do proletariado. O único defeito desse trabalho, perfeitamente positivista, com todo o respeito devido ao *La Liberté* de Bruxelas, – positivista no sentido de que, baseado em um estudo minucioso dos fatos econômicos, não admite outra lógica senão a lógica dos fatos, – seu único defeito, eu digo, é ter sido escrito, em parte, mas apenas em parte, em um estilo que é muito metafísico e abstrato, o que provavelmente enganou o *La Liberté* de Bruxelas e o torna difícil de ler e quase fora do alcance da maioria dos trabalhadores. E são os trabalhadores, acima de tudo, que devem lê-lo, no

²⁰² *Social-democracy and Anarchism, op. cit.* p. 10.

entanto. Os burgueses nunca a lerão ou, se a lerem, não a entenderão e, se a entenderem, nunca falarão sobre ela, porque essa obra nada mais é do que uma sentença de morte cientificamente motivada e irrevogavelmente pronunciada, não contra eles como indivíduos, mas contra sua classe²⁰³.”

Isso se refere aos méritos de Marx como teórico. Aqui, por seus méritos como ativista político, que podemos ler em *Protestation de l'Alliance* (julho de 1871), onde ele dá sua opinião sobre o papel de Marx na Internacional:

“Aproveitamos esta oportunidade para homenagear os ilustres líderes do partido comunista alemão, os cidadãos Marx e Engels..., e também o cidadão J. Philipp Becker, nosso amigo de longa data e agora nosso inimigo implacável. Eles foram – na medida em que é possível para qualquer indivíduo criar algo – os verdadeiros criadores da Associação Internacional. Fazemos isso com tanto prazer quanto em breve seremos obrigados a combatê-los. Nossa estima por eles é sincera e profunda, mas não chega ao ponto da idolatria e nunca nos levará a nos escravizarmos a eles. E, embora continuemos a reconhecer – com toda a justiça – os imensos serviços que eles prestaram, e continuam prestando até hoje, à IWA, nunca deixaremos de combater suas falsas teorias autoritárias, suas tendências ditatoriais e esse tipo de intrigas subterrâneas, rancores vãos, animosidades pessoais miseráveis, insultos sujos e calúnias infames que, além disso, caracterizam as lutas políticas de quase todos os alemães e que, infelizmente, eles trouxeram consigo para a IWA.”

Essas ideias, por mais surpreendentes que possam parecer, eram sinceras; Bakunin as reitera muitas vezes. É claro que ele estava errado ao atribuir a Marx a “criação” da AIT, mas ele repetia com frequência que esta última havia preservado a Internacional da influência burguesa.

²⁰³ Bakounine, *Œuvres*, Livro 3, Paris, Stock, 1908, pp. 209.

Nem os anarquistas nem os marxistas pareciam estar cientes de que, do ponto de vista teórico, Bakunin e Marx eram de fato muito próximos, embora divergissem profundamente em questões políticas e estratégias. Portanto, se afinal o anarquismo e o marxismo se desenvolveram separadamente – no nível da doutrina e da teoria – esse desenvolvimento emanou de preocupações idênticas, mas com a formulação de conclusões diferentes. Se um certo número de anarquistas se recusar a considerar que o nascimento do anarquismo e do marxismo se deu em condições idênticas, essa recusa impede a compreensão dos pontos em que eles se aproximam e também impede uma perspectiva verdadeira e o entendimento das diferenças.

De qualquer forma, sempre fico surpreso ao ver como um debate entre um anarquista e um comunista, discutindo o mesmo evento histórico, dá a impressão de que as duas pessoas estão falando sobre duas coisas completamente diferentes e vivem em dois mundos completamente diferentes. E às vezes me pergunto se essa lacuna será preenchida algum dia.

Tanto a lacuna quanto o mal-entendido começaram com Bakunin e Marx, porque os dois homens não estavam falando da mesma coisa: o primeiro tinha em mente uma organização internacional de estruturas semelhantes a sindicatos; o segundo tinha em mente uma internacional de partidos social-democratas. Acho que se você não tiver isso em mente, não entenderá nada.²⁰⁴

O problema da Internacional não era uma questão de oposição entre Marx e Bakunin, nem entre o “marxismo” (que não existia) e o “anarquismo” (que também não existia). Era uma questão de oposição entre dois modelos de sociedade dos quais nem Marx nem Bakunin foram os inventores, mas que eles transmitiram de alguma forma, apesar de si mesmos, e dos quais eram os porta-vozes. Se fôssemos colocar o problema em termos de “materialismo histórico”, deveríamos nos perguntar quais foram os elementos materiais que levaram à formação desses dois projetos sociais/políticos, dessas duas estratégias diferentes e quais foram as forças sociais que as apoiaram.

Em 1965, foi publicado um livreto com textos selecionados de Bakunin. O autor do prefácio, François Munoz, propôs uma

²⁰⁴. René Berthier, “Social-democracy & Anarchism. – About Mike Macnair and hatchets”, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article607>.

abordagem materialista da oposição entre Bakunin e Marx, ou seja, baseada nas condições reais de vida dos trabalhadores da época. Não é necessário dizer o quanto o Sr. Nimtz é retrógrado em sua reflexão sobre a questão.

“Com Bakunin: os trabalhadores da indústria catalã e os mineiros de Borinage, que não podiam esperar nenhuma reforma pacífica, já que até mesmo suas simples greves eram afogadas pelos ricos em derramamento de sangue. Com Bakunin: a juventude desvalorizada da Itália, cujo futuro estava bloqueado. Com Bakunin: os camponeses desesperados da Andaluzia, presas famintas dos grandes proprietários de terras, que formavam fortes setores da Internacional. Com Bakunin em Genebra, os trabalhadores estrangeiros, que faziam os trabalhos mais difíceis e eram mal pagos, desprezados e sem direitos políticos.

“Com Marx: os sindicalistas ingleses, tão satisfeitos com o movimento pela reforma eleitoral que logo se tornou para eles um fim em si mesmo: amanhã os trabalhadores votarão, e então tudo será necessariamente rosa, não é mesmo? Bem, eu quis dizer vermelho. Mas por hoje deixe o vermelho de lado: é violento demais e pode chocar nossos possíveis aliados, os liberais. Com Marx, os social-democratas alemães, que já naquela época tinham todos os vícios da social-democracia, esses vícios que atolaram o marxismo em toda parte (...): as esperanças mais loucas no sufrágio universal, nas reformas alcançadas por um parlamento burguês por meio de alianças e compromissos duvidosos com os ‘liberais’. Com Marx: em Genebra, os cidadãos-trabalhadores da indústria relojoeira, que formavam uma espécie de aristocracia trabalhista respeitada e considerada, que ganhavam duas vezes mais do que os trabalhadores dos ‘trabalhos pesados’, que tinham alguma educação e direitos políticos, que estavam todos ocupados fazendo alianças eleitorais com os ‘radicais’ burgueses²⁰⁵.”

²⁰⁵ François Munoz, *Bakounine La liberté*, seleção de textos. Jean-Jacques Pauvert, 1965. Prefácio, pp.13-14.

De fato, François Munoz não está totalmente certo: em 1872, os sindicalistas britânicos haviam perdido grande parte de seu interesse pela Internacional. E ele não menciona os blanquistas que apoiaram o projeto do Conselho Geral de transformar a IWA em um partido político. Após o Congresso de Haia, os blanquistas ficaram muito desapontados, pois tiveram a impressão de que haviam sido manipulados por Marx.

A abordagem de Bakunin era perfeitamente materialista, pois se baseava na observação da grande heterogeneidade das condições objetivas nas quais as várias federações da Internacional estavam inseridas: elas estavam, diz Bakunin, “em condições tão diferentes de temperamento, cultura e desenvolvimento econômico”²⁰⁶ que era impossível adotar um programa aplicável a todas as federações. Era necessário deixar o debate político evoluir por meio de um amadurecimento gradual. Somente um amadurecimento progressivo da classe trabalhadora internacional, uma unificação das condições de existência e um *debate político livre* poderiam levar à definição de um programa para toda a classe trabalhadora. A questão é que Marx estava perfeitamente ciente disso e concordava totalmente com Bakunin nesse ponto, *na medida em que se referia ao movimento sindical*. Ele também considerava que os sindicatos não deveriam adotar um programa uniforme e obrigatório. Então, onde estava o problema? Simplesmente aqui: ao contrário de Bakunin, Marx considerava a IWA como uma Internacional de partidos políticos. É aí que reside o problema e, se não tivermos isso em mente, não poderemos entender as questões reais da oposição entre os dois homens.

A sociedade europeia na qual eles evoluíram carregava dois modelos políticos e sociais relacionados ao respectivo desenvolvimento das forças produtivas e das superestruturas políticas que as sustentavam. Esses dois modelos não eram conciliáveis, no sentido de que era impossível impor uma estratégia uniforme em contextos radicalmente diferentes. A diferença entre esses dois contextos forma a base material da divisão entre “anarquismo” e “social-democracia”. É claro que devemos ir além

²⁰⁶ Bakounine, *Écrit contre Marx*, Champ libre, III, 179.

das explicações simplistas sobre o conflito entre os dois homens, que é uma abordagem idealista.

Bakunin, que pressentia esse fracasso, observou que havia uma clara divisão entre os países latinos e anglo-germânicos. O revolucionário russo rapidamente esboçou essa visão, sem insistir. César De Paepe também teve a intuição da fissura que dividiria o movimento trabalhista, e talvez por isso tenha imaginado a possibilidade de duas Internacionais: uma para os países latinos e outra para os países do Norte. É claro que essa não era a solução.

A Europa na década de 1870 estava dividida em países onde existiam, mesmo em um estágio embrionário, diferentes formas de mediação social, como democracia representativa, sindicalismo etc. E países onde essas formas de mediação não existiam ou eram reprimidas. No primeiro caso, a implementação de estruturas de mediação e negociação entre a classe trabalhadora e o capital levou a um certo grau de concessões circunstanciais de ambos os lados. O Parlamento era um desses órgãos de mediação. Esse foi o caso da Inglaterra, da Alemanha e da Suíça: mesmo que o sistema representativo fosse parcial, ele estava obviamente evoluindo de forma positiva. Nos países em que não havia estruturas de mediação, como a Espanha e a Itália e, em grande parte, a França e a Bélgica naquela época, a menor reivindicação dos trabalhadores das fábricas e do campo provocava reações armadas do poder: policiais ou soldados que frequentemente atiravam. O trabalhador tentado pelo reformismo estava rapidamente enfrentando homens armados: polícia, exército ou bandidos.

Não havia lugar para o reformismo.

Entre os dois conjuntos de exemplos, havia a situação intermediária: França e Bélgica, onde o poder reprimia o movimento trabalhista, mas progressivamente fazia concessões políticas e sociais: sufrágio universal, sindicatos legais etc., às vezes como resultado de lutas trágicas, como a Comuna de Paris ou as duríssimas greves na Bélgica pelo sufrágio universal. Isso não significa que a polícia tenha deixado de atirar nos trabalhadores e camponeses, mas essas práticas diminuíram e acabaram desaparecendo – na França, por volta de 1908-1909, quando a CGT percebeu que as greves violentas causavam muitas baixas entre os trabalhadores e concedeu um espaço maior para a negociação.

Na verdade, a questão principal não era: “Devemos votar ou não?”, mas “Podemos melhorar nossa situação por meio de negociação (sindicatos) e mediação (Parlamento)?” A Federação Jura via as coisas de forma diferente: os trabalhadores deveriam aproveitar as vantagens por meio do confronto, em um momento em que os confrontos violentos estavam começando a diminuir e as alternativas pareciam surgir com as eleições? A maioria dos trabalhadores provavelmente preferiria evitar confrontos violentos porque os dias não pagos tinham consequências dramáticas, e nunca foi agradável ser brutalizado pela polícia.

Se em países latinos como a Itália e a Espanha o movimento revolucionário permaneceu ainda muito ativo, não foi porque os “latinos” foram geneticamente programados para serem revolucionários, mas porque o desenvolvimento material global da sociedade, o nível de desenvolvimento cultural, as instituições, o estado de espírito das classes dominantes, etc., eram tais que não havia mediação, nenhuma cultura de negociação entre o Estado e o capital, de um lado, e a classe trabalhadora, de outro. A repressão estatal das lutas econômicas e o poder ditatorial deixavam poucas opções para a classe trabalhadora além da ação revolucionária.

Uma vez que a brecha foi aberta para o estabelecimento de um sistema representativo, a classe trabalhadora e, especialmente, algumas de suas elites, se apressaram em passar por ela. Bakunin não viu esse ponto, mas ele tinha um ponto de vista que ainda é relevante sobre as tentações oportunistas dos socialistas e das elites da classe trabalhadora que usam a classe trabalhadora como um trampolim para suas carreiras políticas.

Neste ponto de minha conclusão, pode-se ter a impressão de que a estratégia social-democrata foi, em última análise, boa, já que a cultura da mediação se tornou generalizada. Mas não se deve esquecer a análise extremamente relevante que Bakunin fez da democracia parlamentar: Marx e Engels, que eram tudo menos sociólogos, estavam convencidos de que a classe trabalhadora era ou se tornaria a maioria e que naquele dia enviaria o partido socialista ao poder. Essa é uma ilusão na qual Bakunin nunca caiu.

Segundo ele, o fato de a classe trabalhadora ser maioria ou não não era decisivo: como discípulo de Proudhon, ele sabia que a sociedade funcionava apenas porque os proletários produziam o que as pessoas precisavam:

“Muitas vezes acontece que um trabalhador muito inteligente é obrigado a se calar diante de um tolo erudito que o vence, não pelo espírito que ele não tem, mas pela instrução da qual o trabalhador está privado, e que ele pôde receber porque, enquanto sua tolice se desenvolvia cientificamente nas escolas, o trabalho do trabalhador o vestia, alojava, alimentava e fornecia todas as coisas, mestres e livros, necessárias para sua instrução²⁰⁷.”

Bakunin sabia que, para chegar ao poder, o Partido Socialista teria de fazer alianças (“contra a natureza”, disse ele) com partidos da esquerda liberal. Ao fazer isso, acrescentou, o partido mais moderado imporá sua política ao partido radical.

Não é preciso dizer que a história provou que ele estava certo.

R.B.

Novembro de 2016 a fevereiro de 2017

* * * * *

²⁰⁷ Bakounine, ” L’Instruction intégrale”, *L’Egalité*, 31 juillet, 7, 14, 21 août 1869. CDRom IISH Amsterdã.

ANEXO I

Alguns livros sobre Bakunin e a IWA em inglês

- Bakunin: Selected Texts 1868-1875n Anarres Editions.
- [Mikhail Bakunin: A Base Filosófica de Sua Teoria da Anarquia](#) por Paul McLaughlin
- [O Manual de Bakunin – Tudo o que você precisa saber sobre Bakunin](#) por Brad Duffy
- [Essential Bakunin](#), de Mikhail Bakunin
- A filosofia política de Bakunin: [Anarquismo Científico](#) 3 de maio de 2015 por [Michael Bakunin](#) e G.P. Maximoff
- [O Primeiro Cisma Socialista: Bakunin vs. Marx in the International Working Men's Association \(Bakunin vs. Marx na Associação Internacional dos Trabalhadores\)](#) por [Wolfgang Eckhardt](#)
- [Bakunin](#) por Sam Dolgoff
- [Bakunin e o sujeito humano](#) por Brian Morris
- [Bakunin on Anarchy \(Bakunin sobre Anarquia\) \(RLE Anarchy\): 4 \(Routledge Library Editions: Anarchy\)](#)
- [Michel Bakunin comunista](#) por Guy Alfred Aldred
- [Anarquismo e Marxismo](#), de [Daniel Guérin](#)
- [Doutrina do Anarquismo de Michael Bakunin](#) por Eugene Pyziur
- [Michael Bakunin](#) por Edward Hallett Carr
- [A filosofia social de Bakunin: Escrito por George Politis, Edição de 2006, Editora: Trafford Publishing \[Brochura\]](#) por George Politis
- [Uma Crítica ao Socialismo Estadode](#), de [Mikhail Aleksandrovich Bakunin](#) e Warren Richard
- [Bakunin, a Filosofia da Liberdade](#) por Brian: B Morris

ANEXO II

Sobre Bakunin e organizações secretas

- Arthur Lehning, “Bakunin's Conceptions of Revolutionary Organisations and their Role: a study of his ‘Secret Societies’”, em *Essays in Honour of E.H.Carr*, Editores: Abramsky, Chimen, Williams, Beryl J. (Eds.). 1974.

- M. Vuilleumier, “La concezione bakuniniana dell’organizzazione rivoluzionaria”, em Bakunin cent'anni dopo, Atti del convegno internazionale di studi bakuniniani, Edizioni Antistato (1977), pp. 403-421
- Jean-Christophe Angaut, prefácio da obra de Bakunin “Principes et Organisation de la Société Internationale Révolutionnaire”, Éditions du Chat ivre, 2012.
- René Berthier, “Action et Organisation” (<http://monde-nouveau.net/spip.php?article585>); “Masses et minorités révolutionnaires” (<http://monde-nouveau.net/spip.php?article586>)
- René Berthier, apresentação e notas para “Le Catéchisme révolutionnaire” [de Bakunin], <http://monde-nouveau.net/spip.php?article253>

ÍNDICE

1. – Registros	7
2. – Debates, democracia e maioria.....	18
Houve algum debate dentro da IWA?.....	18
Democracia?.....	28
Maioria?.....	38
3. – Política e abstenção.....	44
Abstenção e “ação política da classe trabalhadora”	48
IWA: O modelo de organização de classes.....	51
Autonomia dos trabalhadores.....	55
Incompreensão marxista.....	58
4. – Movimento político ou organização de classe?.....	59
Bakunin contra as greves?.....	63
Início das hostilidades.....	66
Bakunin previu.....	69
5. – Conspiração, comunicações secretas e expulsões.....	70
Comunicações secretas.....	73
A Aliança.....	76
Mehring sobre a Aliança.....	80
A “Alianza” espanhola.....	83
Expulsões.....	87
Conclusão.....	93
ANEXO I.....	101
ANEXO II.....	102